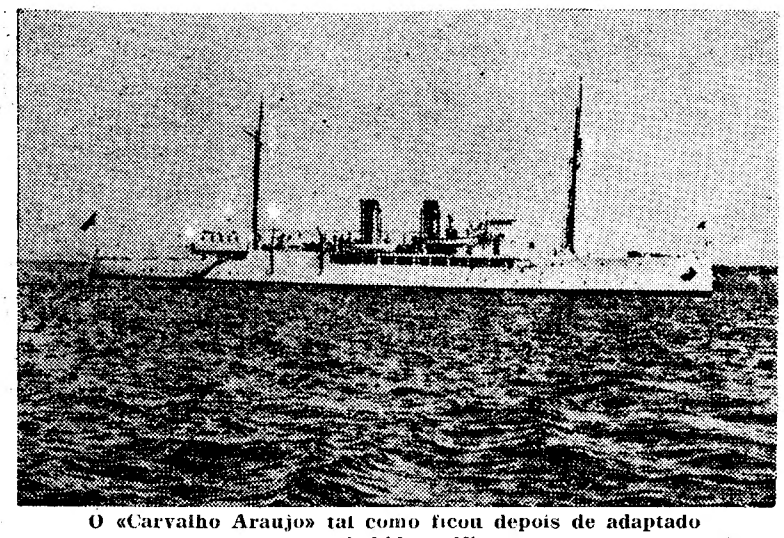
FUNDADOR — JOAQUIM MANSO SÁBADO, 18 DE JULHO DE 1959 ANO 39.º — NÚMERO 13 149

Diario de Lisbôa

DIRECTOR — NORBERTO LOPES
DIRECTOR-ADJUNTO — MARIO NEVES

TELEF.: 20271, 20272, 20273, 21154 e 21155 REDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRAFICA EDITOR — J. CHRISOSTOMO DE SA
ENDEREÇO TELEGRAFICO: D I B O A RUA LUZ SORIANO, 44 a 48 — LISBOA ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2. NÚMERO AVULSO: UM ESCUDO



O «Carvalho Araujo» tal como ficou depois de adaptado a navio-hidrográfico

O desaparecimento

do velho «Carvalho Araujo»

faz reviver curiosos episódios da vida nacional contemporânea

Com o laconismo usual em documentos desta natureza, uma portaria do ministro da Marinha, assinada na dias, mandou abater ao efectivo da Armada o velho navio-hidrográfico «Carvalho Araujo», antigo aviso e até antigo cruzador (!) que há muitos anos prestava serviço nas águas de Angola, fazendo base na Ilha de Luanda.

Tem história este pequeno navio de 1.100 toneladas, adquirido em 1919, com o seu similar «Republica», este já desaparecido há anos. Faziam ambos parte de um lote de navios de que a Inglaterra se queria desfazer, após o fim da primeira guerra mundial. Fatigados pelo intenso período das hostilidades, não interessavam na paz a uma nação que ainda era, por essa altura, a primeira potência naval do Mundo. Portugal acorreu pressuroso ao anuncio do «leilão»... Destinara-se uma verba para seis navios daquele tipo mas, como de costume, as conversações arrastaram-se, discutiram-se e voltaram a discutir-se aspectos secundários do proble-

MAURICIO DE OLIVEIRA

(Continua na 13.ª página)

A OFENSIVA na Argélia

ARGEL, 18 — Um informador do comando militar declarou que a operação «Faisca», que continua nos montes Hodna, causou já aos rebeldes a perda de 418 homens e 618 armas. Foram postos em liberdade doze civis muçulmanos que estavam prisioneiros dos rebeldes.

A operação prossegue agora para Leste, na região confinante com os montes Aurés. As forças da ordem perderam 34 homens desde que a operação começou, em 9 do corrente. — (F. P.).

Demitiu-se o presidente da República de Cuba

forçado pela atitude de Fidel Castro

HAVANA, 18. — O ministro do Interior anunciou a demissão do presidente dr. Manuel Urrutia, que fora aceite pelo conselho de ministros.

Fidel Castro, que comunicara, oficialmente, a sua demissão ás 20 e 30 (hora local), dizendo ter a sua atitude sido motivada por dificuldades com o presidente da Republica, retirou, esta manhã, o pedido de demissão do cargo de primeiro-ministro, após a renuncia do presidente Urrutia.

Oswaldo Dorticos foi nomeado presidente da Republica, em substituição do dr. Manuel Urrutia, que anunciou o seu propósito de não sair do país e pediu ao major Raul Castro, chefe das Forças Armadas, para destacar uma guarda conveniente para a sua residência.

Teria sido em consequência de um desentendimento grave com Fidel Castro, que o presidente Urrutia decidiu demitir-se.

Houve, de resto, tranquilidade absoluta durante toda a noite, em Havana. — (F. P. e A. N. I.).

A atitude do presidente Urrutia

HAVANA, 18 — Falando durante a noite, perante cerca de 4.000 pessoas, o presidente Urrutia declarou que «a revolução cubana não pode ser dirigida por outra pessoa que não seja Fidel Castro», mas salientando, ao mesmo tempo, que não tencionava apresentar a demissão, pelo que a sua decisão, esta manhã, foi acolhida com surpresa.

Fidel Castro, por seu turno, discursou pela TV, insistindo em que se via obrigado a abandonar o Governo por causa de divergências, «mais de ordem moral do que ideológica, com o presidente Urrutia». Não explicou mais claramente em que consistiam essas divergências, salientando apenas que só com o afastamento de um dos dois se obteria uma solução.—(A. N. I.).

Não foi aceite a demissão de Fidel Castro

HAVANA, 18 — O novo presidente da Republica, Oswaldo Dorticos, pediu, durante a noite, ao primeiro-ministro, Fidel Castro, que retirasse a demissão. Pouco antes, Dorticos tomara posse do cargo supremo da nação, na esplanada do palácio presidencial.

(Continua na ultima página)

Terminou a conferência dos "Três Grandes" da Africa Ocidental

MONROVIA (LIBÉRIA), 18 — Segundo os meios afectos á conferência de Sanquellie, os «Três Grandes» da África Ocidental (Tubman, presidente da Republica da Libéria; N'Krumah, primeiro-ministro de Ghana, e Seku Ture, chefe do Estado da Guiné) teriam terminado ontem, as suas conversações, devendo a manhã de hoje ser consagrada á redacção do comunicado final.

Os três dirigentes africanos parecem ter chegado a acordo sobre todos os assuntos, figurando entre os 9 pontos da sua ordem do dia, a discriminação racial, os ensaios nucleares no Sahara, a conferência dos Estados africanos e a questão do Sudoeste de África.

Contudo, resta encontrar um compromisso quanto á forma, métodos e data para execução das medidas projectadas com vista á cooperação da unidade africana.

Um outro assunto que ficou em

(Continua na ultima página)

Nota do dia

CRISE DE ALOJAMENTO

A crise da habitação não se faz sentir apenas entre os vivos, estende-se agora também ao reino dos mortos. Ampliam-se a toda a pressa cemitérios e constroem-se outros, porque não chegam os existentes para sepultar condignamente os restos mortais dos que passam desta vida para outra considerada melhor. Os jazigos municipais de renda económica já não dispõem de um lugar vago para aqueles que pretendem por pouco dinheiro uma jazida perpétua e decente onde possam dormir tranquilos até serem acordados um dia pelas trombetas de Josafat. Tal como acontece com os terrenos, que se disputam por preços astronómicos, para moradias de luxo ou prédios de rendimento, o preço do metro quadrado para jazigos de família torna-se cada vez menos acessível às pessoas remediadas que desejam habitação confortável e independente para essas longas férias em que os ossos se propõem repousar em paz depois de se terem libertado da alma, que tantos desgostos nos dá. Não se pode viver, porque as rendas de casa sobem, a vida encarece, os transportes colectivos não chegam, os parques de automóveis estão a deitar por fora e as pessoas acotovelam-se nos passeios ou disputam um palmo de areia nas praias. Mas também não se pode morrer, porque as dificuldades de alojamento são cada vez maiores, os preços da viagem cada vez mais caros e a promiscuidade dos cemitérios cada vez mais incómoda. Não quer dizer que se morra mais. Pelo contrário: morre-se menos. A média de duração da vida aumenta. Mas nasce-se mais. Os saldos fisiológicos e o urbanismo criaram nas grandes cidades este problema grave. Os cemitérios já não chegam para dar sepultura condigna a todos os que morrem. E a crise atinge tanto aqueles que fazem questão de albergar os seus preciosos ossos em ricos mausoléus, como os que desejam uma sepultura modesta com direito a que não vão lá incomodá-los antes do Juízo Final, como ainda os que se contentam com os sete palmos de terra de uma campa rasa onde possam dormir tranquilos até á eternidade, se não houver telefonia de vizinho ou escola de meninos à sombra dos ciprestes.

Novo direito feminino: o acesso ás urnas

AS CARREIRAS FEMININAS EM PORTUGAL — (3)

A mulher portuguesa *perante a lei* e perante os direitos dos homens

A ascensão da mulher portuguesa a profissões, actividades e funções que não há ainda muitos anos eram considerados casos de excepção com certo cunho de exotismo, é um facto que se generaliza cada vez mais largamente. As consequências de tal facto na transformação da sociedade portuguesa já não podem ser nem ignoradas nem menosprezadas. Como em tantos outros países, estamos a caminho de uma nova civilização em que o papel crescente da mulher na vida social, sob todas as suas formas, será uma das características mais relevantes. O tempo das nossas avós caseiras, recolhidas em trabalhos tipicamente femininos e em subalternidade mais ou menos elegantemente disfarçada perante o homem, está ultrapassado. E á transformação da vida terá de associar-se a definição correspondente dos direitos. A lei, incluindo as suas expressões políticas, tem de ser a imagem da realidade social.

Até 1931 não houve em Portugal

(Continua na página seguinte)

Diario de Lisbôa
publica hoje
32
páginas
nas quais se inclui
MAGAZINE

ESTA SEMANA, DIZ O MÉDICO..

Realidade da Nevrose (2)

pelo DR. AUGUSTO D'ESAGUY

NÃO há apenas uma nevrose, há muitas, confundindo-se e amalgamando-se. Não existe um quadro clínico único. Verifica-se para cada enfermo um quadro complexo, sortido, variado impossível de emoldurar numa descrição resumida e simples, sem recantos e becos ou surpresas para o observador meticuloso.

À volta do problema principal, centralizador, existem outros, muitos

(Continua na 15.ª página)

TRANSPORTADO PARA O PORTO NOS AVIÕES DA T. A. P.

As dr.as D. Domizila de Carvalho, D. Maria Candida Parreira e D. Maria Guardiola, as primeiras deputadas que tomaram parte nos trabalhos da Assembleia Nacional, em 1935, fotografadas com o eng. Pinto da Mota, que presidiu á sessão preparatória

De ontem para hoje

EM CASA PRÓPRIA

A Associação Comercial de Lisboa celebrou ontem o 125.º aniversário. Festa emotiva nas Portas de Santo Antão, naquela sala onde tantos esplendores têm passado e onde se têm debatido assuntos que decisivamente influenciam os destinos da classe mercantil de Lisboa. O edifício tão característico com obras de arte notáveis, ressentindo-se muitas da primeira finalidade mundanal da casa, entrou já na história da vida económica da nação. Na galeria dos presidentes encontram-se figuras de primeiro plano na vida política, social e comercial do País. Pois a Associação Comercial de Lisboa que, como qualquer de nós, indivíduos ou associações, aspirava a ter uma casa própria a que pudesse chamar sua, satisfez ontem esse desejo. Daí a emoção contida que tomava os assistentes ao acto de ser lavrada e assinada a escritura de compra do edifício. Os comerciantes poderão dizer que estão realmente em sua casa, a partir de agora, quando transpuserem as portas elegantes da sede. Bem pôde, por isso dizer o seu presidente, conde de Caria, que «a Associação Comercial de Lisboa — Camara de Comércio acaba de marcar o quinto quarto de século da sua existência com uma pedra branca, digamos melhor, com pedra de ouro, graças a Deus».

FEIXE DE NOTICIAS

O rio Tua, em Mirandela, é uma beleza. Espreguiça-se numa curva larga e as águas de prata espraiam-se pelo areal vasto, cortado pela ponte que é o ex-libris da vila progressiva. As lavadeiras batem a roupa e cantam á beira dos salgueiros e, na margem direita, a Senhora do Amparo, a tudo preside com seu manto de bênção para as gentes e terra que todos os anos lhe faz festa de arromba. Nessa aguarela rustica se enquadra a fraga dos Pelames conhecida de todos aqueles que no Verão afogaram suas calmarias nas águas do rio. Ora ontem á noite essas águas estavam lindas, lindas de apetecer. E da fraga dos Pelames os banhistas atiravam-se ao rio e, regalados, vinham depois á superfície sacudindo a cabeça. Mas estava escrito que, junto á capela da Senhora do Amparo, haveria tragédia e luto. E houve. Alberto Augusto Afonso Fernandes, de 23 anos, de Vale de Nogueira, atirou-se á água mas não refluiu á superfície. Tiraram-no depois os bombeiros.

*** A égua andava no pasto em Santa Maria de Eneres. Tomava conta dela Armando Cardoso, de 14 anos, criado de lavoura. Quando a viu bem comida, o Armando montou-a, sentindo-se, em cima dela, um rei que vai para a guerra E ele ia para a morte! Senhor de si, e na sua inconsciência, apertou a arreata á cintura. Convidou o seu amigo José Pedro, de 13 anos, a montar também. O animal espanta-se e larga á desfilada e atira a terra com os dois cavaleiros mas a arreata estava bem firme e arrastaria um deles até o animal parar e parar o coração do Armando Cardoso. O José Pedro está entre a vida e a morte. Oxalá vença a primeira!**

JORNAL PEQUENO

O sr. Presidente do Conselho trabalhou ontem com o sr. ministro da Economia e recebeu o sr. nuncio apostólico. * Em Fermelã, Estarreja, Manuel Pires Rebelo, de 20 anos, foi tomar banho no lago sob a ponte de Canelas. Os pais receberam depois em casa, um cadáver.

*** Perto de Ferreira do Alentejo, a sr.ª D. Maria do Rosário Beja, de 95 anos, foi colhida por um automóvel. Chegou morta ao hospital. * José Lopes, do lugar de Souto, Vila Cã, foi colher figos, mas em tão má hora, que caiu, fracturou o cranio e morreu. * No lugar de Agoucida, Mosteiro, Vila da Feira, o operário José Fernandes caiu com uma pedra que arrancara e o esmagou e a mais seis vidas pois deixa viuva e cinco filhos menores.**

VIDA ARTISTICA

Exposição individual de d'Assumpção

No Porto, onde habita desde há cerca de um ano, o pintor Manuel d'Assumpção vai realizar, a partir do dia 25, na galeria Domingues Alvarez, uma exposição individual, com obras das quais algumas inéditas.

O certame que está aberto ao publico durante cinco dias, reune telas como «Sibila» e «Antígona» respectivamente das colecções particulares do poeta António Pinheiro Guimarães e Oscar Lima Barbosa. Serão expostos também «Noite Moderna» e «Composição Mágica» que estiveram no «Salão dos Novissimos promovido pelo S. N. I., em concurso para o prémio «Amadeo Sousa Cardoso», e o retrato de António Maria Lisboa, pintado em Paris em 1949. Pelo valor extraordinário da pintura de D'Assumpção, o caso mais importante da jovem pintura abstracta, esta exposição está a despertar o mais vivo e justificado interesse no Porto.

Exposição de pintura

No salão de Turismo das Caldas da Rainha, por ocasião das Festas da Cidade, Alvaro Pinto fará uma exposição de alguns dos seu trabalhos. A exposição será inaugurada no dia 15 de Agosto e estará aberta até 23 do mesmo mês.

As carreiras femininas

(Continuação da pagina anterior)

direitos políticos reconhecidos á mulher. Recorda-se o facto curioso de ter sido esquecida na legislação eleitoral de 1911, em pleno alvorecer do regime republicano com as suas tendências mais igualitárias no domínio institucionalista, a menção do sexo masculino como detentor exclusivo do direito do voto. A lei concedia esse direito aos *cidadãos* com determinadas garantias de idoneidade cívica sem especificar o sexo. E uma médica, ciosa da sua personalidade política, a dr.ª Carolina Angelo, requereu por esse facto a sua inscrição nos cadernos eleitorais e votou, de facto, nas eleições para deputados. Foi um acontecimento excepcional, mas determinou um princípio. Daí em diantê a qualidade masculina passou a ser expressamente designada nas leis eleitorais.

Os tempos evoluiram e, em 1931, uma lei que precedia de pouco a Constituição de 1933 reconheceu á mulher, em certas condições, o direito de eleitoras e elegíveis para as juntas de freguesia. Circunscrevia-se o privilégio ás chefes de família, viuvas e divorciadas com família a seu cargo, mulheres casadas com o marido ausente, etc. Mas era um passo inicial e o princípio permaneceu. As mulheres diplomadas com o curso completo dos liceus foi reconhecido o direito de voto nas eleições administrativas e legislativas de mais elevado grau.

O reconhecimento do direito de voto à mulher portuguesa

Na Constituição de 1933 (artigo 5.º, parágrafo unico), prescreve-se: «A igualdade perante a lei compreende o direito de acesso aos cargos publicos, ...etc., salvo, para a mulher, as diferenças inerentes á sua própria natureza e ao bem-estar da família». E a lei eleitoral que se lhe seguiu, bem como outras disposições posteriores, concederam e sancionaram o direito de voto nas eleições para a Assembleia Nacional e várias fases da designação de procuradores á Camara Corporativa ás mulheres maiores de 21 anos que vivam do seu trabalho ou rendimentos, ás mulheres que desempenharem efectivamente a função de chefes de família, ás que tiverem diploma de curso liceal e superior, e ás que paguem ao Estado, em quaisquer condições, determinada contribuição. Estas condições expressas, admitindo o acesso da mulher ás urnas, excluem, todavia, do sufrágio, parcelas elevadíssimas de mulheres, em circunstancias idênticas ás do homem.

Não seria tempo de se reverem estas disposições? A vida social evoluiu profundamente e tudo sugere que vai transformar-se com maior celeridade ainda nos tempos próximos. A reivindicação de mais igualitários direitos femininos tem a lógica das próprias realidades em marcha da vida social e implica novos conceitos, baseados em novas fórmulas efectivas do viver comum.

O problema da igualdade civil entre os dois sexos envolve aspectos ainda mais variados e complexos, embora essa igualdade seja reconhecida em doutrina geral — que as consequências do casamento alteram profundamente. A mulher não tem capacidade para contratar sem autorização do marido»; a mulher não pode contrair dívidas sem autorização do marido (art.º 116 do Código Civil); a mulher não pode contraír quaisquer obrigações sem a mesma autorização (art.º 1.193); embora o domínio dos bens mobiliários pertença em comum a ambos os conjuges, o marido pode aliená-los enquanto durar o matrimónio, ao passo que a mulher não pode livremente dispor nem sequer dos mobiliários próprios («Direitos de Família», pelo dr. L. Cunha Gonçalves); a administração dos bens do casal, sem excepção dos próprios da mulher, pertence ao marido, no casamento em regime de comunhão de bens; depende de autorização marital quer a continuação pela mulher do exercício da profissão que praticava em solteira quer a aquisição posterior de uma profissão; o Código Comercial exige autorização especial do marido para a mulher comerciante se associar com terceiros numa sociedade em nome colectivo; a mulher não pode ausentar-se do País sem autorização legalmente acreditada do marido; etc.

Estes exemplos — pois só de exemplos se trata entre muitos outros casos de efectiva desigualdade jurídica dos sexos — são reveladores da permanência de conceitos que vêm de passado remoto e não tiveram ainda adequado ajustamento ás condições de vida da mulher contemporanea.

As condições de acesso da mulher ao funcionalismo público

O acesso ao funcionalismo publico não está regulado legalmente no que respeita aos sexos. Por não haver lei que o proiba, admite-se o ingresso individual da mulher no exercício da maioria dos cargos publicos — mas na prática verifica-se que lhe é vedado, muitas vezes, o acesso ás funções superiores. Senhoras portuguesas têm sido deputadas — mas nenhuma teve ainda lugar no Governo. Não há senhoras nas funções de directores-gerais, como em muitas outras de direcção de serviços. As funcionárias do Ministério dos Negócios Estrangeiros não estão autorizadas a contrair matrimónio, sendo automáticamente demitidas quando casam. E conhecem-se as restrições que envolvem o exercício de certas profissões, como os de enfermeiras; as diferenças legalmente autorizadas de salários entre os sexos, mesmo em trabalhos manifestamente identicos; e muitas outras formas de desigualdade que suscitam naturais e legítimas interrogações.

A continuidade das tendências que presidem á evolução das sociedades civilizadas no presente não pode deixar de suscitar contradições entre as realidades e os direitos no que respeita á vida da mulher portuguesa. É de reconhecer que tal evolução terá de implicar uma acção educativa simultanea, apropriada nos métodos, previsora na orientação. Mas recusar o próprio facto das transformações radicais que estão a processar-se no viver feminino, através dos costumes, do acesso crescente da juventude desse sexo ao ensino secundário e superior, da invasão das actividades profissionais pela mulher, com todos os seus reflexos de independência material e moral, é incorrer numa ilusão que só pode levar a nocivos contrastes.

A educação das novas gerações, a organização económica, as práticas políticas, terão de se contar irrevelsívelmente com as realidades femininas que avultam cada vez mais no Mundo civilizado. A mentalidade de ambos os sexos terá de transformar-se em face delas — e só haverá vantagem social em que se transforme sob as inspirações de uma educação e uma cultura renovadas. Os hábitos, de vida vão modificar-se por forma irresistível — e só terá inconvenientes que o regime jurídico e profissional instituido para a mulher os ignore. A lei e a prática social são, acima de tudo, factores de equilíbrio no viver humano — e como tal terão de ser entendidos e estabelecidos os direitos da mulher.

A SEGUIR: «A mulher está á altura de ocupar na vida do País lugar paralelo ao do homem».

Reunião do curso

de Agronomia de 1924-1929

Comemorando os trinta anos da sua formatura, o curso de 1924-29 do Instituto Superior de Agronomia reuniu-se hoje em diversas manifestações de confraternização.

Ás 12 horas, houve missa, na igreja dos Mártires. Seguiu-se depois um almoço no hotel Mundial, que reuniu os engenheiros-agrónomos Quartim Graça, Francisco Aranha, Tavares de Almeida, Calheiros e Meneses, Rodrigo de Castro, Nesdoura Mendes, Sá Carneiro, João Canavarro, José Pulido e Luís Fialho.

Depois do almoço, haverá uma reunião no gabinete do eng. Quartim Graça, secretário da Agricultura, e, ás 17 e 30, os antigos alunos do Instituto Superior de Agronomia visitam aquele estabelecimento de ensino, onde se realiza a sessão de encerramento do ano escolar, a que, noutro local, nos referimos.

SAB-932

FEIRA DE AMOSTRAS DE PRODUTOS PORTUGUESES

F A P P

LEOPOLDVILLE

DE 15 A 29 DE SETEMBRO DE 1959

Pela SABENA viajará com a maior rapidez e comodidade

EM SUPER DC-6 E SUPER DC-7C

Consulte o seu Agente de Viagens ou a

SABENA LINHAS AÉREAS BELGAS

Praça da Alegria, 58, 1.º — Lisboa — Telef. 33538 - 28401

A CIDADE

Caso do dia

Hoje, que as grandes capitais são o sorvedouro dramático, o apelo, quantas vezes o terreno movediço onde se afundam os musculosos filhos do campo, atraídos pela sua ilusória cintilação, Lisboa chama a si gentes de todas as províncias, novos e velhos, na esperança de uma vida melhor, que nem sempre aqui eles encontram...

Muitos são os rapazes que, em demanda de trabalho, deixam suas terras natais para, na vertiginosa cidade, verem frustrados seus anseios de triunfo e felicidade... Aqui começa a história destes três moços, de pouco mais de vinte anos, detidos no mesmo local. Preparavam-se todos eles em circunstancias identicas, para pernoitar entre arbustos, no Parque Eduardo VII, junto dos estaleiros do Metropolitano. Dizem-se serventes de pedreiro... O tempo e a miséria passaram sobre eles, na capital. Já no ano findo, haviam sido recambiados para as suas terras a expensas da Santa Casa da Misericórdia, que lhes pagara as respectivas passagens. Foram, não foram, gastaram o dinheiro e ficaram por cá! Não se sabe ao certo. Eles dizem que sim, que foram, mas as autoridades presumem que não tenham sequer chegado a embarcar.

Nessa altura assinaram todos os três uma notificação da pena em que incorriam se fossem novamente encontrados em Lisboa sem trabalho — 3 meses de multa a 10$00 por dia. Se não a pagassem, teriam de remi-la na cadeia e seriam de novo enviados para as suas terras.

E eis que eles tornam a ser apanhados — adverso destino, ingrata obstinação a deles — e são presentes ao Tribunal de Polícia, acusados de vadiagem. A um deles, José Ramos Cabral, natural de Monsanto (Idanha-a-Nova) foram apreendidos, na ocasião da detenção, uns óculos escuros, dois pentes, uma colher de aluminio, um espelho de algibeira, uma garrafa, uma camisa e um pano. Era toda a fortuna, tirante algumas moedas, que perfaziam exactamente 3$50. A sua indumentária é a de um trabalhador da construção civil. Interrogado pelo magistrado sobre a razão porque viera de novo para Lisboa, declarou que na sua terra não se ganhava o bastante.

Foi condenado em 30 dias de prisão, remíveis a 10$00 por dia, e 50$00 de imposto, que o magistrado declarou irremíveis, levando-lhe em conta um dia de prisão já sofrida. Como não tivesse dinheiro, recolheu, já se vê, á cadeia.

Segue-se o Joaquim Gonçalves, natural de Mondim de Basto, a quem foram apreendidos, no acto da captura, 38$00, um espelho de algibeira, um pente. A mesma bagagem, pouco mais ou menos... Condenado em igual pena, a mesma sorte o aguarda: o regresso forçado á terra de origem, á desilusão, as portas fechadas...

Finalmente o terceiro moço, natural de Celorico, deu dois nomes: Bartolomeu de Cristo Gonçalves e Manuel Gonçalves de Carvalho. Um mistério a tirar a limpo. Na ocasião da captura, tinha apenas consigo 10 escudos, e vestia uma camisa velha, calças usadas de cotim e alpargatas. Este ultimo vagabundo foi mais infeliz do que os seus companheiros de infortunio, por ter dado um nome falso quando da sua primeira prisão. O magistrado pergunta-lhe qual dos nomes é o verdadeiro.

Ele esclarece que é o de Bartolomeu, o outro pertence a um seu irmão. Serviu-se dele com receio de que descobrissem que estava em atraso de pagamento da taxa militar. Nesta altura, intervem no diálogo o delegado do procurador da Republica, que requer ao magistrado que o réu seja enviado á Polícia Judiciária, para ser instruido processo, contra ele por falsas declarações. O magistrado defere o requerimento e suspende o julgamento.

Este foi o unico caso ocorrido ontem que deu motivo á detenção por infracção á lei, entre o milhão de habitantes de Lisboa. De onde se conclui, que, apesar de tudo, esta nossa capital ainda é das mais tranquilas do Mundo...

Pelos hospitais

CAIU DE UM ANDAIME — Quando trabalhava numa obra da Rua Teixeira de Pascoais, caiu de um andaime o servente de pedreiro António Jacinto Silva, de 29 anos, residente na Avenida Santos Dumond, A. S. Transportado á sala de observações do Hospital de S. José, ficou ali internado com contusões na cabeça.

ATROPELADO POR UM AUTOMOVEL — Na Avenida Afonso III, foi atropelado por um automóvel José António Figueiredo, residente na Rua D. Domingos Jardo, 10, cave, que sofreu ferimentos numa perna. Ficou internado na sala de observações do Hospital de S. José.

Quem perdeu?

Relação dos achados ontem, em Lisboa, e entregues na P. S. P. (Governo Civil de Lisboa), um relógio de pulso de homem; um brinco de ouro; uma chave de bocas; uma carteira de Alberto da Silva Damaso; bilhete de identidade e carta de condução de António F. Portela, de Benguela; bilhete de identidade e cartões de José de Oliveira, Horácio da Costa Pirito da Silva e João Manuel Ferreira Paradeia Oliveira; e de António José Fonseca Cavaleiro de Ferreira; uma quantia em dinheiro; dois porta-moedas com dinheiro; dois tampões de roda de automóvel; dois tampões de depósito de gasolina; um sapato de criança; um chapéu de palha de criança; um corta-papel; um lenço de seda; um casaco em lã, de senhora; duas fotografias de senhora; um fio de ouro com uma pedra; uma corda de pita; uns óculos graduados; duas luvas desirmanadas; e argolas com chaves e várias chaves.

Também se encontra no Sindicato Nacional dos Motoristas, o seguinte: uns óculos de sol; uma pasta de cabedal; um saco de cabedal com vários objectos; e uma luva de senhora.

O Congresso Internacional de Pediatria será em Lisboa, em 1962?

Partiu para o Canadá, por via aérea, o sr. dr. Silva Nunes, que vai tomar parte no Congresso Internacional de Pediatria, que se realiza em Montreal, integrado na delegação portuguesa, também constituída pelos srs. professores Castro Ferreira e Carlos Salazar de Sousa, dr. Mário Cordeiro e Salazar de Sousa (Filho), os quais partiram já ontem.

Como a próxima reunião do Congresso, que se efectua de três em três anos, alternadamente na Europa e na América, se deve realizar num país europeu, a delegação vai propor que a reunião de 1962 seja em Lisboa.

Os exames em todo o País

Nos liceus, prosseguem as provas orais dos exames da primeira e segunda chamada dos três ciclos.

Continuam também, nas escolas técnicas, as orais dos cursos industrial e comercial. Estão já marcadas, nas diversas escolas, as provas escritas e práticas da 1.ª chamada dos exames de admissão: a 20 e 21 do corrente, nas Francisco de Arruda e Eugénio dos Santos.

Torna-se conveniente que os alunos, com antecedência, tomem conhecimento do seu nome e da respectiva sala.

Os exames do ensino primário

Terminam hoje, nas escolas primárias, as provas orais da maior parte dos alunos do terceiro turno dos exames de 2.º grau (4.ª classe). Os restantes, já muito poucos, prestarão provas, no começo da próxima semana.

A primeira chamada dos exames de admissão ao liceu está marcada para os dias 20 e 21, com início ás 9 horas; a segunda chamada efectua-se em 23 e 24, também a partir das 9 horas.

Exames de adultos

Começam depois de amanhã os exames de instrução primária para adultos: as provas de 3.ª classe, na Escola 33, na Rua Eugénio de Castro (Bairro de Alvalade), na segunda-feira, ás 9 horas; as provas de 4.ª classe (2.º grau), nas escolas 33, 86, 151 e 152, todas no Bairro de Alvalade, na quarta-feira, ás 9 horas, conforme as relações afixadas no átrio da direcção do Distrito Escolar de Lisboa e nas respectivas escolas.

Exames do Conservatório

Efectuam-se amanhã, ás 15 horas, no Teatro Nacional de D. Maria II, os exames dos alunos dos cursos de teatro e do curso de dança (bailarinos). Prestam provas os alunos: Adriano Augusto Morais Cristino e Maria de Fátima Marques Pereira, da disciplina de Arte de Representar e Encenação; e Fernando Mateus Rodrigues e Manuela Varela Cid, da disciplina de dança.

A marcação dos lugares pode fazer-se no Conservatório Nacional, todos os dias uteis, das 9 ás 12 e das 14 ás 17 horas.

O ministro da Educação do Brasil visitou edificios escolares

O ministro da Educação do Brasil, dr. Clóvis Salgado, que ontem á noite vindo de Roma chegou a Lisboa, acompanhado de sua esposa e de três secretários, visitou esta manhã, acompanhado pelo ministro português da Educação Nacional, prof. Leite Pinto, diversos estabelecimentos de ensino de vários graus da capital.

Em seguida, o sr. dr. Clóvis Salgado almoçou com o encarregado de Negócios da Embaixada do Brasil, sr. dr. Lafayette de Andrada.

Depois de amanhã, o ministro da Educação do Brasil, que tenciona demorar-se apenas cinco dias em Portugal, visitará Evora, devendo passar no Algarve os dias de terça e quarta-feira da próxima semana.

O PORTO pelo telefone

Foram presos os «Pirangas»

PORTO, 18. — Agentes da brigada de Repressão da secção de Justiça da P. S. P., apos aturadas diligências, capturaram sete individuos que faziam parte de uma quadrilha por eles próprios denominada «Grupo dos Pirangas» e se dedicavam ao roubo de automóveis na via publica. Reuniam-se na cave de um «café» da Avenida Fernão de Magalhães, onde combinavam as suas proezas.

A lista dos automóveis roubados é enorme. Os sete delinquentes chamam-se: José Fernando Azevedo Baptista, tipógrafo, residente na Rua Camara Pestana, 500; Alfredo Ferreira Pereira, estampador, morador na Rua das Doze Casas, 78-A; José Coutinho Dias, mecanico de automóveis, Rua da Batariz, 17; José Soares Teixeira, empregado de armazem, Rua Coutinho de Azevedo, 3; José Carlos de Sousa, empregado de escritório, Rua da Bataria, 108; José da Silva, aprendiz de serralheiro, Rua da Corujeira de Baixo, 442; e Joaquim Lopes Gonçalves, vulcanizador, Avenida Fernão Magalhães, 795.

Pertencia ainda ao grupo um tal Tino Cruz, que actualmente se encontra em África. Todos os meliantes conduziam os veículos furtados, embora nenhum deles possuisse carta de condução.

Mais um rato de automóveis

Foi ainda capturado por agentes da mesma secção de Justiça da P. S. P. o empregado de «café» Valentim Dias Fernandes, morador numa barraca localizada no Monte da Granja, o qual transportava uma máquina de filmar no valor de 11 mil escudos, furtada de um automóvel em Espinho há cerca de três meses.

Importante roubo de minérios

O sr. Armando Carvalho, administrador da firma «Dinamica Minerais e Metais Portugueses, Ld.ª», com sede na Rua da Glória, em Águas Santas (Maia), queixou-se á Polícia Judiciária de que lhe furtaram mais de duas toneladas de volframio e de tautalite-colmovite de uns lotes que tinha em armazém.

Foi detido o antigo empregado da firma Joaquim Ferreira, de 28 anos, casado, que confessou ser o autor do furto, denunciando, como seu cumplice, o seu colega de trabalho Manuel António Ribeiro da Eira, de 29 anos, solteiro, morador na Rua Nova de Santa Cruz, em Braga. Este, por sua vez, confessou ter vendido o minério a um negociante daquela cidade.

O roubo atinge o montante de 67.960$00. Os arguidos aguardam julgamento, sob prisão, pois, não lhes foi admitida fiança.

Concentração nacional em Fátima

Organizada pela Sociedade Feminina de São Vicente de Paulo, partiu esta manhã para Fátima uma peregrinação constituida por cerca de 300 pessoas destacidade.

Os peregrinos são acompanhados pelo bispo-auxiliar de Braga, D. Francisco Maria da Silva, e pelo pároco de Matosinhos, dr. Martins Fernandes.

A caravana é constituida por sete camionetas e alguns carros particulares. Antes da partida, foi rezada de 300 pessoas desta cidade. Carmo.

Uma portuguesa na presidência de um organismo internacional de Educação

GENEBRA, 18. — A dr.ª Maria Irene Leite da Costa, do Instituto António Aurélio da Costa Ferreira, foi eleita, por unanimidade, presidente do Conselho do Departamento Internacional de Educação, durante a sessão comemorativa do 30.º aniversário da sua fundação.

A' Conferência Internacional de Instrução Publica — reunida ao mesmo tempo — e convocada pela U. N. E. S. C. O. e pelo Departamento Internacional de Educação, encontravam-se presentes quinze ministros, dez subsecretários e delegados de setenta e nove países.

A sessão abriu com um discurso da dr.ª Maria Irene Leite da Costa.

No final da sessão, a nova presidente do Conselho do Departamento entregou ao prof. Pierre Rovet primeiro director da instituição, uma medalha comemorativa dos 30 anos de existência do Departamento, como organismo intergovernamental.

A dr.ª Maria Irene Leite da Costa apresentou, ainda, uma comunicação sobre o progresso educativo em Portugal. — (A. N. I.).

«DIÁRIO DE LISBOA»

A direcção da Sociedade Portuguesa de Escritores teve a gentileza de nos agradecer o relevo dado pelo «Diário de Lisboa» á notícia da entrega do Prémio Camilo Castelo Branco ao escritor José Rodrigues Migueis. Limitamo-nos apenas a prestar o nosso pequeno concurso á brilhante iniciativa da Sociedade de Escritores e á justa homenagem ao grande prosador e ficcionista.

As penas aplicadas aos oficiais e tripulantes do «Arnel»

PONTA DELGADA, 18. — No julgamento do caso do naufrágio do «Arnel», que terminou após cinco dias de trabalhos, foram pronunciadas as seguintes sentenças: ao capitão do navio, foi imposta a pena de 6 meses de prisão e mais 2 contos de imposto de justiça, por não cuidar do descanso do pessoal; ao imediato, a pena de 4 meses de prisão e mais 1.500$00 de imposto, por ter convidado os tripulantes a trabalhar nas horas de descanso: ao contra-mestre de serviço na ponte, no momento do encalhe, 1 ano de prisão, por ter abandonado o seu lugar; e ao timoneiro, 2 meses de prisão, por ter adormecido durante o serviço, obrigando o barco a desviar-se da sua rota, e por trabalhar, voluntáriamente nas horas de descanso. Os marinheiros que tripulavam uma baleeira que se virou, foram absolvidos.

Todas as penas são remíveis por diversas quantias.

TÁGIDE*PALM BEACH*CONCHA*TÁGIDE*PALM BEACH*CONCHA*TÁGIDE*PALM BEACH*CONCHA

TÁGIDE PALM BEACH CONCHA

L. da Biblioteca — Lisboa Praia da Conceição—Cascais Piscina da Praia das Maçãs

ANNY GOULD

LOS SEVILLANITOS — DIANA, TASSI and I

DEO MAIA — WALTER MACHADO

No PALM BEACH: O famoso Conjunto de MAX MARINO

Grande Prémio do Disco 1959

Nos Salões de Dança — (Maiores de 17 anos)

DOMINGO

PALM BEACH CONCHA

Chá dançante

Consumo obrigatório: ESC. 20$00 — (Maiores de 15 anos)

ALMOCE - JANTE - CEIE

Nos 3 Restaurantes dos bons «gourmets» situados nos recantos mais aprazíveis do mais belo triangulo turistico do Mundo.

TÁGIDE PALM BEACH CONCHA

TÁGIDE*PALM BEACH*CONCHA*TÁGIDE*PALM BEACH*CONCHA*TÁGIDE*PALM BEACH*CONCHA

SEMPRE NA VANGUARDA
DOS ÊXITOS DE MAIOR SENSAÇÃO
TRIO
RUDDY and RODDY e LILI
EM CANÇÕES E BAILADOS EXCÊNTRICOS
A EXTRAORDINÁRIA VEDETA
ANA MARIA GONZALEZ
EM CANÇÕES FLAMENCAS
QUE ARREBATAM O PÚBLICO
E, ainda outras atracções com VILAÇA E SUA ORQUESTRA

KITZ CLUB
EMPRESA RITZ CLUBE
ADULTOS (Maiores de 17 anos
No SALÃO TIPICO: CEIAS com FADOS e GUITARRADAS

O MAIOR ACONTECIMENTO DO ANO
MUITO BREVE: APRESENTAÇÃO
DE UMA ATRACÇÃO GREGA FAMOSA
PELA SUA CATEGORIA ESCULTURAL
E AINDA:
PELA 1.ª VEZ EM PORTUGAL:
O SENSACIONAL E MARAVILHOSO BALLET
VISON
10 FASCINANTES MULHERES

A laranja-fenómeno

Uma laranja

que pesa um quilo apareceu numa laranjeira fora da época própria

PORTO DE MÓS, 18 — Num quintal junto á residência do proprietário sr. Francisco Monteiro, residente no vizinho lugar de Zambujal, freguesia de Alcaria, deste concelho, existe uma laranjeira plantada á doze meses, que este ano, e pela primeira vez, na sua época própria, registou uma produção de trinta e seis laranjas, magníficos exemplares de excelente qualidade da «Baía».

Agora, com surpresa de todos, dado que estamos fora da época, aparece naquela árvore uma grande laranja, ainda em desenvolvimento, que já atingiu um volume maior que o normal e o peso de um quilo.

São inumeras as pessoas que têm visitado o precioso fruto, aguardando-se com justificado interesse o seu completo amadurecimento para se verificar o volume atingido.

Prometia empregos

mas só queria lesar os candidatos

Encontra-se detido na P. J. um indivíduo de nome Vítor Jorge Ravazzini Gonçalves da Silva, já com cadastro, que é acusado de ter lesado vários indivíduos na qualidade de gerente de uma agência de utilidades, com sede na Avenida António Augusto de Aguiar, 4, 3.º, Esq. O Ravazzini lesava as suas vítimas, com anuncios em que oferecia lugares de cobradores e porteiros. Tratava logo de receber importancias, que variavam entre 1.000$00 e 1.500$00 e que gastava em seu proveito, nunca mais se preocupando com a colocação dos lesados.

Tauromaquia

Espectáculos de amanhã

Amanhã, ás 17 e 30, efectua-se, na Barquinha, uma corrida de touros de Manuel da Silva Victorino com os cavaleiros Alberto Luís Lopes e José Mestre Baptista e os matadores Diamantino Viseu e António dos Santos.

A's 17 e 45, em Vila Franca de Xira, precedida de «espera», realiza-se uma garraiada de beneficência, á antiga portuguesa, com os cavaleiros-amadores José Manuel Lupi, Luís Neto Rebelo da Gama, José Baraona Nuncio, Frederico Botelho Neves, José Maldonado Cortes e José Maria do Carmo.

Colóquio no «Sector 1»

Na sede do «Sector 1» realiza-se na próxima segunda-feira, 20, pelas 22 horas, um colóquio durante o qual será exibido um filme colorido da autoria do sócio sr. António Marques Fernandes, sobre algumas passagens das corridas de toiros realizadas por ocasião da Feira de S. João em Badajoz.

Aniversário de «Festa Brava»

«Festa Brava» festeja o seu 13.º aniversário com uma série de palestras a começar no tradicional jantar de confraternização que se efectuará no domingo, 26 do corrente.

TEATROS E CINEMAS

Primeiras representações

O ilusionista Cantarelli, no Avenida

O «ballet» de Paco Lucio

Poucas vezes será possível assistir a um espectáculo idêntico ao que nos apresentaram ontem no Avenida. E' simplesmente inacreditável, tanto mais que a empresa responsável é formada por dois conhecidos e conhecedores homens de teatro.

Quando se anunciava um espectáculo de magia, ofereceram-nos, pura e simplesmente, a prova de que os mágicos não fazem milagres, pois Cantarelli (já conhecido do publico português, que o aplaudiu há uma boa dezena de anos) foi impotente para vencer a série de contrariedades que ele próprio anunciou, ao aparecer em cena meia hora depois da hora marcada para o início da função. Apesar de tudo, o simpático ilusionista pôde mostrar a sua habilidade digital, manuseando cartas e bolas de bilhar, fazendo aparecer e desaparecer objectos, «serrando» uma mulher e suspendendo outra sobre um estrado. Cantarelli fez, ainda, algumas demonstrações de telepatia, considerada hoje uma ciência que conta já numerosos iniciados.

O espectáculo, que uma vez «afinado» pode resultar agradável, tem a colaboração do «ballet» de Paco Lucio, que ontem mereceu as prolongadas salvas de palmas com que os espectadores premiaram o seu acertado trabalho. E teve, por ultimo, uma novidade assinalável: a orquestra, em vez de tocar no «fosso», como habitualmente, tocou na «piscina», pois andou positivamente, o tempo todo a «nadar». — V.

Festas e romarias

Em Monte Real

MONTE REAL, 17 — São aguardadas com muito interesse as festas em honra da Rainha Santa, em Monte Real. O templo será devidamente ornamentado e, á meia-noite do dia 19, uma girandola de foguetes anunciará o início das festividades. Colaboram nas cerimónias as filarmónicas de Marrazes e Monte Redondo, estando ainda prevista a concentração dos círios junto do templo da Rainha Santa Isabel, seguida de missa solene, sermão e procissão. Da parte da tarde, haverá arraial, com leilões, fogaças e andores, assim como concertos musicais.

Em Bucelas

BUCELAS, 17 — Também nesta localidade se preparam os festejos em honra do Anjo Custódio da Nação, nos dias 18, 19, 20 e 21 de Julho, os quais serão abrilhantados por três bandas de musica.

Do programa constam cerimónias religiosas, arraial, alvorada, corridas de sacos e cavalhadas.

Em Camarate

CAMARATE, 17 — Como nos anos anteriores, celebrar-se-ão, nos próximos dias 25, 26, 27 e 28 do corrente, as festas da freguesia de S. Tiago Maior, (Camarate).

Inquérito habitacional

na Outra Banda

Encontram-se concluídos os inquéritos realizados pelos serviços competentes do Ministério das Corporações e Previdência Social ás condições de habitação no Seixal, Amora, Arrentela, Moita, Alhos Vedros e Baixa da Banheira.

A realização destes trabalhos foi confiada á brigada de inquéritos habitacionais, chefiada pelo dr. Manuel Augusto Monteiro, a qual, durante alguns meses, actuou nas indicadas localidades, com a colaboração das entidades administrativas locais, dos organismos corporativos, das empresas e dos trabalhadores daquelas regiões. Foram ouvidas cerca de 10 mil famílias, que, de um modo geral, prestaram valioso concurso á efectivação dos inquéritos.

EM 3 LINHAS

A Direcção-Geral de Minas, vai ficar instalada provisóriamente na Rua do Passadiço, no local onde vão fazer-se obras no valor de 127.332$50

///

O ministro da Defesa Nacional condecorou com a medalha de mérito militar (1.ª classe), os generais do exército brasileiro srs. Floriano Peixoto Keller e Aureliano Luís de Farias e o major Sebastião da Silva Furtado (2.ª classe).

///

O edifício onde funcionou o Arquivo de Identificação na Rua de S. Paulo, vai ser ocupado, provisóriamente, pela Conservatória do Registo da Propriedade Automóvel, para o que vão ali ser feitas obras de adaptação no valor de 59.833$00.

///

Até ao dia 3 do corrente mês, a Junta Nacional dos Produtores de Trigo pagou á lavoura, de cereais recebidos da colheita do ano findo, 1.911.543.851$00 e da colheita deste ano, trigo e cevada, 4.013.724$00.

Atrás do reposteiro

Foi já aprovado pelas entidades competentes o projecto da remodelação do Capitólio, com vista ao seu funcionamento, como teatro, na próxima época de Inverno.

— As figuras femininas da peça «As alegres comadres de Windsor», de Shakespeare, em ensaios na TV, têm a seguinte distribuição: «Ana», Teresa Mota; «Senhora Page», Madalena Sotto; «Senhora Ford», Fernanda Borsatti; «Quichly», Hortense Luz.

— A companhia Rafael de Oliveira representa, hoje, em Torres Vedras, a peça «Duas Causas».

— Consta que há negociações em curso entre uma das nossas empresas e o empresário Moks, de Nápoles, para a actuação em Lisboa dos artistas líricos Maria Callas e Luís Andrade, nas óperas «Carmen» e «Lucia de Lamermoor».

— Só hoje se realiza em Luanda com a revista «Champanhe saloio», a estreia da companhia do Teatro Variedades, de que faz parte Beatriz Costa.

— O Teatro Experimental de Lisboa vai apresentar, na TV, a peça «Duas barcas», original de D. João da Camara.

— A actriz Bibi Ferreira, que ontem seguiu para o Rio de Janeiro, voltará a Lisboa em fins de Agosto, a fim de participar do elenco do Teatro Maria Vitória.

— Em versão de Manuel Bandeira, está a companhia brasileira Cacilda Becker, a apresentar no Teatro Leopoldo Frois de S. Paulo a peça de Schiller «Maria Stuart».

— O empresário José Miguel está já a preparar a nova época do Teatro ABC que será inaugurada, com uma nova revista de Nelson de Barros e Fernando Santos.

— Da caravana artística que acompanha a Volta a Portugal em bicicleta faz parte o conjunto musical dirigido por João Aleixo.

— O artista Manuel Fernandes é um dos componentes do conjunto artístico que acompanha a Volta a Portugal em bicicleta. O primeiro espectáculo, será em Faro.

— Amanhã, conclui-se no Coliseu a temporada de cinema, para, no dia seguinte, começarem dia e noite os ensaios da revista «Ha feira no Coliseu» que até ao fim do corrente mês ali terá a sua estreia.

Primeiras exibições

«Totó e Marcelino», no Condes

Totó constitui, só por si, um cartaz inteiro; e o mesmo acontece com Pablito Calvo, cuja carreira é uma sucessão de êxitos. Neste filme, estreado ontem no cinema Condes, o realizador António Muso junta-os numa história interessante, ao mesmo tempo dramática e divertida que possibilita a exteriorização plena dos recursos dos dois actores. Totó, embora conserve a sua máscara habitual de charlatão gesticulante, confuso e expressivo, abandona os exageros histriónicos para nos dar uma interpretação correcta, a que Pablito Calvo corresponde de forma muito apreciável.

«Totó e Marcelino» é um espectáculo que deve ser visto. Além do valor técnico de alguns apontamentos, trata-se dum filme humano e desassombrado que analisa os problemas, sem compatibilizar com a pieguice. O bom e o mau ladrão, a mendicidade infantil, o mundo religioso das crianças, são outros tantos temas deste filme invulgar que comove, prende a atenção e faz pensar. Recomendamo-lo a toda a gente.

Complementos interessantes preenchem o programa. — *Visor 27*,

«Os 3 Mosqueteiros e... Meio», no Avis

Ser «Cantinflas» e ter os seus milhões é ambição dos cómicos do cinema mexicano e o que se anuncia «Tintan» dos que têm mais probabilidades de se lhe aproximar. Moreno, como Mário, tem com ele certas semelhanças, mas com personalidade própria, ainda que adoptando alguns processos do modelo. Neste filme, em que os três Mosqueteiros são, humoristicamente, realmente quatro, tem «Tintan» mangas largas para a sua comicidade, e duas actrizes bonitas para contracenar, Rosita Arenas e Marta Valdés. Em Eastmancolor e com grande luxo de indumentária e cenários o espectáculo é para a vista e, sobretudo, para o fígado, desopilando. — VISOR 70.

«Pandora», no Eden

Todo o fascínio de Ava Gardner, a sobriedade eloquente de James Mason, o cenário de uma Espanha ardente, são os três elementos centrais de «Pandora», que levou muita gente ao Eden, o que justifica, segundo determinado critério, esta reposição. O drama de amor de Pandora Reynolds, Indianópolis, e Peter Van Der Zeer, o Holandês Voador, tem um clima de fantástico que não é inteiramente conseguido. Mas não podemos negar ao filme uma atmosfera de intenso sensualismo. O filme, que se desenvolve sobre uma frase de Omar Kayam, tem motivos de sobra para agradar á plateia, desde a corrida do automóvel de Nigel Patrik, num papel desembaraçado e irónico, á corrida de touros com Mário Cabré, excessivamente típico e bastante empertigado.

Bons documentários. — *Visor 60*

Festival de S. Sebastian

António Vilar e Virgilio Teixeira estão presentes

SAN SEBASTIAN, 18 — No festival de cinema desta cidade foram ontem apresentadas duas longas metragens: o filme britanico «Shake hands with the devil» (Aperte a mão ao diabo) com James Cagney, descrevendo a luta entre republicanos irlandeses e as tropas regulares inglesas, logo após a primeira guerra mundial; e a película espanhola «Salto a la glória», rela-

(Continua na página seguinte)

O 20.º aniversário

dos Marialvas, de S. Cristovão

Os Marialvas de S. Cristóvão vão festejar o seu 20.º aniversário no próximo dia 2, com uma distribuição de vestuário e calçado a 45 crianças pobres, entre as quais figurará uma protegida do «Diário de Lisboa», amabilidade que agradecemos.

PENSÃO MONUMENTAL
COMPLETAMENTE REMODELADA
Casa recomendada serviço de bom hotel
R. da Glória, 21 — Tel. P. B. X. 29807

Esplanada do Rato
Unica no género em Lisboa
COZINHA Á PORTUGUESA
R. S. FILIPE NERY, 23

ABC
EMP. TEATRAL ABC, LDA. — Tel. 366745
Às 20 e 45 e às 22 e 45

MULHERES A' VISTA!
JOSÉ MIGUEL apresenta A SENSACIONAL REVISTA POPULAR QUE VENCEU O CALOR ✱ Para maiores de 17 anos

AMANHÃ ESPECTÁCULO ÀS 16 HORAS

TEATROS E CINEMAS

(Continuação da página anterior)

tando a carreira do cientista Ramón y Cajal.

Ontem, chegaram a esta cidade, Eva Bartok, notando-se também a presença da actriz argentina Thilda Thamar, dos portugueses António Vilar e Virgílio Teixeira, bem como a do realizador italiano Ettore Manni. — (F. P.).

Sessão de cinema

promovida pela BP

A Companhia Portuguesa dos Petróleos BP, em colaboração com a Garagem Monumental, Ld.ª, realiza na segunda-feira, ás 18 e 30, no Jardim Cinema, uma sessão de cinema com o seguinte programa: «Petróleo? Fonte de Energia», «Você e o seu motor Diesel» e «As 24 horas de Le Mans».

Cineclubismo

Uma sessão no Capitólio

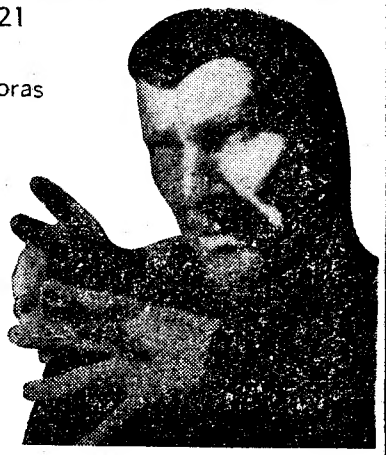
Em continuação do ciclo dedicado ás novas correntes do cinema, o Cine-Clube Imagem exibe, amanhã, ás 18 e 30, no Cinema Capitólio, o filme de Franco Rosi «Furia de ambições».

Coliseu

Só hoje e amanhã, um sensacional programa duplo de cinema português com os grandes filmes «A Severa» e «Agora é que são elas». Amanhã, espectáculos à tarde e à noite

O Coliseu apresenta hoje e amanhã um grandioso programa duplo de cinema na sua gigantesca tela panoramica com os grandes filmes «A Severa» a mais emocionante, enternecedora e castiça história dos amores da grande fadista com um fidalgo, repassada de ternura e lirismo e que é, sem duvida, um verdadeiro «clássico» do cinema nacional e, ainda, «Agora é que são elas», uma divertida e trepidante comédia com Milu e outros grandes actores. Amanhã, espectáculos á tarde e á noite. Ultimas exibições.

ás 22 h.
NOITE DO TEJO
ás 23 h.
MÚSICA E LUZ
Hoje, entradas desde 5$00, estudantes e soldados 2$50. O mesmo bilhete dá direito a assistir aos dois espectáculos.
— Para 6 anos —

ÊXITO! HOJE No AVENIDA Às 21 e 23 horas
O «MAGO» DE PRESTÍGIO MUNDIAL
CANTORELLI
NA FANTASIA DE GRANDE ESPECTÁCULO
ABRAKADABRA

UM TURBILHÃO COLORIDO, RIQUÍSSIMO, CHEIO DE MISTÉRIOS E ACONTECIMENTOS SENSACIONAIS, ENTRE OS QUAIS: A GRANDE ATRACÇÃO
BALLET PACO DE LUCIO
que arrancou do publico, em delírio, a expressão:
É FANTÁSTICO!
ESPEC. PARA MAIORES DE 12 ANOS
AMANHÃ, DOMINGO, ás 16 h.. 1.º ESPECTÁCULO À TARDE!

O TRIUNFAL E VIBRANTE TRIO LA CAVA
A ESCULTURAL VENUS RUBIA
MUITO BREVE: 3 NOTÁVEIS ESTREIAS
Pasapoga
TELEF. 23584
Empresa MANUEL ZEFERINO
(ADULTOS M/ DE 17 ANOS)

UM ÊXITO DE LOUCO ENTUSIASMO DO PUBLICO!
UMA NOVA ARTE NO MUSIC-HALL MODERNO
A SENSACIONAL ATRACÇÃO GREGA
JACK KNIGHT
LUXUOSA APRESENTAÇÃO
O mais espantoso imitador em instrumentos musicais — Celebridades de Hollywood — Canções e mimica policial
DUAS MIL VOZES E RUIDOS POR UMA SÓ BOCA!
O "nomem-espectáculo" mais inédito no mundo
Baile por ESTEVÃO e sua orquestra com Manuel Serrano

CASINO
APRESENTA HOJE
no Grande Salão Restaurante e no «Wonder Bar» em espectáculo extraordinário
UM PROGRAMA SENSACIONAL:
A parelha de baile cómica
The Fokkers
uma atracção de grande reputação internacional e como «Clou» do «Show» a famosa multimilionária
Maysa Matarazzo
a maior legenda da canção do Brasil
fabulosa vedeta que o Casino Estoril se orgulha de apresentar pela primeira vez em Portugal
(Adultos — maiores de 17 anos)
Amanhã: «Matinée» com todas as atracções. Chá completo 25$00
PREÇOS: aos *sábados*, no salão restaurante, consumo mínimo por pessoa, *60$00*; nos outros dias, *40$00*. No «*Wonder Bar*», aos *sábados*, *80$00*; nos *outros dias*, *60$00*.

ESTORIL
STUDIO 4

CARTAZ DOS CINEMAS

SÃO LUIZ TEL 27173
15.15 - 18.15 (p. r.) e 21.30 (M/17 anos)
EM MEGASCOPE
HÁ LODO NO CAIS
c/ Marlon Brando

EDEN TEL. 20763
15.30 - 18.30 e 21.45 (M/17 anos)
Ardendo de paixões vivem o maior amor da sua vida
PANDORA
com Ava Gardner e James Mason

ALVALADE Telefone 63080
15.15 (p. r.) e 21.30 (M/17 anos)
EM MEGASCOPE
ATÉ À ETERNIDADE
com BURT LANCASTER e SINATRA

ODEON Telefone 26283
15.15 - 18.15 e 21.30 (M/17 anos)
Sarita Montiel no empolgante filme
MORENA DOS MEUS SONHOS

ROYAL TEL. 845037
21.00 (M/17 anos)
Em Cinemascope
ATRÁS DO ESPELHO
No prog.: BAIONETAS CALADAS.

PAVILHÃO PORTUGUÊS (Parque Mayer)
21.30 (M/12 anos)
O PRÍNCIPE NEGRO
com Errol Flynn
No prog.: A MULHER QUE SABE TUDO — com Spencer Tracy.

TERRASSE TEL 20917
21.00 (M/17 anos)
A INGÉNUA E O SOLTEIRÃO
FILHOS DE NINGUÉM

IVOLI TEL. 50595
A's 3 e 6.15 da tarde e 9.30 da noite (M/12 anos)
Uma grande revelação do cinema alemão!
SABINE SINSEN e Carlos Thompson em
QUERIDA STEFANIE

POLITEAMA TEL 26301
15.15 - 18.15 e 21.30
ÊXITO TOTAL!
Uma história de acção intensa e aventuras audaciosas e heroicas
O HOMEM DA TERRA DE DEUS
c/ George Montgomery e Randy Stuart
Cinemascope — Col. de Luxe
Adultos (Maiores 17 anos)

CONDES TEL. 22523
15.15 e 18.15 (p. r.) e 21.30 (M/12 anos)
Num filme que enternecerá o seu coração
TOTÓ E MARCELINO
com Pablito Calvo

AVIS Tel 1716
15.30 (p. r.) e 21.45 (M/17 anos)
Em Eastmancolor
OS TRÊS MOSQUETEIROS E MEIO
com TIN TAM
As aventuras inesquecíveis dos três mosqueteiros, vistas com uma graça e um espírito irresistíveis.

CAPITÓLIO TEL. 27493
NO TERRAÇO:
DUELO DE FOGO
com Burt Lancaster
ALASKA
c/ Rober Ryan

CINEMA ODEON
21.00 (M/17 anos)
QUATRO ESPINGARDAS EM FUMO
A CASA DA PRAIA

IMPÉRIO Tel 551345
15.15 - 18.15 (p. r.) e 21.30 (M/17 anos)
Uma realização de William Wellman com James Garner e Etchika Choureau
A LOUCURA DOS HOMENS
A história empolgante de um punhado de bravos que sabiam morrer e amar. — (Ar condicionado).

SÃO JORGE BALCÃO 54154 PLATEIA 54153
15.15 - 18.15 e 21.30 (M/17 anos)
Hardy Kruger—Sylvia Syms — Ronald Lewis
em
CORAÇÃO NÃO BATAS MAIS
em Eastmancolor
Um espectáculo adorável de juventude!
Ambiente refrigerado

ROMA Telef. 727778
15.30 e 18.30 (p. r.) e 21.45 (M/17 anos)
5.ª SEMANA
Em rigoroso exclusivo a mais divertida e sensacional comédia francesa
DESFOLHANDO A MARGARIDA
com Brigitte Bardot e Daniel Gelin
B. B. deliciosa, provocante e irresistível.

RESTELO Telefone 610375
Às 21.15 (M/12 anos)
O ESTUDANTE MENDIGO
c/ Gerhard Riedman

TEL. 48560
ALTA ESPIONAGEM
21.00 (M/17 anos)
QUATRO RAPARIGAS

ESPLANADA PORTUGÁLIA
21.30 (M/12 anos)
Warnerscope
O COBARDE FELIZ REGRESSO

CASINO ESTORIL
21.30 (M/17 anos)
O CANTOR DE ST. LOUIS
com Nat King Cole

Uf! Até que enfim. Vou ficar arrumado...

HÓQUEI EM PATINS

Excelente exibição do Cascais

no que foi vitima o Campo de Ourique

O encontro Campo de Ourique-Cascais tinha particular interesse, pois, estariam frente a frente duas equipas de vida irregular na presente competição, mormente o Campo de Ourique, que apenas averbara um triunfo. Todavia, os Caenses, embora um tudo nada em melhor situação (sempre tinham mais uma vitória...), também não têm demonstrado a capacidade das épocas anteriores — dois desaires, um deles em «casa» ante os Seixalenses. E o seu «goal-average» era outro factor conduzente á conclusão de que o «cinco» da Costa do Sol não dispunha de força no ataque.

Ontem, porém, não obstante se «adivinhar» tarefa difícil para os «verdes», estes não se mostraram nada «verdes»..., porquanto arrecadaram um triunfo á custa de uma superioridade global, que nunca esteve em «xeque», mesmo quando a sua defesa, aliás, um tanto fortuitamente, consentiu que o marcador passasse de 3-0 a 3-2 resultado da primeira parte.

Na realidade, entre o Campo de Ourique e o Cascais houve um fosso enorme. Os Lisboetas sofreram o seu maior numero de tentos na prova, o que não corresponde á personalidade do seu sector defensivo. Simplesmente, este não pôde contar, ontem, com o costumado apoio do duo Bernardino-Vaz Guedes, por ambos haverem actuado em plano menos certo, em particular o primeiro, que, no primeiro trecho do desafio, esteve, francamente, desafortunado. Com efeito, o seu «calcanhar de Aquiles» que reside no ataque, ainda logrou obter três tentos, o que é de considerar No entanto, afora dois deles terem sido mais consequência de erro da defesa contrária do que por mera virtude dos homens da equipa da casa, quer Barreto, quer Florindo, quer ainda Nazário não apoiaram devidamente, a zona da sua baliza por manifesta falta de pernas e até de «raça».

O Cascais, inversamente, jogou inteligentemente e com uma estrutura, que julgávamos longe da equipa. Trabazos e Luís Mota continuam a ser os mesmos artistas do «stik», Carlos Silva mantém intactas as suas qualidades de defesa e até Fernando Silva fez entregas preciosas aos seus companheiros da frente.

Portanto, a equipa de Sidónio Serpa parece querer manter os seus pergaminhos e, neste momento, está apenas a dois pontos do trio da vanguarda.

*

Nos três restantes encontros de ontem os resultados foram: Oeiras, 1-Benfica, 7; Mundet, 7-Lisgás, 2; e Paço de Arcos, 2-Futebol Benfica, 0

A classificação actual é a seguinte:

	J.	V.	E.	D.	G.	P.
Sintra	5	3	2	—	25-9	13
Benfica	5	3	2	—	21-9	13
Mundet	5	4	—	1	18-12	13
Paço de Arcos	5	3	1	1	16-11	12
C. U. F.	5	3	—	2	16-13	11
Cascais	5	3	—	2	17-19	11
Oeiras	5	2	1	2	22-18	10
Sporting	5	2	—	3	11-19	9
F. Benfica	5	2	—	3	12-13	9
Parede	5	1	—	4	18-21	7
C. A. C. O.	5	1	—	4	12-16	7
Lisgás	5	—	—	5	12-40	5

JOSÉ GRAIS

Um jogo anulado

Sintra-Benfica

por motivo medonho

O primeiro encontro do campeonato do Sul, de hóquei em patins (Sintra-Benfica) provocou um protesto dos Sintrenses, baseado no seguinte caso, aliás, curioso e, segundo cremos, inédito.

O jogador dos «encarnados», José Lisboa, ainda no banco dos suplentes, a fim de interromper a partida, para substituir Mário Lopes, agarrou a bola com uma das mãos. Como havia de ser considerado José Lisboa — sexto jogador? Assim, na realidade, entendeu o Conselho Técnico da A. P. S., julgando procedente o protesto do Sintra, pelo que o jogo terá de ser repetido.

O Torneio Internacional suscita grande entusiasmo em Lourenço Marques

LOURENÇO MARQUES, 18—Há grande entusiasmo nos meios desportivos laurentinos pelo próximo Torneio Internacional de Hóquei em Patins, que vai realizar-se nesta cidade, de 25 a 30 do corrente, e para o qual aderiram as selecções de Lisboa, Alemanha e Suiça.

As selecções «A» e «B» de Lourenço Marques, que participam também no torneio estão sendo alvo de uma preparação intensa e os seus técnicos estão esperançados numa boa posição, se não conseguirem o triunfo final.

Os dois seleccionadores oficiais, da Associação de Patinagem de Lourenço Marques convocaram os seguintes hoquistas: selecção «A» dirigida por Fernando Adrião (pai); Leonel Borges, Fernando Adrião, Adriano, Amadeu Boucós, Vitor Rodrigues, António Souto, Manuel Carrelo e Francisco Velasco. A selecção «B» é dirigida por Armando Cardoso; José Santos, Gonçalves Fonseca, E. Moreira, Carveiro, Serafim, Salvador, A. Moreira, Romão Duarte e Tomás da Rocha. — (L.).

DESPORTOS

A TAÇA DE PORTUGAL

Benfica e F. C. Porto

os dois grandes adversários da final estão à altura de produzir um bom espectáculo

O futebol português tem amanhã, no majestoso cenário do Estádio Nacional, um fecho condigno no que se refere ás competições em que participam os principais clubes — os da 1.ª Divisão — com a disputa da Taça de Portugal através de uma final que desde já promete vir a ser um espectáculo pleno de vibração e de belo significado desportivo e, ainda, atendendo á categoria dos dois adversários, capacíssimo de proporcionar uma demonstração de apreciável recorte técnico.

O Chefe do Estado assiste ao encontro

A final da «Taça» é honrada com a presença ilustre do sr. Presidente da Republica.

O sr. almirante Américo Tomás, ás 17.25 horas, descerá ao relvado, a fim de cumprimentar a equipa de arbitragem e os jogadores do Benfica e F. C. Porto e fazer a entrega das medalhas comemorativas do acontecimento.

As vicissitudes da «Taça» carrilaram para o derradeiro despique as equipas que durante o Campeonato Nacional travaram um «duelo» emocionante, decidido nos ultimos instantes pela diferença de golos, factor de ordem regulamentar que atribuiu o título ao F. C. do Porto.

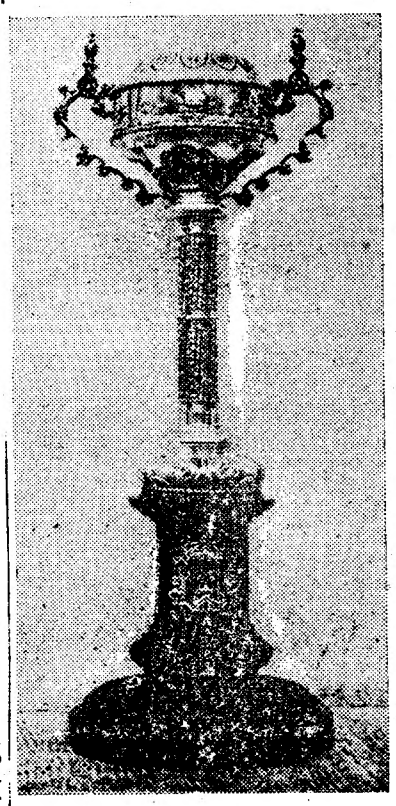
A coincidência, portanto, reforça notávelmente a expectativa que o jogo está a despertar. Trata-se, num certo sentido, de «uma prova dos nove», um ensejo para a avaliação de capacidades.

Com o rótulo de Taça de Portugal, é a 19.ª vez (anteriormente, o torneio designava-se por Campeonato de Portugal) que a final se efectua. E pela 4.ª vez, F. C. Porto e Benfica são finalistas. Os «encarnados» triunfaram doze vezes (três no campeonato e nove na «Taça», ao passo que os «portistas» venceram seis (quatro no campeonato e duas na «Taça»). O apontamento leva a concluir que o representante de Lisboa denota uma acentuada tendência para fazer boa figura no torneio, mas o facto, como é óbvio, não deve ser suficiente para se menosprezar o valor dos campeões nacionais, cuja equipa, mais bem estruturada, reune todas as condições para contrariar a tradição benfiquista.

As carreiras dos dois grandes finalistas (melhor, não podia na verdade encontrar-se) foram distintas. Enquanto ao F. C. do Porto se deparou uma série de adversários, dos chamados «fáceis» (Vitória de Setubal, Vila Real, Ferroviário de Lourenço Marques e Lusitano), ao Benfica coube um lote de antagonistas «duros» (Sporting da Covilhã, Tirsense, Belenenses e Sporting).

Sem duvida o esforço produzido pelos «encarnados», nos quartos de final e meias-finais, em que tiveram de eliminar os «azuis» e os «leões», em jornadas de repetição memoráveis, foi superior ao que desenvolveram os nortenhos. Talvez esse somatório de desgaste psico-fisiológico acabe por pesar na balança, embora a «raça» dos benfiquistas, o seu jeito singular de fabricarem golos, ofereça uma perspectiva aliciante, constituindo uma força capaz de perturbar os campeões nacionais.

Aventurar um prognóstico afigura-se tarefa arriscada, tratando-se de dois oponentes dignos um do outro, qualquer deles com cabedais suficientes para arrecadarem o precioso troféu no período regulamentar dos 90 minutos. Isto e, não parece que o despique se alongue para além desse limite. A questão, quanto a nós, depende do golo que se marque dentro do bom momento de um dos antagonistas — estímulo que se afigura decisivo para a resolução de quaisquer outros problemas que surjam. Os sectores ofensivos têm, portanto, uma palavra a dizer, sabendo-se que os compartimentos recuados formam dois blocos homogéneos.



A Taça de Portugal que vai ser disputada pela 19.ª vez

As duas formações

Sob a arbitragem do sr. dr. Décio de Freitas, Valdivielso e Reboredo, dois treinadores-adjuntos que assumem a responsabilidade nesta expressiva jornada, as duas equipas apresentar-se-ão assim constituídas:

BENFICA — Bastos; Serra e Mário João; Neto, Artur e Alfredo; Palmeiro, Santana, Aguas, Coluna e Cavem.

F. C. DO PORTO — Acursio; Virgílio e Barbosa; Luís Roberto, Miguel Arcanjo e Monteiro da Costa; Carlos Duarte, Hernani, Noé, Teixeira e Perdigão.

HIPISMO

Os cavaleiros portugueses

de Moçambique em evidência no estrangeiro

BREMERSDORP (Sauzilandia), 18 — Mais uma vez os cavaleiros moçambicanos tiveram brilhante comportamento no Concurso Internacional desta cidade no qual participaram cavaleiros sul-africanos e rodesianos.

Os resultados do ultimo dia de provas foram os seguintes: Prova «Escolha o seu salto», Tomás Santos Gil, montando «Giuseppe», obteve o segundo lugar.

Na «Estafeta á Americana» classificaram-se em 1 lugar o capitão Herculano de Moura e o alferes Mendes de Almeida montando respectivamente «Dio» e «Hercoli»; e em 2.º, Tomás Santos Gil e David Spence, em «Kayel» e «Damão», respectivamente.

A ultima prova do dia foi o «Grande Premio» tendo o capitão A. Moura, no «Dio» obtido o 3.º lugar e Mrs. Susan Spence, de Lourenço Marques com o «Flashlight», o quarto.

No final das provas foi entregue ao cavaleiro português, Tomás Santos Gil, a «Taça» dedicada ao melhor cavaleiro do concurso, por ser o que somou maior numero de provas do referido concurso.

O cavaleiro e a amazona portugueses, Tomás Santos Gil e Mrs. Susan Spence, foram considerados durante todo o concurso os melhores cavaleiros presentes, tendo a Imprensa destacado as suas brilhantes actuações. — (L.).

«Record» de concorrentes do Concurso «White City»

LONDRES, 18 — O numero «record» de 12 países, representados por 65 cavaleiros e mais de 100 cavalos, participa no Concurso Hípico Internacional, que começa a disputar-se na próxima segunda-feira no Estádio «White City», desta cidade.

O afluxo de concorrentes a esta prova, que é a maior invasão equestre — segundo os organizadores — desde os Jogos Olímpicos de 1948, deve-se, principalmente, á disputa dos campeonatos europeus de saltos, para juniores. Os ingleses, vencedores nos ultimos três anos, terão este ano, a forte concorrência da Alemanha, da Itália, da Espanha, da França, da Noruega, da Irlanda, da Polónia e da Hungria.

A sessão inaugural consta de 20 provas de saltos. — (A. N. I.).

HOJE À NOITE

BASQUETEBOL — Em Coimbra, ás 21,30 horas final do Campeonato Nacional da 2.ª Divisão entre o Algés e o Salesianos.

CICLISMO — No Estádio do Lima, começo do 3. Grande Prémio Vilar.

HANDEBOL — Continuação do Campeonato da Divisão de Honra (equipas de 7). No recinto de Campo de Ourique, da, 20,45 horas em diante: Oriental-Técnico, Sporting-Benfica e Glória-Monte-Pedral.

HOQUEI EM PATINS — Em Azeitão, ás 22,30 horas, Azeitonense-Sécil, para o Campeonato da 2.ª Divisão.

Campeonato de juniores: Belenenses-Vilafranquense, no Restelo, e Parede-Benfica, na Parede, ambos ás 22 horas.

HIPISMO — Em Santarém, ás 21 horas, segunda e penultima jornada do Concurso Hípico.

GINASTICA — No rinque de patinagem de Santo Amaro de Oeiras, ás 21,30 horas, realiza-se um sarau do Ginásio Clube Portugues.

DESPORTOS

A VOLTA À FRANÇA EM BICICLETA

Bahamontes tudo tentará para manter a camisola amarela

DIJON, 18 (Especial para o «Diário de Lisboa») — *Arrumada a questão da montanha, cujo primeiro prémio foi artibuído a Federico Bahamontes, a «Águia de Toledo», os corredores alinharam ontem para o contra-relógio individual, entre Chalons-sur Saone e Dijon (69,170 quilómetros), para concluirem esta tarde a famosa prova, 4.355 quilómetros.*

O francês Rivière (a equipa gaulesa não se conformou com a sua sorte) ganhou a tirada, atingindo a notável média de 41,654 quilómetros. À vitória fê-lo subir ao 4.º lugar da classificação geral, aproximando-o assim de Bahamontes. É de crer que na etapa de hoje, a última, não obstante o seu carácter de ser uma consagração, os franceses Anglade (Centro-Sul) e Anquetil e Rivière (Nacionais) envidem os seus esforços no sentido de derrotar Bahamontes durante os 331 quilómetros, num percurso pouco propício ao estilo do espanhol. Todavia, embora o desporto seja fértil em surpresas, julga-se que o Toledano, com a pertinácia que lhe é peculiar, não soçobre. Os ataques serão, no entanto, duríssimos.

Na etapa de ontem, o «camisola-amarela classificou-se em 13.º lugar, fazendo 6 minutos mais que Rivière.

As posições á partida para Paris eram as seguintes:

1.º, Bahamontes, 113.50.53; 2.º, Anglade, a 4 m. 15 ; 3.º, Anquetil, a 5 m. 5 s.; 4.º, Rivière, a 5 m. 17 s.; 5.º, Baldini, a 10 m. 18 s.; 6.º, Adriaenssens, a 10 m. 18 s.; 7.º, Hoevenaers, a 11 m. 2 s.; 8.º, Saint, a 17 m. 40 s.; 9.º, Brankart, a 20 m. 38 s. e 10.º, Gaul, a 23 m. 59 s.

Por equipas: 1.º, Bélgica, 342.14.37; 2.º, França, 342:46.02 e 3.º, Centro-Sul, 343.13.38 s.

TÉNIS DE MESA

O Benfica desloca-se hoje a Peniche

O êxito do primeiro festival do Sport Lisboa e Benfica, em Peniche, que teve o patrocínio da Câmara Municipal e a colaboração do Desportivo, foi um facto.

Mas o festival continua com o programa já anteriormente anunciado. Desta forma, hoje, á noite, disputar-se-á um torneio de ténis de mesa, no qual colaboram as equipas do clube «encarnado» e as do Desportivo de Peniche.

O Benfica fará deslocar os seus melhores elementos, que serão opostos aos do clube local, seguindo-se uma demonstração da arte de bem jogar o ténis de mesa em que intervirão os conceituados campeões Alberto Ló e Oliveira Ramos.

Á caravana benfiquista e á Imprensa será oferecido um jantar.

Sociedade «ESTORIL»

Caminho de Ferro do Cais do Sodré a Cascais

AVISO

SERVIÇO ESPECIAL DE COMBOIOS

Final da «Taça de Portugal»

No dia 19 de Julho de 1959

Por motivo do desafio de futebol da final da «Taça de Portugal», no Estádio Nacional, haverá no dia 19 de Julho serviço especial de comboios, com partidas de Cais do Sodré desde as 15.30 h. ás 17.30 h. e, da estação do Estádio, desde a terminação do encontro:

Não haverá, por motivo deste serviço especial, alterações previstas ao horário H. 34, em vigor.

Lisboa, 14 de Julho de 1959.

O ENGENHEIRO DIRECTOR

A. Bual

Federico Bahamontes com a camisola amarela transparece uma firme confiança para conservar a preciosa insígnia até á chegada a Paris. Se o conseguir (tudo indica que venha a ser um facto) será o primeiro espanhol a inscrever o seu nome na lista dos vencedores da Volta á França em bicicleta

REMO

Os «Nacionais» começaram a disputar-se esta manhã em Aveiro

AVEIRO, 18 — (Pelo telefone) — Com temperatura excelente, começaram esta manhã a disputar-se, na pista do Rio Novo do Príncipe, os campeonatos nacionais de remo, pela quinta vez efectuados na região aveirense.

Nas regatas realizadas apuraram-se os seguintes resultados:

«Yolles» de 4, juniores (2.000 metros) — 1.ª eliminatória: 1.º, Ginásio Figueirense, 8 m. e 27 s.; 2.º, Desportivo da C. P.; e 3.º, Sport C. do Porto.

2.ª eliminatória: 1.º, Desportivo da C. U. F., 8 m. e 21,9 s.; 2.º, União Vila-franquense; e 3.º, Naval 1.º de Maio.

«Shell» de 4, juniores (2.000 metros) — 1.ª eliminatória: 1.º, Desportivo da C. U. F., 7 m. e 28 s.; 2.º, Nautico de Viana; e 3.º, Associação Naval de Lisboa.

2.ª eliminatória: 1.º Galitos, 7 m. e 41,9 s.; 2.º, Naval 1.º de Maio; e 3.º, L. A. G.

As regatas prosseguem esta tarde, com as finais de «shell» de 2, juniores; «skiffs», juniores; «yolles» de 4, juniores; «shell» de 4, juniores; «yolles» de 8, seniores; e, a encerrar, «shell» de 8, seniores, a que concorrem as tripulações da Associação Naval de Lisboa, Galitos e Sporting Caminhense.

ATLETISMO

Évora, 18. — A convite do Juventude Sport Clube, desta cidade, o Sport Lisboa e Benfica desloca amanhã a esta cidade uma caravana de 25 atletas da sua secção de atletismo que, ás 17 horas, no campo «Sanches de Miranda», tomarão parte num festival da modalidade em que participam também representantes do Juventude, Casa Pia, Sport Lisboe e Évora e do Atlético de Reguengos.

Da caravana benfiquista fazem parte José Araujo, Hélio Duarte, António Faria, Rui Mingas, Manuel Goulão, etc.

ás provas de amanhã

ATLETISMO — Prosseguem no Estádio Nacional, a partir das 15 horas, os pentatlos feminino e de juniores. O programa inclui:

15 horas — 400 metros barreiras (qualificação), comprimento (pentatlo juniores); 15 e 10 h. — 100 m. (qualif.); 15 e 20 h. — 1.500 m. (qualif.); 15 e 30 h. — 80 m. bar. (pent. senhoras); 15 e 35 h.—dardo (pent. juniores); 15 e 35 h. — triplo (qualif.); 15 e 40 h. — 5.000 m. (qualif.); 16 h. — 200 m. (pent. juniores); 16 e 10 h. — comprimento (pent. senhoras); 16 e 25 h. — disco (pent. juniores); 17 h. — 1.500 m. (pent. juniores).

AUTOMOBILISMO — O Sporting Clube de Alenquer promove, no seu campo, ás 14 horas, uma gincana de automóveis dotada com valiosos prémios.

CICLISMO — O «Grande Prémio Vilar» tem amanhã a sua segunda jornada, com as etapas Porto-Sangalhos (por Aveiro) e Circuito da Curia, respectivamente ás 9 e ás 16 horas.

— O Atlético Clube do Cacém faz disputar uma prova destinada a «populares».

DESPORTO CORPORATIVO — Começa a eliminatória da 3.ª zona do 13.º campeonato nacional de voleibol No rinque dos Empregados do Comércio, em Santarém, entre o Porto de Lisboa e os Cimentos de Leiria.

—O campeonato nacional de handebol de 11, da 2.ª Divisão, prossegue com o desafio Cinema Condes-Celcat, em Belem, ás 9 e 30 horas.

FUTEBOL (A. F. L.).—No campo «José Ramos», ás 17 e 30 disputa-se o primeiro jogo de passagem, da 3.ª á 2.ª Divisão da A. F. L. entre o Amoreiras e o Vialonga.

HANDEBOL DE 7 — O campeonato de juniores tem a sua 4.ª jornada com os seguintes encontros: Glória-Oriental, Belenenses-Almada e C. Ourique-Liberdade, em Campo de Ourique, ás 9, 10 e 11 horas; Monte Pedral (B)-Mouraria, Monte Pedral (A)-Sporting e Madre de Deus-Benfica, no Ateneu de Madre de Deus, ás 9, 10 e 11 horas.

HIPISMO — O Concurso Hípico de Santarém tem a sua terceira e ultima jornada, de tarde e á noite, no hipódromo da Escola Prática de Cavalaria, daquela cidade. O programa inclui as provas «Escola Prática de Cavalaria» (caça-handicap) para cavalos que não entrem no «Grande Prémio»; «General Julio de Oliveira» (dificuldades progressivas e regressivas); «Santo Condestável» (Grande Prémio de juniores); «Governador civil de Santarém» (Grande Prémio).

NATAÇÃO — Disputa-se ás 16 horas a prova Vila Franca-Alhandra

REMO — Na pista do Rio Novo do Príncipe, em Aveiro, prosseguem, com a segunda e ultima jornada, os campeonatos nacionais de remo. Ás 10 horas, disputam-se as eliminatórias de «shell», de 8, em juniores; á tarde, a partir das 16 horas: 1) «yolles» de 4 (campeonato da M. P.); 2) «yolles» de 4, seniores; 3) «skiff», seniores; 4) «yolles» de 8 (campeonato da M. P.); 5) «yolles» de 8, juniores; 6) final de «shell» de 8, juniores; 7) «shell» de 2, seniores; 8) «shell» de 4 seniores.

«ESTALAGEM do Senhor da Serra»

E' inaugurada na próxima segunda-feira, ás 18 horas, a «Estalagem do Senhor da Serra», situada em Belas.

ANDARES

EM LISBOA — Com 3 grandes div. assoalh., c. banho, cozinha, desp., boa construção. **Vendem-se os restantes andares a 125 CONTOS.**

NA LINHA DE SINTRA — Junto ao comboio, c/ 3 e 4 amplas div. assoalh., cozinha, marq. c. banho e desp. **Vendem-se os andares ainda livres por 90 e 95 CONTOS.**

Estes prédios têm intercomunicadores «Multivox», acabamentos perfeitos e construção esmerada.

Facilita-se parte do pagamento. Trata exclusivamente

A FINANCIADORA

Companhia Nacional de Crédito

Av. da Liberdade-3-2.º Telef: 1446-368287/8

Anomalias que se verificam na construção de prédios em Lisboa como na Província

«O Século», de 22 de Maio ultimo, publicou uma carta do sr. brigadeiro engenheiro Ignácio Freire Pimentel, em que se fazem algumas considerações muito judiciosas acerca dos «processos de construção de edifícios, usados em Lisboa, e que não estão em harmonia com o conforto, comodidade e higiene, que é lícito exigir».

Não é só em Lisboa que estas anomalias se verificam. O desrespeito pela higiene habitacional, os atropelos ás leis de construção urbana, o achincalho ás boas normas da edificação, saíram de Lisboa e avançam impávidos pela Província fora.

A matéria é suficientemente vasta, grave e melindrosa, para merecer que se alargue a discussão e generalise o debate. Há quem se interesse pouco com a higiene das habitações, porque o que sobretudo interessa é o bom rendimento das construções. A este espírito de ganhuça sem pudor, por parte de construtores pouco escrupulosos e seus encobridores, é preciso contrapor os sagrados direitos dos inquilinos, os quais, pagando rendas exorbitantes, devem ter direito a passar metade da sua vida dentro de casas com suficientes salubridade, higiene e conforto.

Entremos no amago do assunto e abordemos alguns pormenores, que mais escancaradamente mostram os abusos, acima referidos, de construtores, proprietários e encobridores.

1 — O sr. engenheiro Ignácio Pimente queixa-se pelo facto de os quartos e salas, nas construções mais modernas, terem apenas áreas de 9 e 12 metros quadrados respectivamente.

Queixa-se ele e queixa-se toda a gente, mas esta exiguidade de área dos compartimentos é um exemplo típico do espírito abusivo e pouco escrupuloso dos construtores.

O legislador de 1951 estabeleceu para os quartos a área «mínima» de 9 metros quadrados, e não estava mal para os quartos de uma só pessoa. O pior foi que, desde aquela data, nunca mais os construtores de casas para alugar «aos outros» construíram quartos com área superior áquele mínimo de 9 m. q.

Ora isto é detestável, porque as casas modernas não têm geralmente mais de dois ou três quartos, que ficam sendo o quarto dos pais, o quarto dos filhos e o quarto das filhas, dormindo em cada quarto duas ou mais pessoas, com uma cubagem de 8 a 12 metros por pessoa, o que é deveras escasso.

2 — Este abuso dos quartos pequenos foi agravado com outro, o pequeno pé direito. O legislador, contemporizando uma vez mais, permitiu que o pé direito dos andares pudesse baixar a um mínimo de 2,80 metros. Como corresponderam os construtores de pequenos quartos e pequenas salas? Transformaram aquele «mínimo» numa «constante» de emprego universal.

3 — A fim de evitar os prédios comprimidos, sem ar e sem luz, o legislador impôs, para toda a construção nova, um logradouro posterior, toda a largura do prédio, com um fundo mínimo de 6 metros. Mas, em alguns casos, constroem-se edifícios em que o logradouro posterior não tem as dimensões legais, e, noutros casos, tem-se permitido que esses logradouros sejam ocupados com outras construções. Numa e noutra hipótese, ficam iludidas as esperanças do legislador, os preceitos da higiene, a saude dos moradores. Só uma coisa é certa: aumentam os lucros do construtor e do proprietário.

4 — Também o legislador de 1951 dispôs que, em certos arruamentos, poderia adoptar-se a construção descontínua e então cada prédio poderia ter portas e janelas nas suas quatro fachadas. É claro que, para as janelas das fachadas laterais terem bastante ar e luz, previu o legislador que a distancia mínima entre casas fosse de 10 metros.

Porém, o que as Camaras e os proprietários de terrenos pretendem é vender lotes, é realizar dinheiro, e por isso há muita construção descontínua, com 5 metros de intervalo, o que é um atropelo á lei. Mas vamos adiante, porque a caminhada é longa e pedregosa.

5 — Subordinando-se ainda aos mesmos salutares princípios, estabeleceu ainda o legislador de 1951 que cada casa não tivesse altura superior á largura da respectiva rua. Porém, algumas vezes se tem permitido a construção de prédios bastante altos em ruas relativamente estreitas, o que nos conduz a admitir ruas sombrias, de aspecto lugubre, quais tuneis, humidos, tristes e doentios, como são as ruas do Bairro Alto, sobretudo no Inverno.

6 — Noutros casos, tem-se permitido a construção de varandas envidraçadas, em cada andar, ao longo de toda a extensão do prédio. Ora isto representa um abuso, contra a higiene e contra a lei, porque todos os compartimentos, anexos a tais varandas, ficam «interiores», com pouco ar e pouca luz, com o agravamento de alguns compartimentos serem de especial melindre, como são as cozinhas e as retretes Além disso, a lei é muito clara, porque estabelece que todos os compartimentos, com excepção de corredores, despensas e arrecadações, terão vãos, «praticados nas paredes, em comunicação directa com o exterior».

7 — Também o decreto-lei de 1951 estabeleceu que só é permitida a construção de caves habitáveis quando o permitam as condições topográficas do terreno, isto é, quando o terreno do lote seja em declive e por isso a fachada posterior da cave fique totalmente exposta ao ar e á luz.

É claro que conhecer as leis, interpretá-las e respeitá-las, é próprio de qualquer mortal, que não aspira á imortalidade. A habilidade consiste em sofismar as mesmas leis, iludindo-as e subordinando-as aos interesses de cada qual

Que fazem então os construtores para edificarem caves habitáveis em terrenos horizontais? Põem uma escavadora a tirar terra em toda a extensão do lote e eis aí estão criadas as «condições topográficas» para a fachada posterior da cave ficar inteiramente desafrontada.

É claro que se fez um poço, prestes a encher-se de água, quando vier a chover. Mas isso não é um inconveniente sério, porque se chamam os bombeiros e eles tiram a água.

Há ainda muito para dizer, mas este artigo já vai longo e Roma e Pavia não se fizeram num dia.

Voltaremos, em segundo e ultimo artigo.

J. T. MONTALVÃO MACHADO

Romagem patriótica e de saudade

Promovida pela delegação de Vila Franca de Xira, da Liga de Combatentes da Grande Guerra, efectua-se, amanhã, uma romagem patriótica e de saudade, que partirá da Praça Duque de Saldanha, ás 8 e 15, e que visitará Póvoa de Santa Iria, Vila Franca de Xira, Alenquer, Arruda dos Vinhos e Vialonga, onde vão ser inaugurados talhões privativos dos antigos combatentes, nos cemitérios locais, e será prestada homenagem ao «Mortos ao serviço da Pátria» nos Paços dos Concelhos de Alenquer, Vila Franca de Xira e junto do monumento aos Mortos da Grande Guerra, do concelho de Arruda dos Vinhos.

Haverá um almoço, em A dos Bispos, e antes, ás 12 horas, será rezada, na igreja matriz de Alenquer, uma missa por alma dos combatentes falecidos.

CASA DE TRABALHO da Divina Providência

Por despacho do sr. ministro da Saude foi extinta a Casa de Trabalho da Divina Providência, de Lisboa, revertendo todos os seus bens para a Obra do Ardina, em Lisboa.

DINHEIRO SOBRE AUTOMÓVEIS

Emprestamos qualquer quantia. Mínimo juro. Rigoroso sigilo. **Facilidades-Amortizações mensais.** Transacções rápidas (uma hora). As viaturas ficam na mesma em poder dos donos

EMPRESA PREDIAL NORTENHA

PRAÇA DA ALEGRIA, 58, 2.º
LISBOA — Tel. 366812-366731

Tem 85 anos de idade

e continua ao serviço

o cicerone da Madre de Deus

Este sr. José Saldanha Rodrigues, que completa amanhã oitenta e cinco anos e é cicerone há quarenta e um anos na Madre de Deus, cuja história sabe de cor como ninguém e cujas belezas sente como se fossem património de família, não é um homem vulgar. Nunca praticou, é bem de ver, qualquer acto sensacional pelo arrojo ou pela crueldade, nem nunca produziu teoria que revolucionasse qualquer campo do conhecimento. Mas quem o fez? Num país como o nosso, em que ainda há quem tenha a improvisação como maior prova de inteligência de que a organização cuidada e metódica, haverá muitos que não compreenderão a comovedora dignidade de uma vida inteira consagrada a um trabalho obscuro e modesto, mas ordenado e util, como o deste simpático octogenário.

O cicerone é, na maioria dos nossos monumentos, um sujeito que recita numa voz monocórdica, baça, sem calor, umas tantas informações históricas e algumas apreciações artísticas de duvidoso mérito. Se surge uma duvida, não sabe o que responder e o turista descobre, com pasmo, que o guia apenas aprendeu de cor uma lição. Uma fita gravada faria o mesmo serviço. Nunca assim foi, porém, o sr. José Saldanha Rodrigues.

* * *

Nascido em 19 de Julho de 1874, na Rua do Benformoso, foi baptizado na extintá Igreja do Socorro. Cedo entrou para funcionário do Asilo D. Maria Pia, instalado no antigo edifício do Mosteiro da Madre de Deus. Aí permaneceu até há umas quatro dezenas de anos, quando foi transferido para o serviço de guia da Igreja da Madre de Deus. Quem hoje visita aquele precioso monumento do nosso barroco, dificilmente imaginará o estado de melancólico abandono em que se encontrava então. As suas receitas, que foram enormes no tempo do Rei Magnanimo, sofreram um golpe quase mortal com a extinção das Ordens Religiosas e continuaram ainda a decrescer nas décadas posteriores. As crianças do Asilo brincavam nos claustros, o telhado deixava entrar quase livremente a invernia. Quando a igreja da Madre de Deus foi transferida para a Fazenda Publica, o sr. Saldanha passou para funcionário do Ministério das Finanças. As melhorias efectuadas nos anos posteriores, devido principalmente á dedicação e generosidade do sr. dr. António Luís Gomes, vieram a ser completadas, há pouco, com o restauro e limpeza dos quadros, definitivo arranjo do telhado e outras obras, feitas com um subsídio de mais de um milhar de contos da Fundação Gulbenkian. O sr. Saldanha refere-se a esta evolução como quem evocasse os lutos e os dias jubilosos de uma família. E vê, agora, como termo da progressiva restauração e valorização da Madre de Deus a sua passagem para o Ministério da Educação Nacional, ficando anexa ao Monumento de Arte Antiga.

* * *

Ao passar do Asilo D. Maria Pia para o serviço da Madre de Deus, o sr. Saldanha Rodrigues logo decidiu não ser um cicerone-papagaio. Não estava no seu feitio e não calhava á sua inteligência. Por isso, gastou semanas e meses investigando a história do Convento, estudando o o período da sua construção e reconstrução, inteirando-se do valor das suas obras de arte. Mas foi como se uma paixão despertasse nele. Investigar a vida passada da Madre de Deus tornou-se num vício, cumprido com o método de um cientista e a paixão de um amoroso. O vocabulário enriqueceu-se, ganhou ressonancias esquecidas. Da

JOSÉ SALDANHA RODRIGUES

comparação de opiniões diferentes, da descoberta de documentos ignorados, nasceram juizos pessoais, originais e dignos de interesse. Quem tenha ido á Madre de Deus difícilmente haverá esquecido as suas explicações, o calor e o fulgor com

(Continua na 13.ª página)

Mais um «Domingo Feliz!»

A sorte indicará amanhã

os novos premiados

do nosso concurso semana

Com vento ou sem vento amanhã será domingo. Azul celeste provávelmente, e azul de liberdade (se a liberdade tem uma cor deve ser azul também) para os que a semana prende atrás das janelas das repartições, atrás dos balcões, atrás das secretárias obrigatórias e fastidiosas. Domingo! Domingo feliz! Domingo já hoje sonhado, projectado, planeado em pormenor...

Lá estaremos mais uma vez nos cais de embarque. No Terreiro do Paço, na estação do Rossio, no Cais do Sodré, defronte da multidão anónima, de entre a qual o puro acaso há-de eleger os vencedores do nosso concurso. Ninguém terá que mexer um dedo, sequer. Apenas partir, sair de Lisboa, buscar nas praias a caricia do sol, a frescura do mar, a brisa das esplanadas; ou no campo a paz sedante de uma sesta, a graça da merenda em família, á beira de algum regato... É só o que se pede: que os candidatos abandonem a cidade e se disponham a gozar o seu Domingo Feliz. O resto nem mesmo é connosco, mas com a sorte, com o arbitrário tempo que há-de colocar aqueles que serão os nossos premiados diante das objectivas fotográficas, no momento preciso do seu disparo. Basta comprar depois o «Diário de Lisboa» para verificar se o excedente de felicidade não vos terá saído a vós...

Assim, amanhã, os nossos leitores estarão habilitados aos seguintes e valiosos prémios:

PRÉMIOS SINTRA

1.º — Um batedor TURMIX (modelo Turbilhão), no valor de 1.980$00, que são distribuídos pela conhecida e acreditada firma MARÇAL CORRÊA, Lda., Rua de Serpa Pinto, 15, 5.º Esq. telef. 26076) em Lisboa.

2.º — Sabão activado «CUF», no valor de 600$00.

3.º — Produtos SCHWEPPES, no valor de 300$00.

4.º — Um bilhete para a lotari da CASA CAMPIÃO.

PRÉMIOS COSTA DO SOL

1.º — Viagem aérea de ida e vo ta ao Porto, no excelente servi da T.A.P., com estadia de um d num dos melhores hotéis do Nort O valor deste prémio é de 1.000$

2.º — Seis discos escolhidos e tre os que são distribuidos em Portugal pelos ESTABELECIME TOS VALENTIM DE CARVALH

3.º — Produtos SCHWEPPES, n valor de 300$00.

4.º — Um bilhete para a lotari da CASA CAMPIÃO.

PRÉMIOS COSTA DA CAPARIC

1.º — Um aquecedor eléctrico p ra pratos MAXIM e um ferr eléctrico MORPHY-RICHARDS, n valor de 1.045$00. Estes dois uten sílios domésticos, são distribuído em Portugal pelos ESTABELEC MENTOS SIDA, LDA.

2.º — Seis camisas, no valor d 780$00 da afamada marca RW, con feccionadas pela acreditada firm JOCKEY CAMISEIROS

3.º — Produtos SCHWEPPES, n valor de 300$00.

4.º — Um bilhete para a lotari da CASA CAMPIÃO.

O aniversário da Campanha do Trigo

que hoje se comemora

é assinalado com a presença do almirante Américo Tomás

O Instituto Superior de Agronomia promove, hoje, uma série de cerimónias integradas nas comerações do encerramento do ano lectivo e do 30.º aniversário da Campanha do Trigo.

A estas cerimónias assiste o Chefe do Estado, que será recebido pelo ministro da Educação Nacional e pelos componentes do corpo docente daquele Instituto, incluindo o respectivo director, prof. eng.º André Navarro.

Na sala dos actos haverá sessão solene, durante a qual usarão da palavra os srs. prof. André Navarro; eng.º agrónimo D. Francisco de Vilhena, em nome da Sociedade de Ciências Económicas; prof. dr. Moses Amzalach, reitor da Universidade Técnica; prof. eng.º Leite Pinto, ministro da Educação Nacional. A encerrar a sessão deve usar da palavra o sr. almirante Américo Tomás.

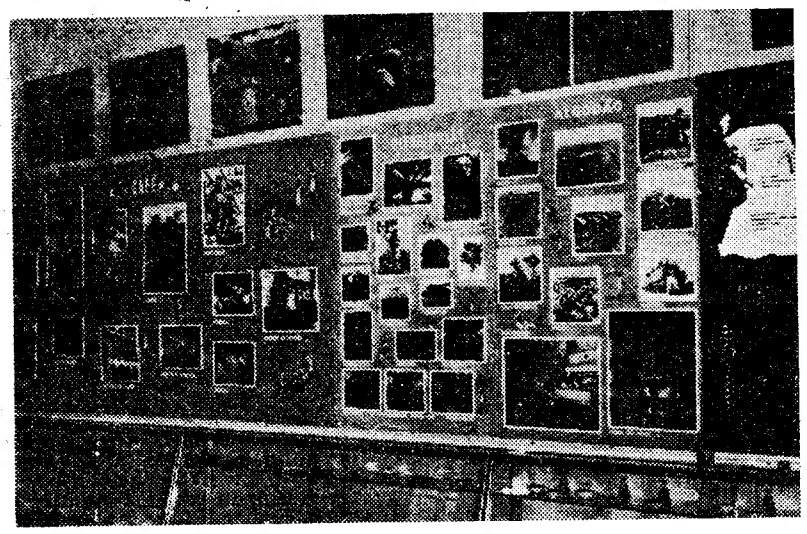
Após proceder á entrega dos prémios aos alunos que mais se distinguiram no ano lectivo findo, o Presidente da Republica visitará o museu Agro-Florestal, unico no País e muito apreciado pelos professores e alunos estrangeiros, em especial americanos. Trata-se de uma exposição permanente das culturas, produtos e matérias-primas da Metrópole e do Ultramar. Fotografias técnicas de pormenor e mapas ilucidativos documentam culturas de vários cereais.

Durante esta visita, o sr. almirante Américo Tomás inaugurará a sala-museu de produtos ultramarinos, um lagar de azeite e uma oficina de máquinas agrícolas.

No referido lagar de azeite podem ver-se dois grupos de máquinas: um de tipo clássico de fabrico nacional e outro de tipo moderno, de fabrico nacional também, mas segundo licença italiana. A diferença de processos é flagrante, visto que a máquina moderna, além da sua perfeição técnica, movimenta apenas dois homens. A oficina de máquinas agrícolas passará a funcionar como aula, e, para ela, várias empresas industriais, construtoras ou importadoras enviam as saus máquinas agrícolas, para que os alunos se familiarizem com elas e sirvam ao mesmo tempo de ensino prático.

Será, ainda, inaugurada, na estufa grande, uma exposição de' floricultura. A exposição tem, este ano, um arranjo de grande simplicidade, mas bastante atraente, nela predominando apenas duas espécies de flores: as gloxínias, em 17 lindas variedades, e as begonias tuberosas, e outras plantas ornamentais. Esta exposição pode ser visitada pelo publico durante toda a semana.

Finalmente, no largo fronteiro ao edifício do Instituto, o Chefe do Estado procederá ao descerramento de uma lápida evocativa do coronel Linhares de Lima, com a seguinte inscrição: «1959 — 30.º aniversário da Campanha do Trigo. À memória do ministro da Agricultura coronel Henrique Linhares de Lima. Homenagem dos engenheiros agrónomos do grande impulsionador do Fomento Agrícola e da colaboração entre a Técnica e a Lavoura».



Um aspecto da exposição que estará patente ao publico

Prof. Celestino da Costa

Em seguimento a uma proposta do Conselho Técnico do hospital, o ministro da Saude nomeou o sr. prof. doutro Celestino da Costa, director do Centro de Cirurgia Cardíaca do hospital de Santa Maria.

TERMAS
DE CALDELAS
tratamento do aparelho digestivo, especialmente intestinos
Abertas de 1 de Junho a 10 de Outubro

PASTA MEDICINAL
Couto
EVITA estomatites
TRATA doenças da boca

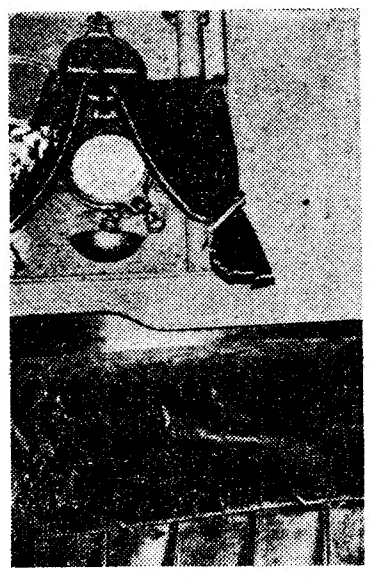
O contra-almirante

Francisco Alves Leite

atinge o limite de idad

O contra-almirante António Fra cisco Alves Leite atinge amanhã limite de idade, passando á situaçã de reserva, pelo que deixará o ca go de subchefe do Estado-Maior d Armada, que exercia desde Janei de 1956.

O contra-almirante Alves Leit além deste cargo, exerceu outr na provincia de Moçambique. O m nistro da Marinha concedeu-lhe u louvor pelos serviços distintos q prestou e condecorou-o com a m dalha militar de ouro de serviç distintos.



Gina Lollobrigida

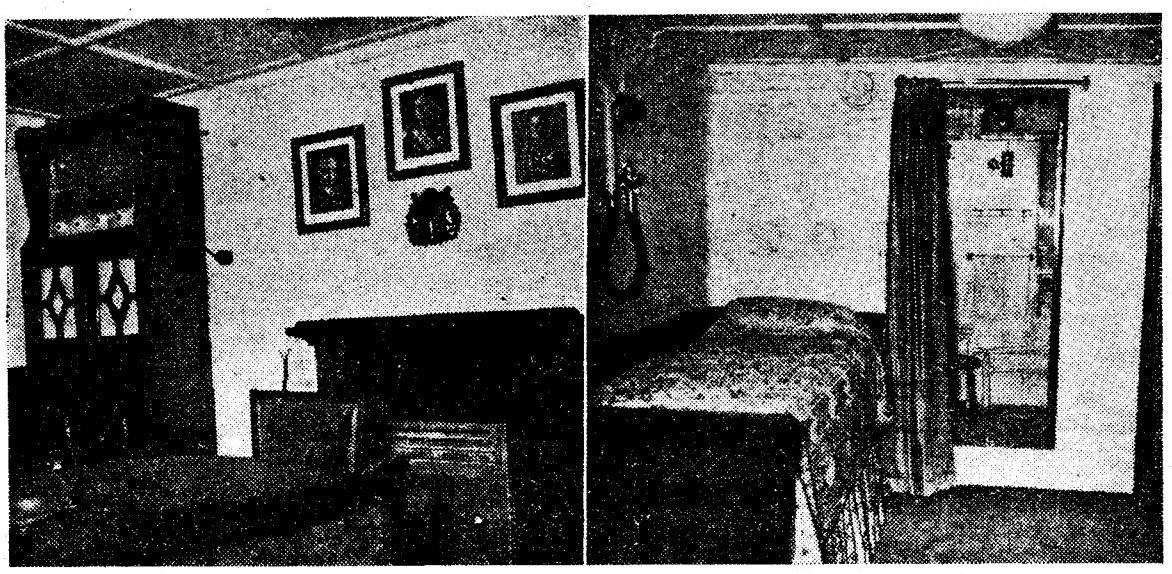
recusa a moda «Yul Brinner»

e já não corta o cabelo

ROMA, 18 — A artista italiana Gina Lollobrigida recusou a cortar o cabelo «á Yul Brinner» e decidiu retirar-se do «cast» da produção norte-americana «Jovanka and the others», cujo custo está avaliado em três milhões de dólares — cerca de 90.000 contos.

Um informador oficial declarou que o afastamento de Gina se filia «em motivos de saude, pelo que a artista se encontra incapaz de desempenhar o papel principal da película».

Por seu turno, círculos ligados ao Cinema afirmam que a razão pela qual a «Lollo» se afastou das filmagens é por não querer rapar o cabelo, exigência que fazia parte do papel que iria desempenhar e do contrato. — (A. N. I.).



A sala e o quarto de dormir, com casa de banho privativa, preparados para o imperador da Etiópia, a bordo da «Nuno Tristão»

Larga depois de amanhã para Bayonne

a formação naval que conduzirá para Lisboa

o imperador Hailé Selassié I

A formação naval que conduzirá de Bayonne a Lisboa o Imperador Hailé Selassié, da Etiópia, encontra-se em estado operacional para largar depois de amanhã de manhã para aquele porto francês, onde embarcará Sua Majestade com destino a Lisboa, assim como a sua comitiva, que será distribuida pelas três unidades: fragata «Nuno Tristão», e contratorpedeiros «Vouga» e «Lima» que constituem a escolta. O primeiro daqueles vasos de guerra, como já referimos, sofreu importantes beneficiações, especialmente na parte dos aposentos do Imperador, que disporá de uma *suite* com casa de banho e sala de jantar. Nesta estão quatro fotografias: a da família Real da Etiópia, dos Presidentes da Republica e do Conselho de Portugal e ainda a do ministro da Marinha.

O Imperador e sua comitiva passarão dois dias a bordo.

As tripulações dos três vasos de guerra foram preparadas especialmente para todas as cerimónias, tendo sido distribuidas publicações sobre o valor económico e político da Etiópia e sua importancia especial no problema político africano de grande importancia no Mundo de hoje.

Por outro lado os comandantes dos três navios, srs. capitães de fragata Diogo de Melo Alvim, Eduardo Cabral Metzner e Virgílio Rodrigues Machado, proferiram palestras elucidativas e que tiveram o objectivo de esclarecer as guarnições. Focaram objectivamente a categoria dos convidados, que serão conduzidos a bordo, assim como as honras a que têm direito.

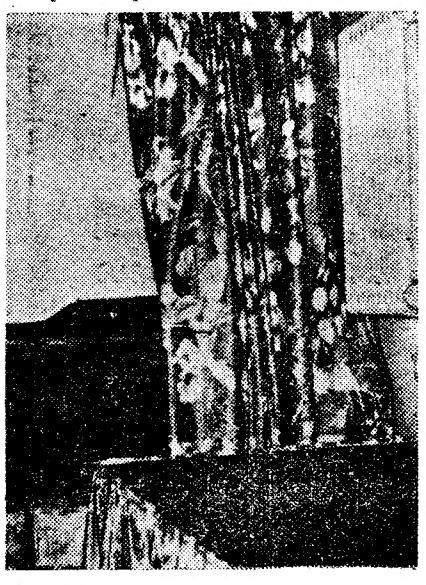
Assim, no momento em que Sua Majestade o Imperador entrar na fragata «Nuno Tristão», os três navios salvarão com os 21 tiros em honra do Chefe do Estado da Etiópia.

A formação naval largará na segunda-feira, pelas 8 e 30 horas, navegando sob o comando superior do sr. comodoro Paulo Viana, comandante em chefe da Força Naval do Continente cujo distintivo será arvorado na fragata «Nuno de Tristão».

A cozinha francesa tem a preferência de Hailé Selassié

A alimentação preferida pelo imperador é a da cozinha francesa, que habitualmente é servida na corte da Etiópia, isto é: á base de molhos e bons temperos.

Os vinhos, licores, champanhes e águas minerais serão igualmente franceses, mas é muito possível que sejam fornecidos vinhos portugueses caso venham a ser preferidos durante a viagem. A bordo funcionará um bufete frio.



O quarto da «Nuno Tristão» onde viajará a neta do Imperador

As comemorações da festa nacional de Espanha

A Embaixada de Espanha em Lisboa comemora hoje com diversas manifestações o 23.º aniversário do levantamento nacional que elevou ao poder o general Franco No pátio de honra do palácio de Palhavã celebra-se ás 19 horas missa em acção de graças, seguida de juramento de bandeira pelos recrutas residentes em Portugal e de recepção á colónia, á qual será oferecido um «cocktail», ás 20 horas, nos jardins da Embaixada.

Um almoço oferecido pelo adido de Imprensa

No Círculo Eça de Queirós efectuou-se o tradicional almoço oferecido pelo adido de Imprensa á Embaixada de Espanha, sr. Xavier Echarri, aos jornalistas portugueses que fizeram a reportagem da guerra civil espanhola em diversos pontos da frente nacionalista.

FOI AGRACIADO por Franco

o brigadeiro França Borges

MADRID, 18 — O presidente da Camara Municipal de Lisboa, brigadeiro António Vitorino França Borges, foi, hoje, agraciado pelo generalíssimo Franco com as insígnias da Grã-Cruz de Mérito Civil.

O seu nome figura na lista de altas individualidades civis condecoradas pelo Governo espanhol, no dia em que a Espanha comemora o 23.º aniversário da guerra civil. — (A. N. I.).

A comitiva do imperador

Constituem a comitiva do imperador da Etiópia, as seguintes individualidades: princesa Aina Desta, Tsahafe Teezaz Aklilou Habte Wold, vice-primeiro-ministro; Ras Mesfin Silashi, vice-governador-geral da Província de Showa; Tsahafe Teezaz Tffarra Worq Kidane Wold, ministro da corte imperial; Ato. Yilma Deressa, ministro dos Negócios Estrangeiros; major-general Mulugeta Bulli, chefe do Estado-Maior de sua majestade imperial; Ato. Ketema Yifru, adjunto do ministro da Educação, e coronel Debebe Haile Mariam, principal ajudante de ordens do imperador.

Os recrutas do Governo Militar de Lisboa preparam os exercícios de fogos reais

Os exercícios das Escolas de Recrutas do Governo Militar de Lisboa prosseguiram hoje, com operações de pequenas unidades e de cooperação de infantaria e carros de combate, iniciando-se também a preparação do exercício de fogos reais que se efectuará depois de amanhã, na região do Alcoitão.

Hoje, de manhã e á tarde, o batalhão de recrutas do R. I. 1, que estava desde ontem a dar cumprimento ao exercício «Gama», manteve-se todo o dia instalado defensivamente na Ribeira da Laje. Ao começo da noite, iniciará a rotura de contacto, sob pressão do adversário, operação que deverá prolongar-se até de madrugada. Entretanto, os recrutas do R. I. 5 e R. I. 11, que na noite de ontem para hoje terminaram o exercício «Beta» na região imediatamente a Sul do Cacém, dedicaram o dia de hoje a uma segunda fase de exercícios de pequenas unidades e de cooperação infantaria-carros, com o de um esquadrão de carros de combate do R. C. 7

As restantes unidades de infantaria, artilharia e cavalaria, que há dois dias se encontravam em exercícios, regressaram hoje, durante a tarde, aos seus bivaques. Iniciaram, desde logo, a preparação do material para o exercício «Alfa», que se efectuará depois de amanhã na região do Alcoitão e em que tomam parte quase todas as tropas em exercícios.

O tempo que faz

SITUAÇAO GERAL ÀS 9 HORAS (T. M. G.) DE HOJE — Em Portugal continental o vento era moderado de Noroeste, excepto nas regiões a Norte do Mondego onde era fraco. Havia nevoeiros em algumas regiões do litoral oeste a Norte do Mondego, e o céu estava pouco nublado por acção duma massa de ar transportada na circulação conjunta dum anticiclone centrado a Sudoeste dos Açores e duma depressão de origem térmica centrada sobre a Espanha.

Temperaturas ás 9 horas: Porto, 12°; Lisboa, 17°; Bragança e Funchal, 18°, e Faro, 20°

PREVISAO ATÉ ÀS 24 HORAS (T. M. G.) DE AMANHA — Bom tempo com céu limpo, excepto durante a manhã nas regiões do litoral oeste a Norte do Tejo, onde estará por vezes muito nublado. Vento moderado de Noroeste, por vezes com rajadas fortes. Pequena descida de temperatura.

Marinheiro salvo por um colega

no mar do Cabo Branco

quando ia ser fragado pelas ondas ou pelos tubarões

No dia 20 de Junho, saiu de Lisboa com destino aos pesqueiros de Cabo Branco, o arrastão português «Praia de Algés», propriedade da Sociedade Portuguesa de Pescarias Restelo, de que é capitão o sr. Luís Malaquias Pereira. A viagem decorreu em boas condições, pelo menos durante os primeiros dias de pesca.

A certa altura o navio teve que mudar de pesqueiro e, ao navegar a toda a velocidade nos mares de Cabo Branco, em pleno Atlantico, caiu ao mar o marinheiro Benedito Fracisco dos Santos, de 45 anos, casado, filho de Francisco dos Santos e de Albertina Laranjeiro, casado natural de Budens, Vila do Bispo, e residente na Rua Alexandre Herculano, 25-2.º, em Cascais.

O infeliz marinheiro, quando procedia á separação da porta de arrasto do barco, sobre a qual se encontrava, devido a uma volta do mar, desequilibrou-se e caiu á água. Nos primeiros momentos ninguém se apercebeu do desastre e o navio continuou a sua marcha, deixando o homem entregue á luta pela vida. Só algum tempo depois, um dos tripulantes ouviu os gritos do infeliz Benedito Francisco dos Santos, que, em circunstancias dramáticas, via que o barco se afastava e ninguém o socorria. Foi nesse instante que o capitão mandou volver a direcção ao navio. No mar, as manobras levam sempre o seu tempo e, naquelas condições, o tempo vale a vida de um homem. Entretanto, o Benedito continuava a nadar, mas já com poucas forças. Foi lançada de bordo do «Praia de Algés» uma baleeira com alguns homens, mas o mar era de tempestade e ventania. A pouco e pouco, esses homens conseguiram aproximar-se do pobre marinheiro, mas o mar afastava-os. Resolveram arremessar uma boia, que o Benedito não pôde apanhar. Depois atiraram-lhe um cabaz. Tudo em vão. Vendo-se já sem forças, o infeliz marinheiro, convencido de que não o poderiam salvar fez o ultimo adeus para os seus colegas e deixou que uma onda mais forte ou o ultimo instante de forças, o levassem para o fundo do mar.

Nesse momento, um homem, com o coração dilacerado pela tragédia de um companheiro, pai de três filhos, que em circunstancias tão dramáticas, estava prestes a desaparecer, despiu o casaco, decalçou as botas e atirou-se á água, esquecendo-se que também era casado e que tinha filhos, apenas com a abnegada ideia de salvar o seu companheiro. Quem era esse homem de coração tão altruista? Era o próprio mestre de redes, Adelino António Bio, casado, filho de António Bio e de Henriqueta Malaquias, de 34 anos, natural de Covas, freguesia de Lavos distrito de Figueira da Foz. A cena foi de angustia e de tragédia para quantos assistiam. A certa altura, com o perigo dos tubarões e das esguelhas, os tripulantes do «Praia de Algés» começavam a ver que os dois homens eram tragados pelo mar, pois o próprio Adelino Bio já estava esgotado. A luta foi desesperada.

Em dado momento viu-se que os dois homens estavam agarrados um ao outro, mas prestes a serem arrastados pelas ondas. Mais umas corajosas braçadas do António Bio, com o Benedito já com os sentidos perdidos e, finalmente o salvamento para bordo da baleeira.

Recolhido a bordo, o Benedito quase não dava sinais de vida. Foram-lhe dadas massagens de respiração artificial, conseguindo-se ao cabo de duas horas, de porfiados esforços, fazê-lo reanimar. Como o seu estado não fosse satisfatório, o capitão resolveu seguir para o porto de Guera, para ser observado por um médico.

O homem conseguiu salvar-se, mercê do espírito de colaboração do mestre de redes e de toda a vontade do capitão e dos restantes homens da tripulação do «Praia de Algés».

O agente Gonzaga Pratas, da Polícia Marítima, está agora a proceder a diligências sobre a arribada forçada ao porto espanhol de Guera e consequentes avarias na baleeira e para que o salvador seja devidamente galardoado pelo Instituto de Socorros a Náufragos.

PRATAS EM 2.ª MÃO
GRANDE VARIEDADE
BONS PREÇOS
OURIVESARIA PIMENTA
Rua Augusta 2?3 Telef 24564

Junghans
A CATEGORIA DESTES RELÓGIOS
CONHECIDA EM TODO O MUNDO POR
PRECISÃO Junghans
ASSEGURA AO PREFERI-LOS UMA BOA COMPRA
À venda nas boas relojoarias e ourivesarias

Concha
Restaurante - Salão de Chá-Dancing
Almoços e Jantares
Na Maravilhosa Piscina da Praia das Maçãs
á carta ou, respectivamente ao preço de Esc. 50$00 e Esc. 55$00

NOIVOS
As alianças e prendas da OURIVESARIA DA MODA dão felicidade!
Rua da Prata 257

Pensava que o seu vestido estava branco...

...mas o dela tem a brancura OMO!

E para uma dona de casa a brancura quer dizer muito. Sim! Mais branco quer dizer mais bem lavado, mais cuidado! De hoje em diante também ela vai lavar a sua roupa com Omo e só Omo!

LAVE TODA A SUA ROUPA COM OMO

OMO LAVA MAIS BRANCO

INDÚSTRIAS LEVER PORTUGUESA, LDA SACAVÉM 59-OM-20

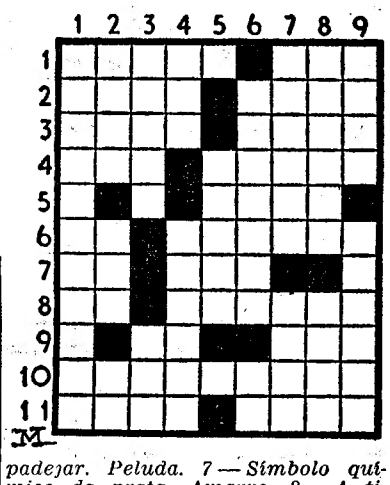
PALAVRAS CRUZADAS

(COM PROVÉRBIO)

Problema n.º 1658

HORIZONTAIS: 1 — Satisfeitas — Mulher de Saturno, deusa da abundancia entre os Romanos (mitol.). 2 — Para diante. Quebradiço. 3 — Espécie de rã. Aquele que. 4 — Borra. Imagina. 5 — Seguimento ou sucessão de coisas que estão na mesma direcção. 6 — Utensílio de padejar. Peluda. 7 — Símbolo químico da prata. Amarre. 8 — A ti. Crestar. 9 — Grito de dor. Alei. 10 — Compara. 11 — Pronome demonstrativo. Ecoar.

VERTICAIS: 1 — Impostura. 2 — Icei. Actua. Artigo (pl.). 3 — Resfriar. Certos. 4 — Patroa. Maroto. 5 — Habilidade. 6 — O mais famoso dos heróis que se assinalaram no cerco de Troia. Artigo (pl.). 7 — Encoberto. Tunante. 8 — Cravos. Espécie de antílope. 9 — Quantia. Abaixar.



Resolveu completamente este problema?

Procure agora, em segundo passatempo, o PROVÉRBIO nele inscrito

Solução do problema n. 1657

HORIZONTAIS: 1 — SEM. Naipe. 2 — Al. CULPAS. 3 — Lias. Arum. 4 — Mn. Presa. 5 — Hiade. Ser. 6 — Andara. 7 — Vai. Dreno. 8 — Era. NÃO. 9 — Rã. Votai. 10 — Pi. Unam. 11 — Avé. Ciosa.

VERTICAIS: 1 — Sal. HAVERIA. 2 — Eliminará. 3 — Anadia. Pé. 4 — Cs. Dá. Vi. 5 — Nu. PERDÃO. 6 — Alar Ar. Tui. 7 — Ipres. Enano. 8 — Pause. Naias. 9 — Esmarroo. Má.

(Provérbio: SEM CULPAS NÃO HAVERIA PERDÃO).

HAVAS EXPRINTER

Agência Internacional de Viagens e Turismo

RUA AUREA, 234-242 — LISBOA

Telefs.: 24306 e 25620

Algumas excursões para 1959

Preços por pessoa: a SEVILHA, duração 5 dias, 1.050$00; a MADRID, 8 dias, 1.820$00; a LOURDES e PARIS, 11 dias, 4.450$00; a PARIS e MADRID, 12 dias, 3.715$00; a PARIS e LONDRES, 14 dias, 5.350$00; aos PAÍSES BAIXOS, ALEMANHA e DINAMARCA, 14 dias, 7.750$; á ITÁLIA, 19 dias, 7.050$00; á ESCANDINÁVIA e FYORDS DA NORUEGA, 21 dias, 11.450$00; FRANÇA, SUÍÇA e ITÁLIA, 39 dias, 19.497$00.

TUDO INCLUÍDO

*

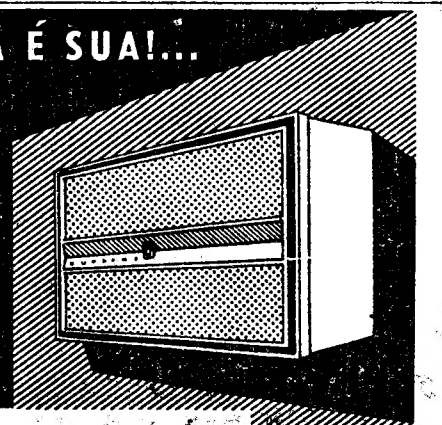
PEÇA O NOSSO FOLHETO ELUCIDATIVO

*

VENDEM-SE BILHETES DE AVIÃO, BARCO OU CAMINHOS DE FERRO E RESERVAM-SE HOTEIS AOS PREÇOS OFICIAIS

A PRIMAVERA É SUA!...

...EM QUALQUER ÉPOCA DO ANO TENHA O CLIMA MAIS AGRADÁVEL EM SUA CASA, NO ESCRITÓRIO OU NA FÁBRICA, INSTALANDO...



RCA Whirlpool SUPREME

CONDICIONADORES DE AR DE ALTA QUALIDADE

TELECTRA — Empresa Técnica de Equipamentos Eléctricos S.A.R.L.

LISBOA PORTO

VINHO DE

COLARES V. S.

(Visconde de Salreu)

O Melhor entre os melhores Grandes Caves em Colares

Ramisco Engarrafado

e

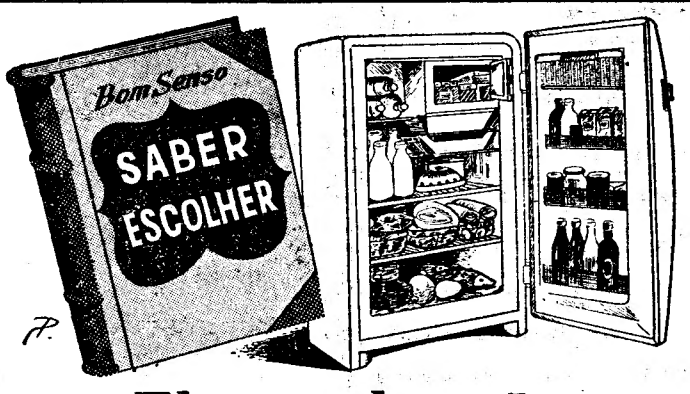
Chão Rijo em Garrafões

D. J. SILVA, LDA.

R. Barata Salgueiro, 15-1.º

Tel. 47154 — Lisboa

À venda nos bons estabelecimentos



Electrolux, L.da

LISBOA

Rua Pascoal de Melo, 7

Rua 1.º de Dezembro, 120-B

A obra **SABER ESCOLHER**, da autoria do Bom Senso, tem no capítulo **FRIGORÍFICOS** um nome escrito a letras de ouro:

ELECTROLUX!

Electrolux apresenta 15 modelos diferentes de FRIGORÍFICOS E CONGELADORES DOMÉSTICOS, DESDE 3.500$00 até 15.900$00

Telef. 28246

Telef. 56115

RÁDIOS PORTÁTEIS

PHILIPS

TOTALMENTE TRANSISTORIZADO À VENDA DESDE 55$00 MENSAIS

No AGENTE OFICIAL

PHILIPS

CASA A. M. FERREIRA

Agora na

Travessa Henrique Cardoso, 48-A

(Junto à Av. de Roma)

Telef. 76 49 14

PULIMENTO PERFEITO COM CINTAS SEM-FIM ABRASIVAS

REPRESENTANTES

MOTA & TEIXEIRA, L.DA

PORTO—RUA DUQUE LOULÉ, 137
LISBOA—PRAÇA DA ALEGRIA, 58-5.º

O «DIÁRIO DE LISBOA» vende-se, em MOSCAVIDE, na Agencia de Jornais de Jaime Santos Rua Laureano de Oliveira 10 A

SINTRA ESPERA O NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os COMBOIOS ELECTRICOS

Duas novas maravilhas

Distribuidores

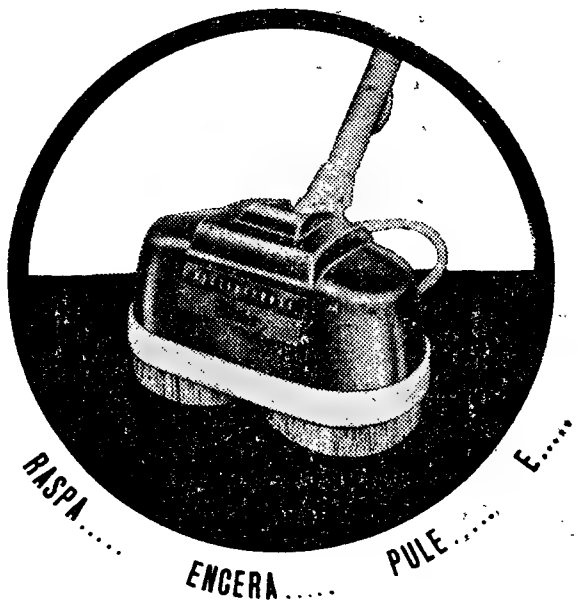
NORA — NOVA ORGANIZAÇÃO DE RADIO, S. A. R. L.

LISBOA
Rua da Victória, 59/63
Rua de Infantaria 16, N.º 60-D
Telefones 28749 - 688286

PORTO
Rua Formosa, 86/88
Rua da Alegria, 71
Telefone 3 3 1 8 3

Westinghouse

5 anos de garantia



FAZ DO CHÃO DO SEU LAR UM ESPELHO PARA SE ADMIRAR

IGNIS

O FRIGORÍFICO DE LUXO A PREÇO POPULAR

5 Modelos de Sólida Construção e Impecável acabamento

MODELO	2125/S (125 LTS)	ESC. 5.980$00
•	2150/S (150 »)	» 6.480$00
•	2160/S (160 »)	» 7.100$00
•	2200/S (200 »)	» 8.350$00
•	2230/S (230 »)	» 9.350$00

Preços excepcionais

Grandes facilidades de pagamento

- INTERIOR EM ESMALTE DE PORCELANA
- CONGELADOR DE GRANDE CAPACIDADE
- PORTA COM APROVEITAMENTO TOTAL
- GAVETA PARA CARNES • GAVETA PARA LEGUMES
- MANTEIGUEIRA • LUZ INTERNA AUTOMÁTICA
- UNIDADE SELADA DE GRANDE RENDIMENTO E PEQUENO CONSUMO

5 ANOS DE GARANTIA

REPRESENTANTES **AGÊNCIA COMERCIAL SUECA, LDA.**
AV. FONTES PEREIRA DE MELO, 45 • TELEF. 59181 (4 LINHAS) • LISBOA
EM COIMBRA: Av. Fernão de Magalhães, 32-2.º Telef. 25829 Na Beira: M. SIMÕES JR., LDA. - Rua de Santo António, 208 - Tel. 25581 - PORTO

CARMO GONÇALVES

DECORADOR

Avenida dos Estados Unidos da América, Lote 3, 5.º, Esq.º
Telefone 76 11 44 — LISBOA

Comunica que depois de ter feito as obras de modernização na GRAVATARIA PARIS (1.ª fase) e JOQUEI CAMISEIROS, acabou as da casa

NOVA LUSA

de Rafael Santorum & Filhos, Ld.ª
R. de S. Nicolau, 112 — Tel. 26483
LISBOA

Todos estes trabalhos foram executados sem prejuizo do movimento comercial de qualquer das firmas.

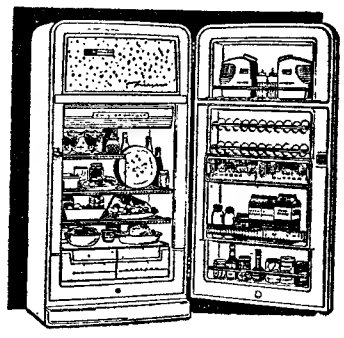
Foram colaboradores as seguintes firmas e técnicos:

A COMPETIDORA — Vidros e espelhos
DECORARTE (A. Santos) — Móveis e carpintaria
ELECTRO METALÚRGICA CONDOR, LDA. — Mobiliário de metal e serralharia
JÚLIO DE PAIVA & ESTEVÃO, LDA. — Pinturas
M. GONÇALVES ALVES — Construções civis e industriais
OCTÁVIO PASTOR — Instalações eléctricas
SILANTO, LDA. — Materiais de pavimento e revestimento
SIMÕES JÚNIOR — Reclamos luminosos
SOCIEDADE DE MARMORARTE, LDA. — Mármores

NÃO JOGUE A ESCOLHA DO SEU FRIGORÍFICO!

PHILCO

JÁ DEU PROVAS DA SUA
QUALIDADE
TÉCNICA
GARANTIA
F A M A



12 modelos diferentes desde 5.500$00

A pronto e a prestações suaves

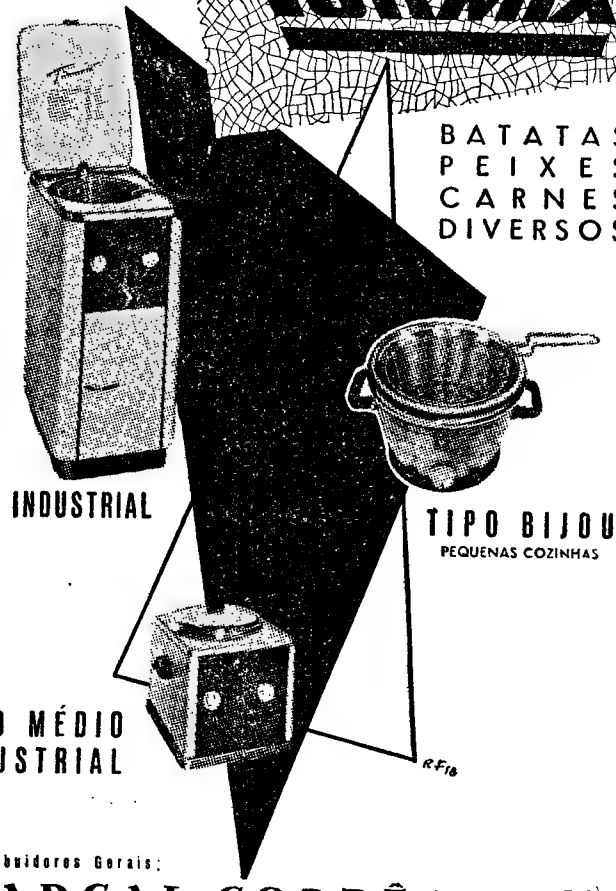
COMPARE UM

PHILCO

NUM REVENDEDOR AUTORIZADO

REPRESENTANTES GERAIS
7, RUA ALEXANDRE HERCULANO — L I S B O A
117, RUA SANTA CATARINA — P O R T O

FRITADORAS **TURMIX**



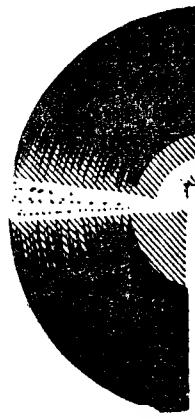
BATATAS
PEIXES
CARNES
DIVERSOS

TIPO INDUSTRIAL

TIPO BIJOU
PEQUENAS COZINHAS

TIPO MÉDIO INDUSTRIAL

Distribuidores Gerais:
MARÇAL CORRÊA, L.DA
RUA SERPA PINTO, 15, 5.º ESQ.º (Ao Chiado — Tem elevador)
TELEFONE 26076 * LISBOA — PORTUGAL



NOVOS DISCOS

«CIAO CIAO BAMBINA»
LINE RENAUD

PIOVE
AMOR DE VERÃO
TRUDIE
SETE CORAÇÕES

Pathé 45 PEG 110

LINE RENAUD

FAIS TA PRIÈRE
DÍS OH! DIS..
DÉSIR... DÉSIR...
C'EST LÁ POUR ÇÁ

Pathé 45 PEG 108

Pathé Columbia

SING, SING, SING
PAUL ANKA

MEU CORAÇÃO CANTA
PIEDADE. PIEDADE
MEIA-NOITE
CANTEM, CANTEM, CANTEM

Columbia SLEG 5013

AMÁLIA RODRIGUES

MALDIÇÃO
VAMOS OS DOIS PARA A FARRA

Columbia SCRP 338

EST. VALENTIM DE CARVALHO, LDA.

RUA NOVA DO ALMADA, 97 — L I S B O A

CAFÉ CORUJA

Restaurante típico
Coruche — Telefone 114

Pratos regionais
Caldeirada á Sorraia
Ensopado de Enguias
Filetes á Marisqueira
Lombo de Porco no Espeto
Frango de Caril á Coruja
Bifes de Vaca na Caçola
Cabrito á Moda da Casa

Todos os domingos ranchos folclóricos e fandanguistas da região (6 anos)

Tirol de Sintra

RESTAURANTE
SALA DE CHA
PASTELARIA

A MELHOR CASA NO GÉNERO
Experimente o nosso esplêndido serviço de RESTAURANTE, BAN QUETES, LANCHES
AV. HELIODORO SALGADO, 5-7-9
Telf. 980505-980556 SINTRA

Porquê
Correia *SIEGLING*
(leia Zi-glim)
para o Vosso Alternador?

Uma central eléctrica pode causar eternas arrelias e constantes prejuízos, se o correão tiver avarias: variações de frequência e abaixamento da potência, por exemplo, são consequências duma correia que dilata e escorrega.

A correia *SIEGLING* (patente alemã) composta de

couro autêntico e plástico

é inextensível, possuindo um inverosímil poder de aderência, características resultantes da associação destes dois componentes

Maior potência e constância de velocidade são pois as vantagens da aplicação duma correia *SIEGLING*.

Outrossim, a superior aderência da correia de plástico *SIEGLING* permite eliminar o rolete tensor e suprime o aquecimento das chumaceiras

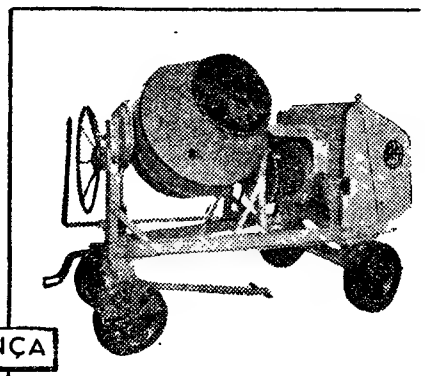
Em montagens novas poderá usar-se um alternador mais rotativo e prever-se polias mais estreitas, distâncias axiais muito curtas, etc.

- **Peça prospectos ou a comparência dum nosso técnico.**
- **No prazo de 10 horas fornecemos correia *SIEGLING* sem-fim.**

Representante Exclusivo
Eng.º GUSTAVO CUDELL
PORTO — Rua do Bolhão, 157 — Tel. 23484
LISBOA — Av. do Aeroporto, 1 C — Tel. 710342

BETONEIRAS

SIMPLES OU COM
GUINCHO
DE 180 E 210 L[ts]
ACCIONADAS POR MOTOR
PETTER
DIESEL OU PETRÓLEO



A MARCA DE CONFIANÇA

30 UNIDADES AO SERVIÇO DE UM SÓ CLIENTE

AA LISBOA

ALFREDO ALVES & C.ª (FILHOS)

E FÁBRICAS VULCANO E COLARES

RUA ACADEMIA DE CIÊNCIAS, 5 — LISBOA — TELEFONES: 31710/8/9

STAND DE EXPOSIÇÃO: BOQUEIRÃO DO DURO, 38 — LISBOA — TELEF. 664788

VIAGENS A SEVILHA POR VILA REAL

Em distribuição gratuita a C. P. tem à disposição do Público, mediante simples pedido verbal ou por escrito, folhetos contendo esclarecimentos relativos ao serviço combinado existente entre Lisboa e Sevilha, por Vila Real de Santo António, e executado na parte espanhola, pela Empresa Automovilista Internacional, de Huelva.

Para os adquirir basta dirigir-se a uma das estações de Lisboa (Rossio ou do Terreiro do Paço), Barreiro e outras estações do Sul do País, ou ao Serviço Comercial e de Tráfego, Santa Apolónia, Lisboa.

O desaparecimento
do «Carvalho Araújo»

(Continuação da 1.ª página)

ma, a verba foi-se reduzindo e acabou por dar apenas para dois navios. Adquiriram-se então, no ano de 1919, os «sloops» «Jounquil» e «Gladiolous». Resolvemos, todavia, não traduzir a palavra «sloop» por «aviso», mas sim por cruzador! Não fizemos a coisa por menos. Navios de 80 metros de comprimento, com duas peças de 10 como armamento principal, sem protecção e sem velocidade, classificados oficialmente como cruzadores! Lembra-me este caso o de uma obsoleta canhoneira cubana que fui encontrar em certa revista naval na baia de Spithead, classificada de cruzador. Mas passemos adiante, pois não é esse aspecto que se pretende focar neste breve apontamento.

O «Carvalho Araujo» teve uma vida intensa. Navegou muito, desempenhou-se bem de várias missões, algumas das quais ligaram o seu nome — que era o de um heroi — á história nacional contemporanea. Foi comandado por oficiais de nomeada. Pode dizer-se que teve grandes comandantes. Sem desprimor para qualquer outro — e tantos foram — mencionarei três como exemplo: Cisneiros de Faria, Parry Pereira e Gabriel Prior. A seu bordo viveram-se horas emotivas, quer de vibração patriótica, quer de nervosismo político. São alguns desses episódios que este breve artigo pretende fazer reviver, precisamente quando desaparece o navio que foi seu cenário ou seu comparsa.

Portador do avião da vitória

No decorrer do ano de 1922, quando o País vivia a epopeia magnífica da primeira travessia aérea do Atlantico Sul, foi o «Carvalho Araujo» chamado a desempenhar a sua primeira tarefa de larga repercussão — transportar até á ilha de Fernando Noronha um hidroavião «Fairey» com o numero 17, no qual Gago Coutinho e Sacadura Cabral haviam de concluir triunfalmente a sua famosa façanha. Montou-se a bordo um pau de carga para içar em Lisboa e arriar em Fernando Noronha aquele aparelho, o qual foi cuidadosamente instalado no convés da popa. Chegou o «Carvalho Araujo» a Fernando Noronha no dia 2 de Junho e daquelas águas partiu o histórico hidroavião para o Recife a 5 do mesmo mês. O aparelho descolou das proximidades do «Carvalho Araujo», cuja guarnição, emocionada até ás lágrimas, ergueu os bonés e gritou por três vezes: — Boa viagem!

Sobre estes momentos, Sacadura Cabral escreveu no seu relatório oficial:

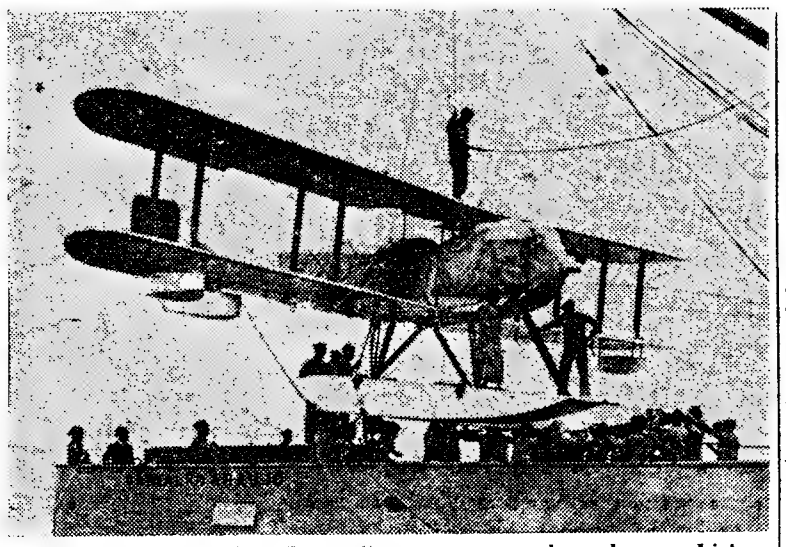
«Em 5 de Junho pela manhã, com seis horas de gasolina nos tanques, o hidro é posto na água e embarcamos ao som de três entusiásticos «Boa viagem!», soltados por toda a guarnição do «Carvalho Araujo». Momento solene e comovedor esse! Sentia-se bem que a marujada nos acompanhava de alma e coração, que em nós depositava a esperança de que déssemos maior brilho a essa Marinha á qual todos nós pertenciamos!».

Depois, o «Carvalho Araujo» esteve nos vários portos brasileiros onde o aparelho amarou e, a seu bordo, na baía do Rio de Janeiro, com a presença do embaixador Duarte Leite e do ministro da Marinha do Brasil, procedeu-se ao baptismo do «Fairey-17» — o avião da vitória — com o nome de «Santa Cruz», as terras de Santa Cruz onde a frágil aeronave aportara timonada pela mão e pelo cérebro de dois marinheiros de Portugal.

E assim, através destes belos episódios, ficou para sempre ligado o pequeno «Carvalho Araujo» á grande epopeia de 1922.

O episódio do movimento de 19 de Julho

Iiam pricipiar os exercícios navais (nesse tempo chamavam-se manobras) do Verão de 1924. Via-se uma agitada atmosfera política. Nas águas do Tejo, desde Belém até ao Dáfundo, estavam alinhadas umas 15 unidades navais conjunto que teve, por essa época a classificação oficial de Esquadra de Operações. Na noite de 18 para 19 de Julho, véspera da revista geral que ia ser passada pelo Presidente Teixeira Gomes a bordo do aviso «Cinco de Outubro», eclodiu mais um movimento revolucionário, este precursor do de 28 de Maio do ano seguinte. O então capitão-de-mar-e-guerra José Mendes Cabeçadas dirigiu-se, de madrugada, para bordo do cruzador «Vasco da Gama», onde os membros da equipagem implicados na conjura o receberam jubilosamente. O comandante-chefe da frota (almirante Macedo e Couto) e o comandante do navio (Jaime Afreixo), estavam impedidos de agir, não obstante a sua rija tempera de marinheiros. O «Vasco da Gama» não lhes obedecia. Vieram para terra. E os restantes navios da frota? Que se passava ou iria passar-se ao amanhecer? Foi então que, ainda de noite, o ministro da Marinha (Pereira da Silva) tomou a corajosa decisão de se «meter no meio da esquadra» para tentar isolar o «Vasco da Gama». Escolheu o «Carvalho de Araujo», comandado por Pedreira Caçador. Ao inteirar-se de que a guarnição «parecia obedecer», Pereira da Silva subiu a bordo e fez expedir para todos os navios surtos em redor, este rádio lacónico mas incisivo: «O ministro da Marinha encontra-se a bordo do «Carvalho Araujo», o qual vai suspender e sair a barra. Todos os navios leais ao Governo da Republica devem navegar nas suas águas».



O histórico hidro-avião «Santa Cruz» ao ser embarcado, em Lisboa, a bordo do «Carvalho Araujo»

Este rádio, precisamente naquele momento em que já havia tiros, podia traduzir-se num êxito ou redundar num fiasco de consequências imprevisíveis. Foi, porém, um êxito. Todos os navios levantaram ferro ao dealbar da manhã de 19 e seguiram o «Carvalho Araujo», que arvorava o distintivo ministerial. O «Vasco da Gama», isolado no rio, fazia mais alguns tiros e rendia-se poucas horas depois. A essa hora, o «Carvalho Araujo» conduzia a chamada Esquadra de Operações de rumo á baía de Lagos.

O exilio de Gomes da Costa

Outro episódio político ao qual ficou ligado o nome do velho navio — o exílio de Gomes da Costa, dois meses depois da vitória do movimento de 28 de Maio de 1926. Numa tarde ardente de Julho daquele ano, o «Carvalho Araujo» recebeu ordem para se dirigir á baía de Cascais e aguardar ali o embarque do famoso general, a fim de o conduzir á ilha de S. Miguel, nos Açores. Gomes da Costa havia sido detido no Palácio de Belém e constituira-se um novo Governo presidido pelo general Carmona.

Tudo decorreu em poucos minutos, desde que o antigo comandante do C. E. P., fardado, chegou ao pequeno cais do Maregrafo. Uma embarcação do «Carvalho Araujo» aguardava, em baixo. Próximo de terra pairava aquela unidade naval, de cujas chaminés saía, em espirais para o céu, densa e negra fumarada, que a calmaria não lograva desfazer. Gomes da Costa desceu a escada de pedra, escorregadia pelo revestimento de limos, e passou para a embarcação. Esta largou sob a chapa ardente do sol estival e, momentos depois, estava a atracar ao navio. Saudado ao portaló pelo comandante, teve as honras militares inerentes á sua patente. Era um exilado, mas não deixara de ser um general em serviço activo. Os cumprimentos foram rápidos e Gomes da Costa recolheu, abatido, ao camarote do comandante, que lho cedera. Daí a pouco, ante os olhares de meia duzia de curiosos (pouca gente soubera da partida) o «Carvalho Araujo» suspendia e tomava o rumo de Oeste. Assim começou, a bordo do navio agora desaparecido, o exílio de Gomes da Costa.

De outras missões se encarregou a simpática unidade naval — porque era de facto, apesar de obsoleto, um navio de linhas harmoniosas e até com certa elegancia. Estivera, no ano de 1920, a representar a Marinha Portuguesa na revista naval internacional de Argel, passada pelo presidente Millerand; a seu bordo havia de viajar, na costa de Angola, o alto comissário Norton de Matos; deslocar-se-ia, novamente, mais tarde, até águas de Angola, para uma demorada estação de soberania, durante a qual prestaria honras ao ministro Armindo Monteiro, durante a longa viagem em que tive a honra de o acompanhar como representante deste jornal; prestou desvelada assistência aos nossos pescadores de bacalhau, na Terra Nova, comandado por Matos Moreira; em outra emergência, por ocasião da revolta na Madeira e nos Açores, chegou a duvidar-se da lealdade de alguns dos componentes da sua guarnição, mas o navio, afinal, respondeu plenamente e cumpriu até ao fim.

Para viver os ultimos dos 44 anos da sua existência, foi adaptado a navio-hidrográfico e desempenhou durante largo tempo na costa de Angola, importantes trabalhos de levantamento de cartas dos portos e do litoral. Desarmado e mandado abater ao efectivo, teve como ultimo comandante o capitão-de-fragata Luciano Bastos, o qual transitou para o comando do novo «Carvalho Araujo» — uma corveta de 700 toneladas adquirida agora em excelentes condições na África do Sul e á qual vai competir, graças ao interesse e também á rapidez com que o ministro da Marinha agiu para a compra da nova unidade, a tarefa de prosseguir na hidrografia de Angola por forma a que, por toda a parte, os navios portugueses possam guiar-se sempre por cartas portuguesas.

MAURICIO DE OLIVEIRA

Rotary Clube de Lisboa

«Impressão de uma viagem ao Brasil» é o título de uma palestra que o sr. Emmanuel Michet profere terça-feira, durante o habitual almoço do Rotary Clube de Lisboa, na Casa do Alentejo.

O cicerone
da Madre de Deus
foi louvado
pelo ministro das Finanças

(Continuação da página central)

que refere a história do Convento, o denodo com que defende ter sido D. João V um grande rei.

— Chamaram-lhe perdulário. Magnino é que ele foi! E logo depois acrescenta: Nunca um cognome foi tão apropriado.

Tem coisas escritas. Mas só serão publicadas depois da sua morte. Este homem tímido, obsequioso, de uma rotundancia vocabular passada, não quer sentir o juizo dos seus contemporaneos e prefere imaginar a glória que terão os seus papéis a correr a aventura de verificar o acolhimento que lhe dispensariam os seus contemporaneos.

* * *

O sr. Saldanha Rodrigues completa amanhã oitenta e cinco anos. Não tem outra família que não seja a de um rapaz que protegeu quando era funcionário da Casa Pia, o sr. Henrique de Azevedo. De tal maneira se lhe afeiçoou, que trata e considera como seu neto o filho do seu antigo protegido e amigo de sempre. Não haverá grandes comemorações: apenas uma missa na igreja da Madre de Deus, ás 11 e 30, mandada dizer pela sr.ª D. Maria Helena Santos Moreira e celebrada pelo rev. Cesar, da Ilha de S. Miguel, Açores. Estarão ali, rezando pelas intenções do sr. Saldanha Rodrigues, muitos dos que lhe estão gratos pela sua dedicação á Madre de Deus e o admiram pela sua vida honrada. E não apenas portugueses, uma vez que são principalmente os estrangeiros quem procura a Madre de Deus. Os que não puderem ir amanhã, pessoalmente, dar os parabéns ao sr. Saldanha enviem-lhe um cartão ou um telegrama. Mora na Rua de S. Cristovão, 25, 3.º, Direito. Creiam que fazem uma boa acção!

O ministro das Finanças louvou o sr. Saldanha Rodrigues

Quando o sr. Saldanha Rodrigues atingiu o limite de idade, já lá vão quinze anos, foi reformado. Esteve alguns dias sem ir á Madre de Deus. Pois os protestos foram tão grandes e vindos de tantas pessoas que o ministro das Finanças de então autorizou a sua continuação ao serviço

Agora, o ministro das Finanças, sr. prof. dr. Pinto Barbosa, não esqueceu o que a Madre de Deus deve a este modesto servidor. Concedeu, hoje, um louvor ao modesto funcionário, pela forma dedicada, inteligente e competente como exerceu sempre as suas funções. Bem o merece o sr. Saldanha Rodrigues.

EXERCÍCIOS NA COSTA
com uma flotilha de draga-minas

A flotilha de draga-minas, do comando do sr. capitão-de-mar-e-guerra Almeida Carvalho, far-se-á, na segunda-feira, ao mar, para mais um período de exercícios que se prolongará até ao dia 31 do corrente.

Participam nesses exercícios as seguintes unidades: «Graciosa», «S. Jorge», «Ponta Delgada», «Horta», «Vila Porto» e «S. Pedro», e ainda o caça-minas «Faial», que servirá de navio de apoio.

PERKINS-DIESEL
RECORRA À ASSISTÊNCIA ESPECIALIZADA E CONSULTE OS REPRESENTANTES EXCLUSIVOS
Auto-Industrial, Lda.
Rua Alexandre Herculano, 66

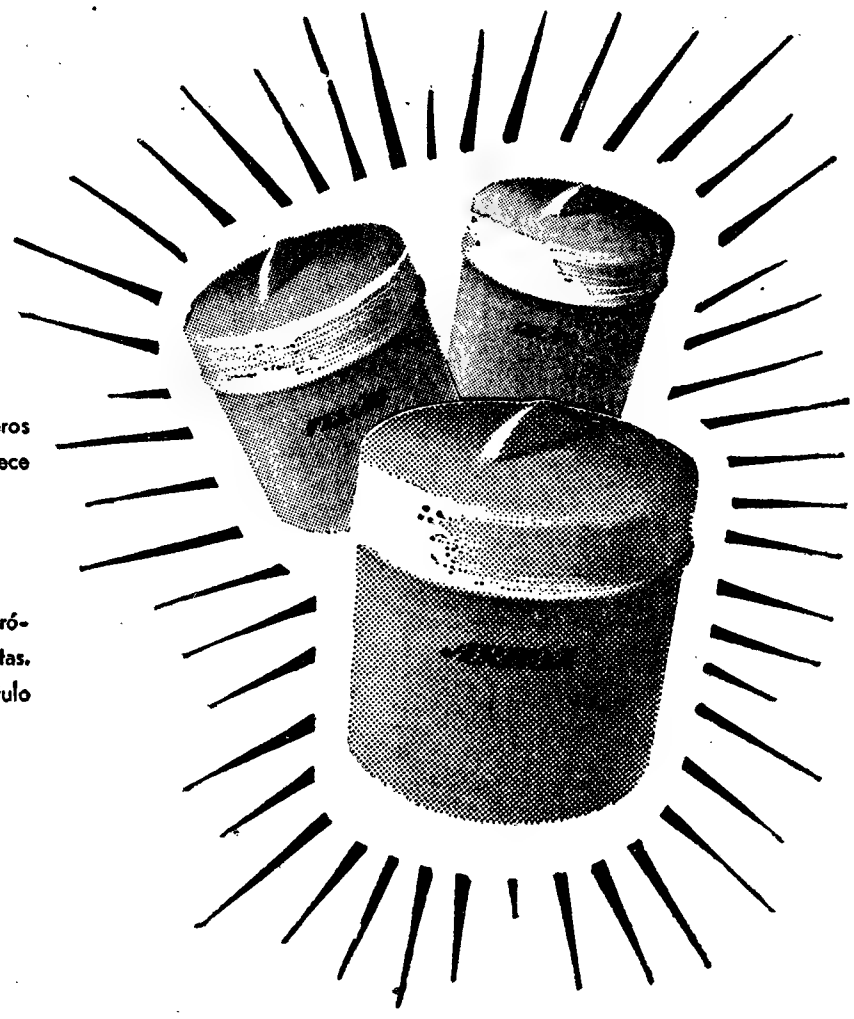
Ao Sol, a pele tem mais sede!...

O calor faz-lhe perder parte da humidade que a mantém fresca e macia.
Para matar a "sede" à sua pele, não há nada melhor do que o **Creme NIVEA.**
Graças à Eucerit, o **Creme NIVEA** *faz chegar a humidade necessária até às camadas mais profundas da cutis.*

Para uma exposição mais demorada ao Sol, utilize
Óleo NIVEA Ultra

Ambos asseguram uma protecção eficaz contra os raios nocivos do Sol e bronzeamento mais rápido.

Oferta!



Para obter, à escolha, uma das caixas de plástico para géneros que o **Sonasol Líquido Superconcentrado** oferece agora aos seus consumidores, basta entregar

2 Rótulos e apenas 10$00

no seu fornecedor habitual. Comece hoje mesmo a colecionar os rótulos do **Sonasol Líquido** para se habilitar a estas úteis ofertas. (N. B.: os rótulos deverão ter a sobrecarga "Guarde este rótulo e terá uma OFERTA").

CIBRA SL 2

NOVO **Sonasol** *LÍQUIDO*

Superconcentrado

As donas de casa têm agora ao seu dispor a fórmula SUPERCONCENTRADO DO SONASOL LÍQUIDO, o que lhes garante uma maior economia e uma limpeza impecável das louças, vidros, mosaicos, lãs, sedas, nylons, reposteiros, estofos, etc.

Apenas algumas gotas são o suficiente para a lavagem da louça normalmente utilizada por 4 pessoas, graças ao SUPERCONCENTRADO que faz MAIS ESPUMA, É MAIS RENDOSO E NÃO TEM CHEIRO.

AUTOMOBILISTAS!!
MOTOCICLISTAS !!
SCOOTERISTAS !!
AGRICULTORES !!

A GRANDE REVELAÇÃO NO SÉCULO DAS MOTORIZAÇÕES AO SERVIÇO DOS CONDUTORES:

TERMO CONVERSOR — STAR — **ALTA FREQUÊNCIA**

Ligação da bobine ao distribuidor

- **ECONOMIA DE CARBURANTE**
- **MAIS QUILÓMETROS SEM DESCARBONIZAÇÃO**
- **MELHOR REPRISE**
- **VELAS SEMPRE LIMPAS**
- **AUMENTO DE POTÊNCIA**

APLICÁ-LO É OBTER:
PODER — ECONOMIA — REPRISE
PREÇO 195$00

Revendedores: em Lisboa

Electro Luso Alegria, Lda.
P. Alegria, 52

Império da Beira, Lda.
Av. Guerra Junqueiro, 24

António Napoleão & Filho, Lda.
R. Rodrigues Sampaio, 40

Palma, Morgado & C.ª
Av. Visconde Valmor, 68-C

Borrachas e Plásticos Berna, Lda.
Av. Berna, 20-A

AGENTES NO PAIS

Distrito de Santarém
Vasco Viegas de S.. Nogueira—Santarém

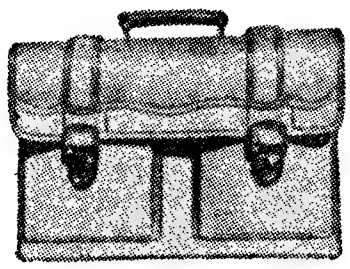
Distritos de Leiria e Coimbra
Auto Comercial Albergariense
Albergaria dos Doze

Distritos de Castelo Branco, Guarda e Portalegre
António Mendes Barata, Limitada — Castelo Branco

Distritos de Evora e Beja
Costa & Silva, Limitada — Beja

SOPAR — Av. Infante Santo, lote 23, r/c., Dir.
Telefone 66 06 89

PASTAS



30 anos de fabrico todos os modelos fornece ao comércio
Comprido—R. Madalena, 97

C. M. L.

ANÚNCIO

Em 20 de Julho de 1959, ás 10 horas, no Pavilhão dos Desportos. terá lugar a venda em hasta publica, dos seguintes lotes de terreno, destinados a fins industriais:

4 na Avenida de Ligação entre Aeroportos;

3 na Avenida Infante D. Henrique, Praça de Moscavide e Arruamento Aeroporto-Moscavide;

1 na II Circular.

As condições foram publicadas no «Diário Municipal», n.º 7.280, de 8 do corrente, estando patentes, com as plantas topográficas na 2.ª Repartição da D. S. F. (Rua Gomes Freire, 92), todos os dias uteis das 14 ás 17 horas.

Serão postas em praça pela ordem seguinte:

Lote	n.º 625,	de 35.000	m2
Lote	n.º 320,	de 4.825	m2
Lote	n.º 322,	de 4.480	m2
Lote	n.º 321,	de 4.085	m2
Lote	n.º 621,	de 4.022	m2
Lote	n.º 622,	de 3.497	m2
Lote	n.º 623,	de 2.533	m2
Lote	n.º 624,	de 2.474,60	m2

Lisboa e Paços do Concelho, em 13 de Julho de 1959.

O PRESIDENTE — *António Vitorino França Borges.*

EM PROL DA FAMILIA

Sociedade Nacional de Habitações Económicas

S. C. R. L.

Aprovada pelo Ministério das Finanças por Alvará de 28 de Outubro de 1954

Rua Luciano Cordeiro, 113, 7.º, E. LISBOA

ENTREGA DE MORADIA

Efectua-se amanhã, domingo, pelas 10.30 horas, na Av. Capitão Américo dos Santos, 50-52, em Algueirão, a cerimónia da entrega das chaves da moradia destinada ao associado n.º 687, Ex.ª Sr. Francisco Hipólito de Jesus.

PARA ESTE ACTO CONVIDAMOS OS EX.mos ASSOCIADOS

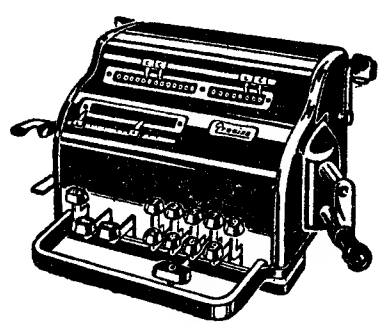
Precisa

A GRANDE MARCA SUIÇA DE MÁQUINAS DE CALCULAR

APRESENTA O SENSACIONAL

MODELO DE TECLAS

A MAQUINA IDEAL PARA A SOLUÇÃO RÁPIDA DE TODOS OS PROBLEMAS DE CÁLCULO



★

PREÇO FIXO
ESC. 8.000$00

★

DEMONSTRAÇÕES E CATÁLOGOS A PEDIDO

SOC. DE REPRES. M. SIMÕES JR., LDA.
RUA DA PRATA, 68 — TELEFONE 31545 — LISBOA
RUA DE SANTO ANTÓNIO, 208 — TELEFONE 25581 — PORTO

BOLETIM DO DIA

HÁ TRINTA ANOS

O «Diário de Lisboa» registava ontem — diziamos no dia 17 de Julho de 1929 — ter sido o sr. dr. Julio Dantas, presidente da Academia das Ciências e director do Conservatório de Teatro, convidado, pelo sr. ministro da Instrução, a elaborar um relatório sobre o estado actual do teatro português. Folgariamos que esta notícia se confirmasse amplamente. Temos a convicção de que o insigne homem de letras orientaria e secundaria uma vez mais as nobres aspirações artísticas de quantos pretendem, desinteressadamente, manter, com elevação, as gloriosas tradições do Teatro português.

PROGRAMAS DE RADIO

EMISSORA — Às 18, Noticiário e danças; 18 e 40, Rádio rural; 19, Desdobramento; 21, Noticiário; 21 e 15, Desdobramento; 23 e 45, Noticiário, boletim meteorológico e fecho.

Programa «A» — Às 19, Trechos de piano, por George Feyer; 19 e 15, Emissão infantil; 19 e 45, A orquestra de Stanley Black; 20, Jornal sonoro; 20 e 15, Musica de «jazz»; 20 e 30, Album musical; 21, Junção dos emissores; 21 e 15, Canções de Itália; 21 e 30, Duas Gerações; 21 e 45, Serão para trabalhadores. No intervalo: Páginas de Poesia; 23 e 30, Danças; 23 e 45, Junção dos emissores.

Programa «B» — Às 19, Temas portugueses; 19 e 15, Cantata «Ele Trouxe Decerto os Nossos Males», de Buxtehude; 19 e 30, «Cenas infantis» de Schumann; 19 e 50, Noticiário regional; 20, 1.º Programa do Festival de Estocolmo de 1959; 21, Junção dos emissoresk 21 e 15, Desdobramento; 21 e 20, Musica de Williams; 21 e 45, Tempo de poesia; 22, Continuação da transmissão das sonatas de Mozart; 22 e 20 Cartas a um musico desconhecido; 22 e 45, Que quer ouvir?: «Ave-Maria» de Schubert; «Vesti la Giubba», ária do 1.º acto da ópera «Palhaços», de Leoncavallo; »Glória ao Egipto», da ária «Aida», de Verdi; «Sinfonia n.º 3, em lá menor, op. 56», de Mendelssonn; 23 e 45, Junção dos emissores.

RADIO CLUBE — Às 17 e 30, Alfarrábio; 17 e 45, Ritmos de baile; 18 Teatro a brincar; 18 e 15, Jornal feminino; 18 e 45, Conjuntos; 19, Variedades; 20 e 15, Apontamento do dia; 20 e 20, Motivos portugueses; 20 e 30, Onda desportiva; 21, Imagens por musica; 21 e 30, Língua portuguesa; 21 e 45, Brasil; 22, Ritmos de baile da Carpa; 22 e 15, Cançonetas; 22 e 30, Cultura espanhola; 22 e 45, Trechos recreativos; 23 e 1, Rua Larga; 23 e 31, Cantos, humor e fantasia; 23 e 45, Agenda; 23 e 50, Solistas; 0 e 30, Noticiário; 0 e 40 Sumário; 3, Fecho.

Estação de Miramar — Às 17, Musica pelo caminho; 17 e 45 Cançonetas; 18, Ritmos de baile; 18 e 30, Cantos e recantos de Portugal; 19, Palestra de língua portuguesa; 19 e 15, Motivos portugueses; 19 e 30, Isto é Portugal; 20, Boletim informativo; 20 e 30, Vida desportiva; 21, Noticiário; 21 e 15, Toca Dick Farney; 21 e 45 Brasil; 22 e 15, Intermédio musical; 22 e 30, Artistas portugueses; 23, Concerto; 23 e 30 Variedades; 0, Baile.

RADIO RENASCENÇA — Às 18 e 30 Terço e bênção; 19 e 25, Boletim do S. C. R.; 19 e 30, França, horizonte do Mundo; 19 e 45, Solistas modernos; 20, Musica para o seu jantar; 20 e 30, Noticiário; 20 e 55, Meditando; 21 e 5, As ultimas novidades; 21 e 30, Conjuntos vocais; 21 e 50, Musica de cinema; 22 e 20, Musica sinfónica; 22 e 45, Noticiário; 22 e 57, Boletim religioso; 23, Musica para o seu fim de semana.

POSTOS CENTRALIZADOS—Das 14 e 30 ás 19 e 30, Rádio Peninsular; 19 e 30 ás 22, Voz de Lisboa; 22 ás 2, Clube Radiofónico de Portugal.

EMISSÕES RADIOFÓNICAS

A revista sonora dos estudantes de Coimbra, «Rua Larga», no numero que é transmitido hoje, ás 23 horas, pelo Rádio Clube Português, inclui uma curiosa entrevista com o seleccionador nacional de futebol, dr. José Maria Antunes, que evoca a vitória da Associação Académica na «Taça de Portugal», há vinte anos, bem como outros episódios e tradições da vida coimbrã dessa época.

O programa repetir-se-á na terça-feira, á mesmo hora, no Emissor de Miramar.

TELEVISÃO

Hoje, ás 21, abertura; 21 e 2, «O que vai pelo mundo»; 21 e 10, «A idade de Ouro na pintura holandesa»; 21 e 25, Canções Napolitanas, com Armando Guerreiro; 21 e 45, «A transformação do deserto»; 22 e 10, o episódio de comédia «Uma velha história»; 22 e 40, «Teledesporto»; 23, «Jornal R. T. P.»; 23 e 20, Visita Presidencial á Base Aérea n.º 3: e 23 e 30, encerramento da emissão.

CARTAZ DO DIA

TEATROS

AVENIDA — Às 21 e 23 horas — «Abrakadabra».
ABC — As 20 e 30 e ás 22 e 45 — «Mulheres á vista!»

CINEMAS

TIVOLI — «Querida Stefanie».
S. LUIS — «Há lodo no cais».
S. JORGE — «Coração não batas mais».
IMPERIO — «A loucura dos homens».
EDEN — «Pandora».
POLITEAMA—«O homem da terra de Deus».
ODEON — «Morena dos meus sonhos».
CONDES — «Totó e Marcelino».
AVIS — «Os três mosqueteiros e meio».
ROMA — «Desfolhando a margarida».
ALVALADE — «Até á eternidade».
CAPITOLIO — (No terraço) — «Duelo de fogo».
RESTELO—«O estudante mendigo».
COLISEU — «A Severa».
OLIMPIA—«Perseguição infernal».
PAVILHÃO — «O príncipe negro».
ESPLANADA PORTUGALIA — «O cobarde».
JARDIM — «Paris Palace Hotel».
PROMOTORA — «Uma mulher no inferno».
S. JOSÉ — «Negócio de pijamas».
CAMPOLIDE — «Oiro verde».

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

TURNO J — Benfica—Estrada de Benfica, 678-E Tel. 782532; Vicente — Estrada de Benfica, 466-A. Tel. 782606; Alegria — Estrada de Benfica, 180-A-B, Tel. 780511; Santa Cruz—Rua n.º 15 á Avenida Gomes Pereira, 2-A, Tel. 784838; Canto — Estrada das Laranjeiras, 202-B. Tel. 780841; Prates & Mota — R. da Beneficência, ao Rego 91, Tel 773728; Patuleia, Herdeiros — Rua do Lumiar 122-124, Tel. 779332; Cabrita — Campo Grande, 220-222. Tel. 772397; Zil — Avenida da Igreja, 9-D, Tel. 778380; Roma—Avenida de Roma, 85-B. Tel. 772466; Lusitana—Avenida de Roma, 18-A, Tel. 725443; Chinde — Rua Agostinho Lourenço 6-B, 710331; S. Miguel — Praça Francisco de Morais, 1, Tel. 771469; Providência—Rua D. Filipa de Vilhena, 9-C (frente ao Bairro Social do Arco do Cego), Tel. 77034; Sagres—Av. Luís Bivar, 69-71 Tel. 47213; Latina Av. António Agusto de Aguiar, 17-A, Tel 42312; Sá da deira, 36, Tel. 41961; Fonseca—Largo D. Estefania, 4-5, Tel. 54808; Ascensos, Ld.ª—Rua J, lote 48, Bairro da Encarnação, Tel. 388172; Freitas — Rua Zófimo Pedroso, 11-13 Tel. 381136; Marluz — Calçada da Picheleira, 140-B/C, Tel. P. P. C. 720703-728395; Cruz de Malta—Largo do Chafariz de Dentro, 36, Tel. 23326; Almeida Dias — Largo da Graça, 38-A-39, Tel. 862909; Dalton — Av. Mouzinho de Albuquerque, RSV, Tel. 843571; Pais — Rua Abade de Faria, 22-A/B, Tel. 723965; Antolin, Ld.ª — Avenida Almirante Reis, 88-B/C, Tel. 44173; Guerra — Rua Andrade, 32-36, Tel. 845513; Higienica — Rua Heliodoro Salgado, 20-A, Tel. 844361; Ropil — Rua Rodrigo da Fonseca, 153, Tel. 683438; Salutar — Rua B, 75-A-B (Bairro da Liberdade) 683694; Amoreiras (Das)—Praça das Águas Livres, 8-D, Tel. 681515; Maria Pia — Rua D. Maria Pia, 514, Tel 687949; Linaida—Rua Ferreira Borges 30, Tel. 660955; Micael — Rua de S. Bento, 380-382, Tel. 662162; Neves, Suc. — Rua da Bela Vista á Lapa, 37, Tel. 661251; Higilux—Rua de Pedrouços, 50-52, Tel. 610280; Mendes Gomes — Calçada da Ajuda, 222, Tel. 638256; Botanico-Química Ld.ª — R. da Junqueira, 38-40, Tel. 638132; Ester Nogueira — Rua de Alcantara 5-A, Tel. 637563; Moderna — Rua Garcia da Orta, 24, Tel. 663117; Açoreana — Largo do Conde Barão, 2, Tel. 661330; Macedo — Rua do Loreto, 71, Tel. 23631; Luís Magalhães — Rua de Santa Marta, 15-A-B, Tel. 46190; Salix, Ld.ª — Rua Barata Salgueiro, 54, Tel. 730820; Formosinho — Praça dos Restauradores, 18, Tel. 30927; Normal — Rua da Prata, 220, Tel. 21342 — A —; Celta — Rua Moura Girão, 3-B, Telefone 710621.

MARES

PREIA-MAR: hoje, ás 13 e 56 h. (altura, 4,06 m.); amanhã, ás 2 e 22 h. (altura, 3,99 m.). BAIXA-MAR: hoje, ás 19 e 50 h. (altura, 0,83 m.); amanhã, ás 8 e 8 h. (altura, 0,81 m.).

FESTA ASSOCIATIVA

Esta noite, haverá bailes na Sociedade Filarmónica «Alunos de Apolo» e na «Casa das Beiras». No Grupo Desportivo Operário de Entre-Campos, haverá uma sessão de teatro.

Semana do contribuinte

CONTRIBUIÇÃO PREDIAL

— Prédios devolutos.

Renovar durante o mês corrente a declaração estabelecida no artigo 2.º do Decreto n.º 20549, sempre que os prédios urbanos ou andares continuem devolutos.

— Decreto n.º 26338, de 5 de Fevereiro de 1936, art.º 19.º.

Obs.: — Não há disposição legal que se oponha á **anulação** da respectiva contribuição predial pelo facto de um prédio devoluto ter estado **sem escritos.**

«Diário do Governo» n.º 48, 2.ª série, de 26 de Fevereiro de 1943.

— Relações das rendas pagas pelos inquilinos.

Apresentar no mês corrente uma relação, em duplicado, por cada prédio.

Obs.: — A relação dos inquilinos e rendas pagas que os senhorios de prédios urbanos são obrigados a apresentar **respeitem aos doze meses anteriores (1 de Julho de 1958 a 30 de Junho de 1959).**

Nota — No caso de alteração é **obrigatória** a renovação da declaração, sendo igualmente de renovar sempre que o prédio ou parte do prédio **esteja servindo de habitação** e passe a destinar-se a **comércio, industria, arte** ou **ofício,** ou vice-versa.

— Decreto n.º 26338, de 5 de Fevereiro de 1936, art.º 18.º, e § 1.º.

IMPOSTO PROFISSIONAL — EMPREGADOS POR CONTA DE OUTREM

I

Contribuintes já tributados:

— Renovação da declaração por alteração de quaisquer elementos constantes da ultima apresentada.

II

Contribuintes novos:

— Apresentação de declarações durante este mês.

Vida social

HAROLD PRESTON

Por via aérea, chegou a Lisboa, acompanhado de sua esposa, o sr. Harold Preston, assistente de director-superintendente da Panair do Brasil, que em missão de serviço e férias, se demorará alguns dias em visita a Portugal. Foi cumprimentado no aeroporto pelo sr. L. Marinho Alves, representante especial da Panair, e esposa; pelo sr. Alberto Marinho Alves, chefe das Relações Publicas, e esposa, e por outros funcionários superiores daquela companhia.

DR. MÁRIO VILHENA

A fim de participar no Congresso Internacional de Radiologia, que vai efectuar-se em Munique, partiu para aquela cidade o sr. dr. Mário Vilhena.

DR. CARLOS LIMA

Regressou ontem a Lisboa, de onde se ausentou em serviço profissional, o advogado sr. dr. Carlos Lima, ex-assistente da Faculdade de Direito de Lisboa e deputado á Assembleia Nacional.

CASAMENTOS

Na igreja de Nossa Senhora de Fátima, realizou-se no dia 15, o casamento do sr. José Gonçalves de Sousa Oliveira, industrial de camionagem e correspondente do «Diário de Lisboa», em Loulé, com a sr.ª D. Maria Celina do Carmo Barão, residente em Faro. Foram padrinhos por parte do noivo, a sr.ª D. Maria Eleonora Gonçalves de Oliveira e José Cabeçadas Coelho; e por parte da noiva, o sr. Manuel de Oliveira Paiva, e sua esposa sr.ª D. Maria Rosa Paiva.

Os noivos partem em breve para o Sul do País, em viagem de núpcias.

EXPOSIÇÃO

de trabalhos escolares

Na Escola de Educadoras da Infancia está patente ao publico uma exposição de trabalhos de alunas. Estiveram presentes as sr.as D. Maria Ulrich, D. Maria Fernanda Alves Pereira e D. Maria Isabel Mendonça Soares, a primeira, directora deste estabelecimento de ensino, as outras duas, elementos da direcção.

A exposição, que está aberta até ao fim do mês, das 9 e 30 ás 19 horas, reune obras realizadas nas disciplinas de trabalhos manuais, literatura infantil e jardim infantil.

Diz o médico...

(Continuação da 1.ª página)

outros, podendo adquirir relevo inesperadamente, ocupar a cena, dominar o panorama. Verificam-se desvios, vias mortas, vivências que passaram a segundo plano e deixaram de ter, no decurso da observação, significado especial.

Torna-se necessário, quando se acompanha tais doentes e se procura, por qualquer método, penetrar na razão exacta, encontrar a via de acesso, o ponto crucial e decisivo, a tormenta maior, a origem e a categoria hierárquica do mal. O que se encontra com facilidade e parece nem sempre ser o importante, está ali para mascarar o essencial. A tragédia que atormenta e aflige, obriga a refúgio subconsciente no irreal, no fantástico e no transcendente.

Digna de estudo, de ser apontada e assinalada, entre outras, é a «nevrose de carácter oral», a personalidade com regressão oral, aquela que constantemente provoca a reacção alheia.

Assinalemos que a agressão exterior pode ser «real ou de compensação». Não importa o facto. Os doentes em referência lutam com um inimigo criado ou àvidamente procurado. Indignam-se, sofrem, humilham-se, rastejam interiormente, consoante o grau e a intensidade do masoquismo psíquico, grande e real tormenta.

Adquirem sempre o aspecto de vítimas, vítimas de tudo e de todos, dos objectos e dos indivíduos, vítimas inocentes, todos os dias atropeladas pela existência e o desenrolar fatídico dos acontecimentos, que rolam indiferentes.

Tornam-se pessimistas e quando, sem medida exacta do tempo, são agredidos por ondas sucessivas de optimismo, o alvo é irreal, tecido pelo subconsciente — irreal para que a decepção e a queda sejam maiores e a desilusão aumente em profundidade e agressividade.

Desejam e não desejam, ambicionam, criam e dilaceram ao mesmo tempo, arquitectam castelos sem alicerces, sonham azul, quando o négro e o terror são visíveis, pálpaveis, encrustados.

Dramatizam atitudes alheias, drama que se repercute e ecoa interiormente, assinalando falsamente a maldade dos outros, pondo em paralelo duas atitudes, ambas imaginárias, irreais.

Estes doentes da personalidade são — quase seria escusado recordá-lo — infelizes nas relações com o meio e com eles próprios.

Existem e vivem para sofrer, mascarar a realidade, deturpar e deformar todos os gestos e atitudes, traduzindo-as e significando-as a seu modo. Submissos quando deparam na frente alguém mais forte e decidido, audaz e violento, tornam-se, porém, impiedosos, cruéis quando sentem os outros mais fracos, sem vontade, tímidos, amolecidos, impessoais, sem garra. A consciência acusa-os a cada instante, a sós ou em companhia, isolados mesmo ou no meio da multidão, arguindo-os de passividade, quando na verdade (versão cruel) odeiam a passividade.

Tal técnica provocadora (masoquismo psíquico) nada tem de comum com a agressão real.

Podem ser de dois tipos: taciturnos, alheios, vagamente apreensivos e cheios de reticências na aparência e no agir ou, então, palavrosos, frenéticos, semeando queixumes vida fora, lamentando-se sempre que a oportunidade se oferece ou a despropósito de tudo.

Não é só a vida íntima que se apresenta irregular, não é apenas a vida sentimental que se encontra disnivelada, à mão de todos os precipícios: a vida amorosa e sexual de tais indivíduos é irregular, acidentada, perigosa, escorregadia. Possui períodos de grande efervescência e de exaltação, seguidos de prolongados estados de acalmia, alheamento, indiferença e desinteresse. Ora, deutro destas fronteiras, assinaladas pelos observadores, verificam-se todas as combinações possíveis. Um traço, contudo, os une e agrilhoa: necessitam, para alimentar o drama interior, invisível, de uma certa dose diária de injustiça e de sofrimento, de amargura e de agressão.

Tais personalidades orais são particularmente infelizes. Dir-se-ia que só possuem sensibilidade ilimitada para o sofrimento e a lamuria.

Arrastam-se preocupadas, íntimamente preocupadas com as pseudo-agressões. Daí manterem-se sempre, psicológicamente, na atitude defensiva, mobilizadas contra o fantástico e o irreal. A aparência, porém, é outra: simulam agressividades várias.

Essa atitude agressiva não é mais do que uma defensiva, defesa do desejo masoquista de serem negados em todos os gestos e acções.

A própria atitude sexual negativa encerra defesa. Negando ternura, sentem-se agredidos. Negando ternura, verificam-se ultrajados e culpados. Negando, enfim, ternura, sofrem, sequiosos de a receber, ávidos dela, cada vez mais sôfregos.

Tais indivíduos são, acima de tudo, psíquicamente fraudulentos, isto é, sentem-se a excepção que ninguém deseja ou pretende compreender. Possuem, pois, uma zona fraudulenta elástica, zona que se pode ampliar até ao fantástico, provocando a incompreensão total.

Excessivamente pessimistas, tais nevróticos acusam tudo e todos, a própria vida, o rodar das horas e dos dias, auferindo sempre o pior e o enigmático. Têm propósitos que não existem, ambições que se concretizam, alvos imaginários, horizontes que se despregam de outros, simulando crises sem conteúdo, desejos desperdiçados. Neles, a noção de realizar é fluida, frustrada porque se julgam colocados à margem.

Na gigantesca luta do ser e não ser, do existir e do não viver, do conceber e não realizar, fraudulentos em seu conteúdo psíquico, sofrem e fazem sofrer as pessoas que os rodeiam e se encontram impedidas de os compreender e decifrar.

Existem indivíduos cuja única meta na existência é a de verificar, a cada momento e com amargura, que são repelidos por todos.

A vida para tais seres — a literatura contemporânea tem explorado e descomplicado este tipo de enfermo — começa com o sofrimento. Surpreendem-se quando, certo dia, na presença de um acontecimento inesperado, verificam que possuem um coração apto a receber encontros e desencontros vários.

A depressão e a culpa nevrótica têm fornecido abundante material de estudo e análise.

Não é de admirar que existam indivíduos que alimentam e estruturam sentimentos de depressão e de culpa, procurando, subconscientemente, sem vontade própria, cultivar a nevrose, temendo, porém, o sofrimento, alto preço da enfermidade.

Raros desejam fortalecer seus mecanismos de defesa, procurando, ao contrário, conservar a nevrose, drama que os mantém á superfície, ampliando o sentido de passividade interior e identificando-se com os mutilados da existência.

Desejo absurdo de sofrer, disse o poeta, cujo fim adivinhava ao longe, numa grande capital...

Soerguendo o masoquismo psíquico destes doentes, acorrem-me à memória, em sobressalto, estes dois versos de Mário de Sá-Carneiro, em a **Dispersão:** «Serei um emigrado doutro mundo / Que nem na minha dor posso encontrar-me?...»

A. d'E.

Moscovo admite a possibilidade
de um acordo entre os dois blocos
na conferência ministerial de Genebra

LONDRES, 18 — A Rádio Moscovo disse, ontem á noite, que é ainda possível, na conferência dos ministros dos Negócios Estrangeiros, em Genebra, chegar-se a um acordo entre o Leste e o Ocidente. Numa emissão em língua alemã, o comentador russo Anatoly Potapov declarou:

«Não é fácil o caminho a trilhar para se conseguir um acordo na actual complicada situação internacional. Mas há todas as indicações de que seja possível um acordo entre Leste o Ocidente».—(A. N. I.).

Conversações entre os ministros ocidentais

GENEBRA, 18 — A actividade da conferência ministerial será hoje muito reduzida. Os ministros dos Negócios Estrangeiros ocidentais têm uma reunião, de manhã, na sede da delegação francesa, supondo-se que a discussão incidirá sobre o estado actual das negociações e aos meios de conciliar os diferentes pontos de vista, nomeadamente no que se refere aos contactos a estabelecer entre as duas Alemanhas, nos quais se nota grande insistência por parte de Gromyko.

O secretário de Estado norte-americano, Christian Herter, e sua mulher, estão convidados a almoçar em casa do ministro soviético, podendo assim, os dois estadistas discutir á vontade o problema do momento: os contactos entre os Alemães.

Crê-se, do lado ocidental, que seria lógico entabolar discussões sobre o estatuto provisório de Berlim, tratando, em seguida, do assunto que preocupa a U. R. S. S. Afirma-se que as posições sobre o caso de Berlim não estão muito afastadas umas das outras embora haja problemas importantes a resolver.

Nos meios afectos á delegação soviética, crê-se que um acordo sobre o estatuto provisório de Berlim poderia fazer-se rápidamente, mas antes seria preciso pôrem-se de acordo sobre o princípio de contactos entre alemães, assunto que se reveste de grande importancia, visto condicionar a reunificação da Alemanha.

Por outro lado, afirma-se nos mesmos meios, se um acordo se realizasse, sobre o caso de Berlim mas sem assentar no assunto que lhe está íntimamente ligado, na opinião de Gromyko, os Ocidentais passariam a não desejar que prosseguissem as negociações sobre o contacto entre os Alemães. Até agora, quanto a este aspecto do problema, as conversações continuam entre os Ocidentais, mas tendo em conta que qualquer proposta não deverá causar embaraços á delegação alemã. Não se exclui que o ministro britanico, Selwyn Lloyd, ao jantar, ontem, com o seu colega alemão, lhe teria falado no assunto A propósito, nota-se uma sensível aproximação de pontos de vista entre as duas delegações. Além diso, Von Brentano procura estabelecer o contacto com o seu colega soviético que tenciona receber dentro de dias. — (F. P.).

Novo plano ocidental sobre a reunificação da Alemanha?

GENEBRA, 18 — Círculos diplomáticos dizem que o Ocidente tenciona entregar a Gromyko, dentro de alguns dias, um novo plano, de harmonia com o qual os «Quatro Grandes» seriam, fundamentalmente, os responsáveis pela reunificação da Alemanha, mas a elaboração dos pormenores ficaria a cargo dos próprios alemães.

Gromyko, embora insistindo em que seja convocada para terça-feira á tarde, mais uma sessão plenária e semi-publica, aceitou um convite do ministro britanico dos Negócios Estrangeiros, Selwin Lloyd, para um almoço, depois de amanhã.

Nesse almoço, para que foram convidados, também Christian Herter, o ministro francês, Maurice Couve de Murville e os conselheiros-chefes das quatro delegações, serão debatidos, como se se tratasse de uma «reunião secreta», os problemas que a conferência quadripartida procura resolver, para que possa ser posto termo ao actual beco-sem-saída. — (A. N. I.).

Os votos do Congresso Internacional Socialista

HAMBURGO, 18 — O Congresso da Internacional Socialista, que esteve reunido nesta cidade, publicou a sua resolução final.

O Congresso manifesta a esperança de que, em breve, possa reunir-se uma conferência de chefes de Governo; reafirma a sua solidariedade com a população de Berlim-Oeste, que luta pela sua segurança e liberdade, e afirma que a questão de Berlim só pode resolver-se numa Alemanha democràticamente reunificada e numa Europa livre da corrida aos armamentos. Quanto á reunificação da Alemanha, regista as duas teses defendidas nos debates, a da maioria dos partidos socialistas, que se pronunciaram pela política denominada de «desatomização», e a dos que se opõem a esta política. — (F. P.)

A ida de Nixon a Genebra

WASHINGTON, 18 — Uma personalidade afecta a Richard Nixon, confirmou que o vice-presidente, numa conversa que, há uma semana, tivera com Christian Herter, se referiu á possibilidade de fazer uma breve escala em Genebra, a fim de conferenciar com o secretário de Estado, no regresso da U. R. S. S., em fins de Julho.

Esclarece-se, no entanto, não haver ainda qualque. plano definitivo sobre o assunto — (F. P.).

*

WASHINGTON, 18 — O vice-presidente, Nixon anunciou ter recebido garantias do Governo soviético, de que os jornalistas que o acompanharem na sua visita á Russia poderão transmitir as notícias directamente aos Estados Unidos.

O Governo russo comunicou-lhe que serão adoptadas as mesmas disposições que vigoraram durante a visita de MacMillan, o que significa a ausência de censura para os jornalistas acreditados junto da comitiva. — (A. N. I.).

A Conferência
dos «Três Grandes» *africanos*

(Continuação da 1.ª página)

suspenso é o da Argélia, a propósito do qual se pensou em adiar qualquer decisão até á conferência dos Estados africanos que lhe será consagrada. Os «Três» estariam de acordo em que essa conferência se reunisse na Libéria, de 4 a 8 de Agosto. — (F. P.).

A boicotagem às mercadorias da África do Sul

JOANESBURGO 18 — A extensão das zonas de boicotagem das mercadorias da Africa do Sul, em redor deste país começa a preocupar os exportadores.

Anunciava-se ontem que, no dia 15 de Agosto, se realizará em Nairobi ou Kampala, uma reunião dos dirigentes sindicais do Kenya, Tanganyka, Uganda e Zanzibar, a fim de organizarem a boicotagem dos produtos sul-africanos na Africa Oriental.

O secretário da Federação do Trabalho, no Kenya, Tom Boya, afirmou ontem em Nairobi: «É preciso aplicar sanções o mais depressa possível». — (F. P.).

67 pessoas
morreram
no grande desastre na Coreia

SEUL, 18. — Mais de 60 pessoas, incluindo 48 crianças, perderam a vida, durante a noite, num teatro ao ar livre, em Pusan. Pairou sobre a cidade uma grande trovoada, durante o espectáculo e, apavorados, os espectadores correram para as portas do recinto, atropelando-se uns aos outros.

A catástrofe teve uma consequência inesperada: como os guardas de um campo de concentração tentassem acudir ás vítimas, 151 pescadores japoneses, internados por violação da «linha Syngman Rhee» (que delimita as águas territoriais coreanas) fugiram de ali e acorreram ao local do sucedido; mais tarde, desfilaram pelas ruas de Pusan e, finalmente, deixaram-se reconduzir sem resistência, para o internamento. — (F. P.).

Eleva-se o número de vítimas

PUSAN (Coreia do Sul), 18. — Eleva-se agora a 67 o numero de vítimas da confusão provocada pela aproximação de uma tempestade, num estádio ao ar livre, nesta cidade. Morreram hoje mais cinco pessoas — noticia-se oficialmente. — (A. N. I.).

150 feridos

SEUL, 18. — A Polícia calcula em 150 o numero dos feridos no trágico incidente de ontem, num teatro ao ar livre, em Pusan. — (F. P.).

CAMISAS
RW
130$00
4 MODELOS
UM EXCLUSIVO DE
JOQUEI CAMISEIROS
R. NOVA DO ALMADA, 60
LISBOA

VOLTA A FRANÇA

66 corredores
partiram de Dijon para Paris

DIJON, 18 — Sessenta e seis corredores alinharam nesta cidade para a ultima etapa da Volta á França, em bicicleta, na distancia de 331 quilómetros até ao «Parc des Princes», em Paris, através de estradas geralmente planas

A largada foi dada pelo «maire» de Dijon, Canon Felix Kir, deputado da Assembleia Nacional.

Os corredores, formando um numeroso pelotão, pedalaram sem grandes preocupações. A 100 kms. de Dijon, nada de especial se registou a não ser a desistência do italiano Fanaschi, devido a doença. —(F. P. e A. N. I.)

No «contrôle» de Troyes Bahamontes encabeçava o pelotão

FONTAINE-LES-GRÈS, 18 — A 163 kms. do «Parc des Princes», os cirredores passaram em grupo, com um quarto de hora de atraso sobre o horário previsto.

No «contrôle» de abastecimento, de Troyes, (150.5 kms. da partida) o pelotão era encabeçado pelo camisola amarela Bahamontes, por Rivière, Anglade e Anquetil. O atraso era nesta altura de 26 minutos. — (F. P.).

O NOVO CÂMBIO
da peseta

WASHINGTON, 18.—O Fundo Monetário Internacional anunciou hoje a desvalorização da Peseta. O novo cambio passa a ser de 60 pesetas por dólar. — (F. P.).

Colhido mortalmente
por um automóvel

Foi colhido por um automóvel próximo da sua residência, o menor José António Maria, de 13 anos, morador na Estrada do Correio-Mor (Loures). Transportado ao Hospital de S. José, onde chegou já morto, o seu corpo foi removido para o Necrotério.

O «homem invisível» chegou já á agricultura. Aqui temos um tractor, na Grã-Bretanha, que é comandado pelo trabalhador da frente, através da rádio. O tractor também pode ser conduzido de qualquer gabinete próximo.

A conferência na Suécia
para o estabelecimento na Europa da pequena zona de comércio livre
começa depois de amanhã

ESTOCOLMO, 18 — Uma conferência da «Pequena Zona Europeia de Comércio Livre» reunir-se-á, depois de amanhã, em Saljoebaden, estação balnear dos arredores da capital. Treze ministros representando os sete países que deram o seu acordo ao projecto sueco de associar os Estados que ficaram fora do «Mercado Comum»: Austria Dinamarca, Grã-Bretanha, Noruega, Portugal, Suiça e Suécia.

O ministro britanico para os assuntos de cooperação europeia, sir Reginald Maudling; o ministro dos Negócios Estrangeiros austriaco, dr Bruno Kreisky; o secretário de Estado de Comércio de Portugal, dr. Correia de Oliveira, e Max Petitpierre, conselheiro federal suíço, tomarão parte nas deliberações ao lado dos seus colegas escandinavos.

O objectivo da conferência é tomar uma decisão de carácter político para a realização, no prazo de 10 anos, de uma pequena zona de comércio livre. Embora os seus termos não fossem ainda tornados publicos, o projecto sueco, aprovado em 13 de Junho pelos peritos dos sete, proporia:

a) Facilitar as negociações com os países da Comunidade Europeia e os outros países da O. E. C. E.

b) Sincronizar o desaparecimento das barreiras alfandegárias entre os dois grupos e permitir a reconstituição da «grande família europeia» de acordo com os votos expressos pelos peritos ingleses que, segundo se diz, inspiraram o projecto.

A este respeito, crê-se saber estarem previstas as seguintes disposições:

a) Uma primeira redução dos direitos alfandegários, em 1 de Julho de 1960, nas tarifas em vigor em 1 de Janeiro desse mesmo ano, data em que seria aplicado o acordo da «pequena zona». Depois, a partir de 1 de Janeiro de 1962 e cada ano consecutivo, até 1970, nova redução de 10 por cento.

b) Supressão, progressiva, dos contingentes e aumento das permutas na proporção de 20 por cento, todos os anos, entre os países-membros.

A «pequena zona» fica aberta a todos os Estados europeus, desde que o pedido de admissão do candidato obtenha o acordo unanime dos 7. Um dos principais problemas que serão examinados em Saljoebaden é o da adesão da Finlandia, que, a não se juntar a esta nova associação, correria o risco de ser isolada ou de ser lançada na órbita soviética. — (F. P.).

*

COPENHAGUE, 18 — O Secretariado das Instituições da Pequena Zona de Livre Cambio ficaria instalado em Paris — segundo crê saber o «Dagens Nyheter», que nota: «Esta solução resolveria o problema de se escolher aquele dos sete a quem caberia a honra de ter a sede da Pequena Zona de Livre Cambio e representaria, ao mesmo tempo, um gesto em relação aos «seis». — (F. P.).

A delegação portuguesa

ESTOCOLMO, 18 — O secretário de Estado do Comércio de Portugal, dr. Correia de Oliveira, ao chegar, ontem, ao aeroporto desta capital, recebeu os cumprimentos dos representantes do Ministério dos Negócios Estrangeiros e do embaixador de Portugal. A delegação portuguesa seguiu para Saltjoebaden. O dr. Correia de Oliveira, declarou: «Estou numa disposição de espírito muito confiante, nas vésperas de iniciar-se a Conferência de Saltjoebaden Espero que as nossas discussões conduzam á realização de uma zona de livre cambio dos «Sete». Quanto a Portugal, tem de ponderar os aspectos puramente económicos da questão da participação nessa zona, em relação com o seu aspecto político». — (F. P.).

Os acontecimentos em Cuba

(Continuação da 1.ª pagina)

soas, que, pouco antes, exigiam a retirada do presidente Urrutia.

O Governo, na sua reunião nocturna, recusou-se a aceitar a demissão do primeiro-ministro Fidel Castro. — (F. P.).

Prisões de contra-revolucionários

HAVANA, 18 — Vários elementos contra-revolucionários foram presos, durante a noite, nos arrabaldes da capital quando planeavam levar a cabo um vasto plano de acção em Havana No local da reunião, a Polícia apreendeu grande quantidade de granadas de mão e bombas. — (A. N. I.).

O MINISTRO
do Ultramar
chegou a Luanda

LUANDA, 18 — No avião dos T.A.P. chegou hoje de Lourenço Marques o ministro do Ultramar, que era aguardado pelo governador-geral, pelo comandante militar, pelo comandante naval e por muitas outras entidades.

O sr. ministro do Ultramar seguiu, depois, em automóvel, para o palácio do Governo, onde, ás 16 horas, receberá cumprimentos. A' noite, assistirá a um jantar íntimo. Durante os próximos quatro dias, ainda que rápidamente, o almirante Lopes Alves visitará algumas regiões de Angola que não pôde observar em Outubro passado.

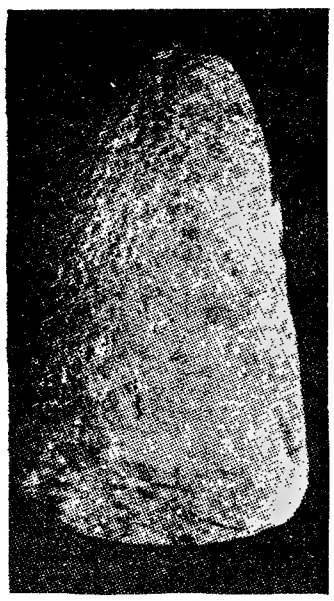
O almirante Lopes Alves deixará Luanda a caminho de Lisboa na manhã do próximo dia 22. — (L.).

magazine
Diario de Lisbôa NÚMERO 54 Diario de Lisbôa

QUANDO OS HOMENS PINTAVAM RENAS

por MANUEL DO NASCIMENTO

Pense que foi atirado, de um momento para o outro, para o ambiente de vida do homem do Paleolítico. Faça um esforço para esquecer todas as descobertas que a técnica pôs ao seu serviço: o relógio com que mede o tempo, o aparelho de T. S. F., a casa onde mora



e até o fato que lhe cobre o corpo.

O clima de então não tinha esta amenidade a que nos habituámos. Lembre-se que desde a época dos glaciares, existem seres humanos. Uma pergunta: O que seria o homem desse tempo despido de tudo, ignorante de tudo? Lembre antes de mais nada a fauna da época, os animais gigantescos e mais bem apetrechados para a luta contra um clima extremamente rigoroso, homem vivendo sem casas de gelo, com animais ferozes — que pretendem destrui-lo — á sua volta. Sim, o que seria o homem de então? Um ser primário, instintivo, em luta contra um meio brutal, esmagador. Um salto ao Polo Norte: Os esquimós de hoje, pelos rigores do clima a que estão sujeitos, não ultrapassam, geralmente, os quarenta anos. Carregue mais as tintas do quadro até supor o sem possibilidades de contacto com qualquer civilização superior, e vista-se unicamente com a pele do seu antepassado da pedra lascada.

O instinto de conservação, o primeiro instinto do homem... Portanto, a sua primeira preocupação — a alimentação. Que via á sua volta? Um ambiente desolador. Poucas espécies de animais, além daquelas cuja ferocidade temia, algumas plantas silvestres e na imensa toalha liquida de então, se dela estava próximo, uma variedade de peixes em nada comparada com a da actualidade. Na caça, na pesca, nas plantas silvestres encontrou os seus primeiros pratos, servidos ao natural, sem as complicadas ementas dos nossos dias. Estava longe, o fogo, de ser descoberto.

Era nómada, vivia em pequenos agrupamentos que corriam atrás dos animais que contribuiam para o seu sustento.

Afirmámos que o ambiente em que o homem primitivo deu os seus primeiros passos, não era aliciante. E foi mesmo assim. A Terra convulcionou-se, sofreu mutações sobre mutações, apareceram mares, onde já tinham existido continentes, as chuvas eram torrenciais e

(Continua na página central)

JOGO DE DISPARATES...

Veja o leitor este «jogo de disparates»: meias grossas para o Verão e um chapeu ajardinado para uma amazona...

Eis os dois rabos de cavalo Qualquer semelhança um com o outro é pura coincidência.

CUIDADO COM O RABO DE CAVALO

Segundo todas as probabilidades, as raparigas que usam «rabo de cavalo» ficarão carecas antes dos vinte anos. Tal é, em resumo, o grito de alarme de um médico americano, lançado ás mães que, todas as manhãs, arrepiam os cabelos das filhas em rabo de cavalo.

As conclusões a que este dermatologista chegou são peremptórias e inquietantes, para as jovens beldades em botão, que repuxam o cabelo, em nome não sabemos de que gosto... equestre. Constantemente afluem ás consultas mães desoladas:

—Doutor, é horrível como o cabelo cai a minha fliha. Nada consigo contra isso.

E invariavelmente, o doutor olha. Claro: rabo de cavalo, por penteado. E claro está, também que o remédio era uma espécie de ovo de Colombo: uma simples mudança de penteado... e pronto, o mal fica curado dentro de poucas semanas.

O cabelo nasce inclinado para a frente; é um contra-senso fisiológico puxá-los para trás, e muito pior ainda fazê-lo violentamente, prendendo-o bem apertado na nuca em nome de uma estética que muito cheira a cavalariça.

Também nem se percebe qual a preferência que leva as mamãs para o «rabo de cavalo» e não para o de outro qualquer animal mais despenteado... a raposa, por exemplo.

As raizes dos cabelos, irritadas com tal violência, irritam-se. Forma-se uma vermelhidão, não de vergonha, mas de resistência, o coro cabeludo acaba por se irritar também; surgem películas, falhas de cabelo (peladas) e ás vezes, uma ligeira supuração.

Por esta simples, muito simples exposição, se verifica quanto custa desafiar a natureza, mesmo quando se trata dum simples penteado. Não sabemos o que se passaria se penteassem as caudas dos cavalos, á «menina»; nem interessa, no fundo. Interessa sim o desastroso inverso que pode vir, num futuro próximo, a povoar o mundo de Yul Brynner de saias peladas que surgem continuamente são endémicas da Gronelandia, em que as mulheres se penteiam á moda dos cavalos.

E pensem bem as elegantes ou as mamãs das futuras elegantes, quão desgracioso será a calvície nos seus jovens rebentos, se este grito de alerta dos médicos de todo o Mundo entrar por um ouvido e sair pelo outro. Teremos de ir pensando, com tempo, na multiplicação de cabeleiras postiças, pois não cremos que os homens se contentem em afagar em vez dos louros cabelos ou as cabeleiras de ébano... verdadeiras bolas de bilhar!

E depois, os antepassados, que segundo parece, já se preocupavam com a queda dos cabelos femininos, mandaram usar... gordura de hipopótamo... Felizmente que a farmacopeia moderna vem tentando, em defesa destes pacíficos habitantes dos rios tropicais, a preparação de unguentos e pomadas para sua substituição.

Não se garante que a sua eficácia seja grande, pois muitos dos preparadores destas pomadas e loções são... carecas, o que não nos incute grande confiança nos seus produtos.

Também outra constatação inquietante: o uso dos bigudis e das escovas de nylon. Os primeiros porque repuxam, as segundas porque o fio de ponta quadrada, destrói os cabelos, sobretudo os cabelos muito finos.

Conta-se, a este propósito que uma jovem de vinte e oito anos estava prestes a suicidar-se, quando alguém lhe perguntou:

—Usa escovas de nylon?

—Sim, uso escovas de nylon.

—Pois não deve usar escovas de nylon.

Deixou de usar escovas de nylon e reencontrou a alegria de viver...

MARIA GABRIELA WALTER

AMORES, MISÉRIAS E CRIAÇÕES DE MOZART

A carruagem que, em 30 de Dezembro de 1762, transpõe as portas de Viena leva quatro pessoas: um casal e dois filhos — uma garota de dez anos e um mocinho de seis. A alegria e o orgulho brilham nos olhos das crianças e torna-lhes os gestos solenes. Na verdade têm razão: pois não foram recebidas duas vezes pelo imperador e pela imperatriz? Não sentiram, nas salas requíssimas da capital austríaca, desabar o mundo á sua roda com aplausos?

O pequeno Wolfgang Amadeus Mozart e sua irmã viviam felizes a estrada que os conduz a Salesburgo, sua terra natal.

Vinte e nove anos mais tarde, em 6 de Dezembro de 1791, Mozarte passará mais uma vez, e a ultima, pelos portões de Viena. Agora, porém, segue no «carocho» dos miseráveis e o cocheiro será a unica testemunha do seu arremesso para a vala comum.

O mundo feudal dos grandes senhores austríacos cansara-se, nestes 29 anos, de gozar como um parasita as geniais e generosas dádivas dum pobre homem; brincaram-lhe com o estômago, com a enxerga, com o sossego — negaram-lhe todas as condições para que, tal qual a galinha dos ovos de ouro, ele pudesse continuar a enriquecer o futuro (o presente era passado) com mais e mais prodígios de beleza.

Os magnates que dirigiam o mundo eram de opinião que trinta anos a produzir musica já era demasiado subversivo. Ali, na vala comum, calava a sua voz libertadora.

Mas tinham razão num aspecto: aquelas três décadas haviam sido dum labor constante.

(Continua na página central)

SIM OU NÃO EM FÉRIAS

1 → As crianças de menos de dois anos não devem tomar banhos de mar ou de rio?

Não. Desde um ano, as crianças podem tomar banhos de mar. Contudo, para os de rio é preferível esperar os 2 anos. De qualquer das maneiras deverá habituar-se a criança lentamente, durante pelo menos três dias. Nunca forçar as crianças que têm medo do mar; elas habituar-se-ão progressivamente sózinhas. E forçadas, levarão muito mais tempo a habituar-se. E o medo é uma coisa terrível que sempre deixa marca.

2 → Os banhos de mar, de rio ou de lago, são bons para a saude?

Sim, em princípio não há contra-indicação médica. (Não deve nunca tomar-se banho sem ouvir o seu médico). Mas se há reacções penosas (arrepios, dores ováricas, resfriamentos, perturbações digesti-

(Continua na 3.ª página)

Há 183 anos nasceu a navegação a vapor

por JOAQUIM CAMPINO

No dia 15 de Julho de 1776, na velha cidade de Lião, perante uma imensidade de gente presa de emoção e de curiosidade, o oficial francês marquês Claude de Jouffroy d'Abbans punha a navegar no rio Doubs, o primeiro barco a vapor, que ele próprio construira.

Foi, decerto, um espectáculo extraordinàriamente emotivo, esse, de ver pela primeira vez mover-se por acção duma máquina um barco que mais se assemelhava a uma alta jangada, quase totalmente coberto de fortes barrotes, rodas e correntes, vomitando fumo e fogo e roncando, rio acima, no meio de gritos e do entusiasmo popular.

Dizem as notícias da época que navegou com facilidade subindo o Saona contra a corrente.

Mas o nosso marquês além de se ver envolvido em várias intrigas, também se não deu muito bem com a Revolução Francesa. Acabou por exilar-se e deu por findas as suas experiências.

*

Parece que a ideia de pôr barcos em movimento com a ajuda de rodas vem do tempo da velha Roma, mas quem primeiro teria idealizado o uso do vapor como força mecanica para impulsionar barcos seria um tal Blasco de Garray, natural de Barcelona, o qual não só concebera a ideia mas a teria mesmo exposto a Carlos V em 1453.

É, contudo, ao médico francês Denis Papin que se deve atribuir o mérito de ter construido o primeiro barco destinado a utilizar a força elástica do vapor. Situa-se esse extraordinário acontecimento no ano de 1701, muito antes, portanto, da experiência do marquês de Jouffroy, mas o seu barco, que tantas canseiras lhe causara, foi completamente destruido pelos barqueiros de Munster antes de ser experimentado, por verem nele «uma ameaça para o pão das suas bocas».

Esta contradição, comum a tantos campos da actividade humana, em que os avanços da técnica e da ciência podem ser combatidos (e, por vezes, com razões legítimas) por quem deveria colher deles melhores benefícios, não foi o unico obstáculo que a moderna navegação teve de ultrapassar.

Quando Fulton, já em 1803, construiu e experimentou com êxito o seu primeiro navio a vapor recebeu parecer desfavorável do Instituto encarregado por Napoleão de estudar o projecto. Quatro anos depois apresentava ele no Hudson o seu famoso «Clemont». Era um formoso navio de 160 ton., com 37 m. de comprimento por 5,5 de largura, dispondo de uma máquina de 20 C. V. Tinha duas enormes rodas de pás, laterais, como estamos acostumados a admirar em imagens do século passado. Talvez se parecesse mesmo com aquele velhíssimo vapor que fazia as viagens de Lisboa ao Montijo ainda não há muitos anos, e que muitos de nós ainda nos lembramos, apesar de termos nascido já neste século. Sabe-se que percorreu «vertiginosamente» as 142 milhas que vão de Nova York a Albany em 32 horas!...

Bell, em Glasgow pouco tempo depois experimentou o seu não menos famoso «Comet» atingindo a velocidade «notável» de 5 milhas horárias. Pois apesar disso o respeitável Almirantado Britanico ao analisar o relatório de Bell chegava á conclusão que «isso não tem valor nenhum para a navegação transoceanica».

Por seu lado o duque de Wellington, então primeiro-ministro da Grã-Bretanha, dizia «não dever dar apoio a tais planos que pretendiam revolucionar e derrubar um sistema á vela estabelecido no país e considerado bom».

Era, aliás, esta a opinião corrente nas «altas» esferas do tempo. Nos jornais da época apareciam constantemente opiniões de «cientistas afirmando ser utópico o estabelecimento de carreiras a vapor entre os dois continentes». Uma das sumidade da época — o dr. Dionysius Lardver — chegou a afirmar «que fazer carreiras a vapor entre as duas margens do Atlantico era tão fantástico como pensar em ir da Terra á Lua».

Contudo, no ano de 1838, concretamente no início da luta entre as grandes potências pela primazia do Atlantico Norte na navegação a vapor, dois navios, o «Sirius» e o «Great Western» realizavam a travessia do Atlantico em 15 dias apenas, isto é, em metade do tempo dos barcos á vela.

Mas se o vapor e a roda foram difíceis de impor, ia acontecer outro tanto com o uso da hélice (já idealizada por Arquimedes através do seu célebre parafuso) e com a construção de barcos em ferro.

Depois de várias tentativas falhadas, foram Smith, em Inglaterra (1836) e Ericson, na Suécia (1839) que primeiro conseguiram aplicar com êxito a hélice.

Smith com o seu «Arquimedes» consegue em 1839 dar a volta completa á Inglaterra, e Ericson com um barco de 1.000 ton., primeiro em Inglaterra e depois na América, consegue a velocidade notável de 13 nós (a velocidade média aprovada paar os actuais navios mistos da frota nacional).

Tem interesse recordar que os velhos «Lords» convidados por Ericson a assistir á experiência em Inglaterra disseram «ser completamente impossível timonar um navio em que a força propulsora for aplicada á pôpa».

Na América também Ericson

(Continua na ultima página)

VENCERAM O CANCRO

Começaram por fazer-lhe trinta e duas aplicações de raios X no Instituto Curie. A princípio, as dimensões do aparelho que lhe ficava por cima, amedrontou-a. O silêncio da sala confrangi-a. Mas depressa se convenceu de que nada havia a recear: o tratamento é indolor.

O marido, repetidas vezes lhe dizia:

—Com certeza são fantasias tuas. Não tens o que receias.

Nunca a «palavra» foi pronunciada; mas a senhora Nicole não alimentava ilusões. Perante a insuficiência dos raios X, internou-se, a fim de fazer aplicações de Rádio. A seguir ao Rádio, gozou umas férias maravilhosas na Cote d'Azur. Tanto mais maravilhosas quanto ela se julgava livre de qualquer preocupação. Um ano decorreu. Acordou, uma noite, em tremenda hemorragia. Julgaram-na perdida. Trouxeram-lhe os filhos, como se fosse a ultima vez que os veria. Mas talvez a visita dessas crianças fosse, para Nicole, o laço profundo e indestrutível que a ligava á vida. Uma confiança grande surgia nela, todas as vezes que as aparências a pretendiam vencer. Do corpo doente, destacava-se um coração de mãe que quer viver para velar os filhos. Operações seguiram-se umas ás outras, durante os três meses seguintes. A fraqueza do corpo era imensa, mas o desejo de luta era ainda maior. Venceu. Recobrou forças, lentamente, é certo. Mas Nicole sabia que podia vencer a morte e a doença. Cinco anos passaram já. E hoje, os médicos deram o caso por arrumado. Nicole pode viver com o marido e filhos, sem o pesadelo dessa terrível doença, até há poucos anos incurável. O aborrecimento do dia a dia nada são, para ela, depois do que passou. A vida vale muito mais do que todos os cuidados mesquinhos da vida quotidiana...

O caso do senhor Jean C... é igualmente elucidativo. Ele próprio conta a sua odisseia:

— Era motorista de taxi em 1952 quando, uma manhã acordei tonto. Estava rouco e sentia dores de garganta; mas não liguei. Levaram-me ao hospital; dali mandaram-me para o Instituto Curie. Cada vez respirava pior. A tal ponto que foi necessário meter uma canula para evitar a asfixia. Aí ficou para sempre; não me impede de comer nem de beber á vontade. Julgava-me livre de preocupações, quando o médico falou em operação. Havia que retirar o tumor que tinha na garganta. Caí das nuvens, a esta notícia. A' palavra tumor, «compreendi» porque estava no Instituto Curie! Tinha então cinquenta anos; era solteiro, sem filhos, sem encargos de maior.

Os médicos nunca me disseram que tinha um cancro, mas eu bem o adivinhara; também o facto de compreender, nunca me desencorajou. Combatente da guerra, sabia bem ser optimista.

Fui operado. Só muito lentamente consegui aprender, de novo, a falar. Em menos de um ano, consegui fazer-me compreender e retomei o meu trabalho. Não era por favor que me davam que fazer. Todos me consideravam um homem de sorte, o homem *que vencera o cancro!*...

Outro caso feliz é o da senhora Madeleine M... Eis o que ela nos conta:

— Nessa altura dava eu lições de piano. Lembro-me perfeitamente: estava fatigadíssima quando as férias chegaram. Dois meses depois, nem uma longa estadia no campo me fizera recuperar as forças. Depois, bruscamente, ao tomar banho, vi que tinha um caroço no seio direito. Telefonei imediatamente para o Instituto Gustave-Roussy, para saber os dias da consulta. Eu sabia bem o que podia representar um caroço como aquele que acabava de descobrir.

No Instituto, o médico buscou evasivas para me explicar o mal. Atalhei-o:

— Se se trata de cancro, não perca tempo a explicar, cure-me. E' tudo.

Mas o resultado positivo da análise, deixou-me alquebrada. Durante dois dias perguntei a mim esma:

— Valerá a pena lutar contra esta doença? Valerá a pena gastar dinheiro por alguns meses mais de vida?

Mas a minha natureza combativa, revoltou-se contra estas perguntas. Tratar-me-ei e curar-me-ia. Minha mãe era ainda viva e idosa e precisava de mim. Nada lhe disse e ela nunca suspeitou de coisa alguma. O tratamento de raios X anemiou-me bastante. E ao fim de algumas semanas, foi necessário deixar-me operar. Isto já se passou há uma boa duzia de anos... — termina a senhora Madeleine.

Voltou ás suas lições, retomou a vida normal. Em todas as consultas o médico a felicita. E ela pensa, talvez com razão, que a sua vontade férrea a curou. De qualquer modo, esta crença na sua força moral faz-lhe bem; dá-lhe forças.

Outros e outros casos poderiam ser relatados. Todos exemplos felizes, da vitória do Homem contra o terrível mal: o cancro. Mas nada nos resta senão alertar o publico contra o desencorajamento de pensar que o cancro é um mal incurável. A prática mostra o contrário. Em cada 100 casos de mulheres cancerosas uterinas, 35 curam-se completamente. Segundo as mesmas notícias, um terço dos cancros dos seios são igualmente curados e quase todos os cancros da pele.

O dr. André Taillhfer, declarou numa conferência, que a palavra cancro desencadeia, só por si, uma vaga de terror, uma psicose de panico. E este receio vem, precisamente, da ideia, hoje já desmentida, de que o cancro é incurável.

O publico não conhece os resultados encorajadores desta luta contra o terrível mal. E os «placards» distribuidos pelas paredes, representando a doença por um nediondo e gigantesco caranguejo, se bem que tenha a intenção de chamar as pessoas a uma estreita vigilancia, mas esse espectro terrível, tem pelo contrário, semeado o terror. Injustificado terror, pois o homem tem conseguido vencer a doença, de forma bastante satisfatória. Fala-se dos que morrem vítimas dela; mas faz-se uma conspiração de silêncio em volta dos que se curam. Porquê se as possibilidades do Homem são cada vez maiores?

FÉRIAS E SOL • FÉRIAS E SOL

Banhos de mar

A mais antiga notícia que temos dos banhos, sem serem os banhos de limpeza, vemo-la através da Odisseia que nos conta o primeiro encontro de Ulisses com Nausicaa. Esta e as companheiras — diz-nos a lenda — depois de haverem lavado a roupa que levavam, resolveram banhar-se.

Foi, em boa verdade, um banho histórico!

Os Gregos adoravam banhar-se nas o peixe. Os gargarejos (depois aproveitados pelos jovens apaixonados ao falarem com as amadas encarrapitadas em altas varandas) e os bochechos, eram outros meios de aproveitamento da água do mar. As doenças que requeriam tais tratamentos passaram a multiplicar-se de tal maneira, que podemos dizer que estava lançada a moda!

Após a Revolução Francesa, os banhos de mar tornaram-se quase

ao ar livre, ao contrário dos Romanos que preferiam os banheiros ou as termas mornas. Mas uns ou outros faziam-no por prazer, apenas, ou quando muito, por um sentido de beleza, apenas. O benefício da higiene ou mesmo a terapêutica da água, em especial da água salgada, só muito mais tarde devia ser considerada.

A Idade Média, com todo o seu obscurantismo, condenou ás penas do inferno qualquer tentativa inocente ou bem intencionada de mostrar a mínima parcela do corpo. Os banhos de mar eram, só por isso mesmo, um pecado. O mar era o reino do diabo.

Abaixo, pois, os banhos do mar e os seus benefícios!...

As populações ribeirinhas eram as unicas que se davam á necessidade de ter que penetrar na água, mas só para pescar o necessário para a sua subsistência. Não, que eles sabiam estar o diabo escondido por entre as águas claras do rio...

Contudo, apesar destas restrições, lentamente, embora muito lentamente, estas proibições foram caindo em desuso e conforme isso acontecia, os médicos aventuravam algumas fracas sugestões sobre os benefícios da água salgada e os efeitos do ar marítimo sobre certos «humores». Considerados abertamente como panaceia, sómente no tempo de Luís XIV, rei de França, embora não possamos afirmar se, em verdade, curaram os males para que foram prescritos. Na Inglaterra, no século seguinte, alguns Ingleses menos graves rompem as tradições e lançam os doentes nas «ondas alterosas». Mas o medo, esse é que não conseguia vencer a tradição!... O mar mal chegava acima dos rins, eram simplesmente, o que se chama, com muita propriedade, os banhos de semi-cupio. Mas que importa, do mar já não vinha apecorriqueiros. Havia-se fortificado o culto da beleza física e da higiene do corpo (felizmente) até aí muito desleixadas. O mar lá estava, de braços abertos. Timidamente, em 1822, aparece o primeiro estabelecimento de banhos. Já não eram os banhos a retalho; agora passavam a ser por grosso, isto é, desde que o médico mandava, e os pacientes mostravam receio da panaceia, nem queiram saber o que acontecia!... Tomavam-se gargarejos e bochechos que era um nunca mais acabar.

A época foi inaugurada com o máximo da elegancia e da pompa, como o caso requeria. Toda a boa sociedade feminina compareceu. E também a masculina. Uns tomavam banho, os restantes curavam-se só de olhar.

A primeira valsa — oh, perdão, já tinhamos deixado o fedor dos salões — o primeiro banho foi tomado (!) pela duquesa de Berry, convidada de honra para a inauguração. Soaram salvas de canhão. Toda a gente se debruçava o mais possível, para não perder nada do espectáculo. Os lugares com algum horizonte, disputaram-se. Dentro de água, o inspector dos banhos, que corresponde hoje a qualquer inspector, mas que então se destinava apenas a vigiar os atrevidos que se afoitavam a molhar os joelhos, ostentava também a importancia de tal acontecimento: vestia trajo de cerimónia a que nem faltavam as luvas brancas!

Depois desta, outras praias surgiram: Trouville, Bologne-sur-Mer, etc. — surgiram sempre que havia doenças e elegantes banhistas. Tomar-se banhos de mar, passou a ser de tão bom tom, como ir ás coridas de cavalos.

Claro que os benefícios da brisa marítima eram bem relativos, pois tanto senhoras como cavalheiros, dentro das melhores normas da decência, não mostravam, além do rosto, mais que as mãos desde os pulsos, ou os pés desde osartelhos. Porque o resto do corpo, esse estava bem resguardado dos raios ultra-violetas, couraçado por um longo vestido onde nem sequer faltavam os espartilhos! E mesmo na cabeça, as senhoras enfiavam um chapeu de plumas. Não sei como seria possivel mergulhar, mas creio que ninguém então pretendia mais que manter-se agarrado, com unhas e dentes, aos cabos colocados para isso mesmo, ou ás «barcas» que também fizeram a sua época em Portugal, para as bandas do Dáfundo, sob os olhares vigilantes do inspector.

Á medida que o pudor sofria cortes na sua integridade medieval, esta indumentária foi-se reduzindo, encurtando por efeito da água fria, certamente; as calças já não passavam dos joelhos para baixo e as mangas do cotovelo para cima; a «toilette» completava-se com um longo blusão e uma encantadora touca de folho! Estava, assim dado o primeiro passo para usufruir-se em larga escala, os benefícios incalculáveis do mar.

O primeiro fato cingido causou escandalo; a própria imperatriz Eugénia se admirou da audácia da sua dama, embora quanto a comprimento se mantivesse na mesma.

Em 1890, imperava já um verdadeiro espírito desportivo! Havia pranchas embora quase á altura da superfície das águas em maré cheia; mas os saltos estavam a preceito para aquela juventude buliçosa. Tentavam-se com pleno êxito e acabavam, quase sempre nos bancos dos hospitais. Mas nada havia de mais fácil, que saltar da prancha: bastava enrijar os musculos, endireitar a cabeça, colar os braços ao longo do corpo e deixar-se cair de borco na água. Lá se o peito ou mesmo o ventre não aguentava, não fazia mal — se não se despertava no hospital, bastaria dar ás pernas e aos braços, para se nadar. Isto claro está só se reservava aos indivíduos que hoje chamamos de «bom estomago»!

Com êxito ou sem ele, os banhos tinham vencido. Depois da Grande Guerra, os fatos foram diminuidos conforme a carestia da vida aumentava. As senhoras, que são sempre as pessoas sobre quem recai a necessidade de economia doméstica, foram encurtando cada vez mais os fatos, na ansia de poupar tecido. Assim, se chegou ao «maillot» que é como quem diz á quase infima espécie de fato de banho.

E tendiam a simplificar-se tanto e a gastar tão pouco tecido que os fabricantes chamaram a atenção dos moralistas, que são as pessoas que não «poupam»... esforços para manter os bons costumes. Na verdade acharam que se poupava demasiado pano em desperdício de carne; e os moralistas chamaram a atenção para quem de direito, para aqueles mesmo que ostentavam a divisa «Produzir e poupar», tomada nas praias tão á letra, que só a ultima advertência, ficou de pé. Produziu-se, então uma certa discórdia entre as entidades competentes, que ordenaram ser o meio termo o melhor. Os fatos de banho foram repostos nas suas justas medidas. Nem tanto ao mar... nem tanto á terra...

MARIA HELENA DA COSTA DIAS

OS DEZ MANDAMENTOS DO SOL

1. — Certas doenças exigem o bronzeamento: doentes do coração, hipertensão, tuberculose e nefrite. O Sol é um inimigo. Em caso de dúvida, consulte o médico.

2. — Nunca prolongar o banho de Sol, nos primeiros dias. Quem vem da cidade, chega fatigado e o seu organismo arrisca-se a receber mal um sol intenso. Chegam dez a quinze minutos.

3. — Começar pelos braços e pernas. E nunca mais que dez minutos, nos primeiros dias. O tórax deve ir a pouco e pouco; a cabeça deve estar sempre tapada.

4. — Nunca ir além de uma hora — quando muito hora e meia.

5. — O banho de sol é melhor para a saude se, em vez de estar parado, fizer qualquer exercício físico moderado. Também é bom entrecortá-lo de «repouso» á sombra.

6. — Atenção ás reacções individuais. Os organismos vivos não reagem todos da mesma maneira. Se o sol provoca dores de cabeça, insónias, reacções nervosas, males de pele, reduza as doses ou suprima-as completamente.

7. — O corpo, mesmo bronzeado, permanece vulnerável. Mesmo depois de habituado, o excesso de sol é sempre perigoso, tanto para a saude como para a beleza.

8. — Cuidado com os golpes de sol. Parar imediatamente com as exposições ao sol.

9. — Cansaço e sol não se dão bem. E' preciso evitar a fadiga, as noitadas, os desportos intensos, durante toda a cura solar. A cura só é aproveitada se acompanhada de repouso.

10. — Os produtos anti-solares devem «filtrar» o sol. Todas as partes do corpo expostas devem ser protegidas por um creme que filtre os raios solares mais perigosos.

O que deve evitar

Expor um doente ao sol, sem o conselho do médico;

Os banhos, se tem muita idade;

Os banhos longos e de cabeça descoberta;

Dormir ao sol (perigo de náuseas, acessos de febre, de insolação);

Banhos de sol após as refeições— podem provocar urticária;

Não tomar banho de sol com o fato humido; os intestinos e as articulações podem queixar-se.

disco da semana

RONDA DO FADO
UMA NOITE NA SEVERA
em quatro discos

ISAURA GONÇALVES
LMEP 1011
Maria Severa ● Aquela Carta
MARIA JOSÉ DA GUIA
JOSÉ MOREIRA — LMEP 1012
Não quero pensar ● Ramboia Fadista ● Fado Típico ● Nobreza Toureira
FERNANDA MARIA—LMEP 1013
Ano Novo ● Canção
MARIA JOSÉ DA GUIA
ISABEL SILVA — LMEP 1014
O Amor e a samarra ● Toca a dançar ● Ai se eu pudesse ● Marcha da Severa

Lisboa tem duas vidas. Uma, que é toda sol, bulício colorido e dinamismo febril de grande metrópole. Outra, feita de sombras romanticas, silêncio e quietudes bucólicas de velho burgo. O dia, da Realidade; a noite, da Nostalgia. Quando esta chega, surge com ela a «Ronda do Fado»...

Jornada sentimental que procura ecos da Tradição no encanto vetusto da cidade adormecida, este roteiro nocturno desce ás vielas tristes da Mouraria de faca na liga e segue as pisadas dos trovistas e bailões, companheiros do nobre Vimioso. Perde-se, pois, no dédalo dos becos escuros da velha Alfama cheirosa a meresia, evocando a memória do Pataquinho e do Batata da Adiça. Sobe, em seguida, ás travessas apertadas do Bairro Alto castiço, berço de João Mulato, famoso dedilhador de mil guitarras...

Mas a «Ronda» não fica por aqui. Continua. Vai a todo o lado. Porque o gosto deleitoso pela Saudade — essa palavra unica — encontra-se de lés a lés em Lisboa, em todo o sítio onde os intérpretes humildes da musa popular, os boémios impenitentes e os fidalgos fanfarrões de outrora destilaram lirismos e queimaram mocidades, forjando um brasão comum chamado «Fado»...

A «Ronda» de hoje é feita n'«A Severa»...

Discos publicados pelos Estabelecimentos Valentim de Carvalho, Rua Nova do Almada, 97.

Sim ou não em férias

(Continuação da 1.ª página)

vas, fadiga) é preferível abster-se. Nas crianças nervosas, agitadas, os banhos aumentam o nervosismo, comem e dormem mal — é preferível parar com eles.

3 — O banho de mar tem duração estabelecida?

Sim. Para um adulto deve durar 20 minutos, o máximo. Para as crianças até aos 12-14 anos, nunca ultrapassar os 10 minutos. O banho de rio ou de lago, deve ser muito curto, nunca mais de 10 minutos. A água dos rios e lagos não têm os cloretos de sódio ou iodo que tornam os banhos de mar tão tonificantes para o organismo.

4 — Pode tomar-se banho logo a seguir ás refeições?

Sim e não. Depende da importancia das refeições; mas é sempre preferível esperar umas três horas depois do almoço e uma hora após o pequeno almoço e o lanche, se forem refeições leves.

5 — As mulheres grávidas podem tomar banhos de mar?

Sim, em regra geral, mas deve ser ouvido sempre o médico. Só ele poderá autorizar.

6 — A polio é transmitida pela água dos rios?

Nada se pode dizer de seguro sobre esta doença. Mas em caso de epidemia é preferível suspender os banhos em todas as águas que, por ventura, possam estar poluídas.

7 — É verdade que se contraem otites, sinusites, pelas águas dos rios?

Se há tendência para estas doenças é preferível não se tomar banhos de rio. Mas, na maior parte dos casos, não se apanham as doençae, agravam-se as já existentes.

O sol como produto de beleza

É verdade. Manejado com cuidado e moderação, o sol tem as qualidades do melhor creme de beleza de todo o Mundo. Infelizmente, porém, ele é usado imprudentemente pelas mulheres. Por isso, nos parece util dar-lhes alguns conselhos; todos os anos, passadas as férias os cartas chovem, desoladas, porque a pele [...] porque está rugosa, porque está pr[...] porque está manchada, porque está [...]denta... um nunca mais acabar de queixas contra o sol. E tudo isto pela impaciência própria das senhoras. Na ansia de aparecerem queimadas, expõem-se imprudentemente, long[...] sarem nos riscos que isso representa, negligenciando as mais elementares precauções.

SARDAS

existem em profundas, sob a pele, mas o sol fá-las vir á superfície. O uso do creme não evita mesmo que apareçam, sob a influência do sol. O chapeu largo, sim, que evita.

ACNE ROSADO

Sob a influência do sol os pequenos vasos sanguíneos que circulam á superfície da pele congestionam, dilatam-se e rebentam. Perdendo o tom queimado da praia, verá que o acne ficará acentuado, e até aumentado.

AS RUGAS

O queimado marca e endurece o rosto, acentua as rugas... depois dos trinta anos. Com a idade a pele tem tendência a desidratar-se, o excesso de sol aumenta esses efeitos.

MANCHAS ESCURAS

[...] de temperamento alérgico o sol pode [...] aparecimento de manchas castanhas [...] des[...] [...]das, de eczema. As a[...] sol devem cessar i[...] aparecimento [...] que [...] manchas [...]na que seja.

OS PELOS

Se tem tendência a pelos, fique sabendo que o sol activa o crescimento dos pelos. Se os banhos de sol forem prolongados, activam seu desenvolvimento, não só em espessura como em comprimento.

AS GORDURAS

Se tem a pele gorda, oleosa, o sol aumenta, muitas vezes, esta secreção de gordura

O NARIZ

apesar de não ser feição (é, pelo menos o que se diz á portadora de um feio nariz) proteja bem o nariz do sol; lembre-se que pela sua posição proeminente no rosto, será o que mais exposto fica aos ardores do sol. E isso não é muito, muito bonito.

OS OLHOS

Use bons óculos escuros. Experimente, de manhã e á noite, compressas de água de camomila ou loções especiais para os olhos. Se [...] se, duas vezes ao dia, três gotas de Argirol.

OS CABELOS

O sol e o vento conjugam-se para secar os cabelos, tornando-os sem brilho.

AS PELES BRANCAS

com excesso de sol ficam com o aspecto de lagosta cozida. Evite, pois, todo o sol a mais, por nefasto.

... depois destes cuidados todos goze os efeitos benfazejos do sol: dá-lhe um aspecto acetinado e bronzeado á pele — o aspecto de saude; o sol equivale a uma cura de Vitaminas, vivifica a pele e anima os tons neutros.

História de Peles

Os primeiros ensinamentos que nos vêm da pré-História dizem-nos que os homens, para se protegerem do frio, se vestiam de peles de animais.

Não era a garridice que os impelia a isso mas com certeza uma imperiosa necessidade. Tempos quentes viriam, em que os longos cabelos de Eva substituiriam as peles! Mas nas eras glaciares, e não podendo desenvolver o pêlo, á semelhança dos mamutes, ao homem restou a possibilidade de caçar, não apenas para viver... mas para se vestir também. Podemos constatar, senhoras, que a moda dos abafos de peles é uma moda bárbara e... caros leitores, um tudo nada diabólica.

Os Gregos e os Egípcios não tiveram a mínima preocupação em se ornar de peles, simplesmente porque o calor superava o frio, bem á vontade. Hércules envolvia-se numa pele de leão, não para se agasalhar, mas para se gabar (sem palavras) de haver morto o animal.

Os pastores macedónimos apenas se cobriam, no frio Inverno, apenas ligeira pele de cabra, quando andavam pelos montes... e pelos vales, dispensavam-na.

Mas o mesmo não se deu com os Gauleses e os Francos, povos bárbaros que percorreram a Europa nas suas peles de urso, de lobo, de bisonte; e acabaram por levar ao império romano, nos recuados tempos de Honório imperador, esta moda quente e fofa. Indignado com uma moda que lhe lembrava uma «mascarada» Honório, imprudentemente promulgou um decreto proibindo o uso das peles... o que fez com que os senhores da corte passassem a ornar os seus abafos... com o fruto proibido.

E de uma contravenção, nasceu a moda...

Carlos Magno, segundo se diz, trazia uma veste forrada de pele, junto ao corpo; e estabeleceu, nas *Capitulares*, os preços da tabela para as diferentes qualidades de peles. Empregava-se, nesse tempo, a pele do gato selvagem, da toupeira, do veado, do *vair* (conhecido por «petit-gris») e arminho. Empregava-se estas peles em golas, barras de casacos ou vestidos, nas mangas largas e nos capuzes discretos.

E viveu esta moda até ao século XIV.

A Igreja, desde sempre, condenou esta moda; não pelo luxo excessivo que em qualquer época representou, mas por protecção dos pobres animais que se viam condenados a ficar... sem pele! E por outro lado, os animais peludos lembravam, não se sabe por que fantasia, o Diabo! Também não sabemos por que o Diabo se havia de lembrar de correr Mundo, quase sempre disfarçado num animal de pêlo — um cão, um gato preto, ou, mais prosaicamente, em forma antipática de bode!

Nas primeiras representações teatrais sempre a fantasia do autor cobriu os espíritos malignos de peles de lobos, de veados ou de carneiros (o que faz com que os maridos se ponham imediatamente ao lado dos autores desses mistérios).

Mas nada no Mundo pôde impedir que as mulheres dos senhores reclamassem abafos da bela marta, nem os reis de se ornar com o manto de arminho—o animal tantas vezes surgido como símbolo de pureza (não de intenções, com certeza...).

Os Cruzados, muito tempo, longo tempo perdidos em terras do Oriente, adoptariam com espírito muito pouco cristão, a moda das peles raras e preciosas. Como era inevitável logo surgiu uma corporação de mestres peleiros que regulamentava o trabalho e a venda das peles. E então, simultaneamente, surgiram as diferenças sociais... nas peles de cada um. Os nobres, e só eles, tinham o direito de usar o arminho (rato da Arménia), a marta e a zibelina; os demais mortais que se contentassem com a cabra, o carneiro, o coelho, a fuinha e a raposa... E nem se podia dizer que não tinham por onde escolher, entre estas peles de segunda categoria.

E, em desabono dos animais sacrificados, certos nobres passaram a usá-los nas suas obras, como espécie de compensação. A duquesa Ana da Bretanha usou o arminho; os reis de Inglaterra, o leopardo.

Delegações dos mercadores franceses percorriam as rotas europeias, na ansiosa pesquisa das peles raras. De Londres e Leipzig vinham para os principais mercados franceses — Paris, Lião, Clermont e Beaucaire — as mais belas peles, vendidas por altos preços.

Descoberta a América, logo começam a surgir do Novo Mundo as raposas canadianas, as belas peles de castores, as lontras.

A astrakan foi conhecida bem cedo, na antiguidade; é uma pele rara, pois só na Russia se encontram estes carneiros possuidores de tal pêlo. E os povos russos aproveitam as peles como abafos para os grandes frios a que estão sujeitos.

O amor por este ornamento de luxo é superior ás peles que se obtêm, daqui, como em qualquer outro ramo de negócio, surgirem as fraudes, isto é coelho por leopardo.

Sendo difícil adquirir um belo casaco de zibelina ou astrakan — verdadeiras fortunas alguns — há as imitações como recurso. A arte de pelaria requintou-se de tal forma que já hoje é possível reconstituir lobo com pele de cão; e se o cão for de estimação, podemos conseguir bela pele de foca ou de urso; com o pêlo do urso, que bela imitação de skunks; e com esta, admirem a formosa zibelina que o mágico conseguiu. O amigo gato irá dar o arminho níveo e a bela marta; a apreciada pele de castor não passa de camuflagem da marta. E o coelho... pobre bicho!, que variedades não irão ser criadas e espalhadas por esse Mundo, com a sua pele transformada em zibelina, chichila, lontra e leopardo.

Nesta mudança de pele, só são de lamentar os maridos que têm o mau gosto de se deixar enganar, comendo gato por lebre, só pelo prazer de se deixarem enganar...

AMORES DE MOZART

(Continuação da 1.ª página)

Aos sete anos, numa digressão pela Europa, é a glória que se lhe acende no espanto dos olhos infantis; aos doze, ferem-no, os primeiros insucessos; a Itália recebe-o de início com entusiasmo, que por fim modera numa atitude reservada; vêm depois as angustias da adolescência, o mortal aborrecimento numa cidadezita provinciana onde não se rasga uma janela para o futuro; aos vinte e um anos, vai de terra em terra, saltimbanco de príncipes e de reis, á procura dos seus favores, mas os malogros não param; Paris troça deste homenzinho alemão que produz musica, regressa, então, a Salesburgo, com o coração mais carregado ainda pela desilusão de um grande amor. Não bastará?

Parece que não.

Passa, em seguida, dois anos a consumir-se numa terra que detesta e ao serviço dum príncipe que detesta. Tem, vinte e cinco anos. Agora, sim, que basta: depois duma discussão tremenda com o príncipe-patrão, resolve trabalhar em liberdade. Eis Wolfzanz Amadeus Mozart — um musico que riscou a palavra Messenas e procura viver do publico.

E' nesta altura que resolve casar. Sucedem-se quatro anos atofados de êxitos quer como compositor, quer como «virtuoso». Foram quatro anos em que esteve em moda, mas a moda passa. Morrem-lhe os filhos; a amnésia aperta-o num anel de ferro; perseguem-no, não os amantes da musica, os credores: e aí temos Mozart atolado em pequenos «ganchos» para ganhar o pão; de resto, sua musica não interessa a ninguém: se persiste em escrevê-la é porque é um altíssimo génio e o homem corajoso.

Mas vamos lá saber: isto não acaba?

Pois claro que acaba. Já o dissemos acima. Tinha trinta e seis anos.

Brigitte e Jean Massin recolheram preciosos documentos da vida quotidiana de Mozart, precisamente num período que se situa seis meses antes da morte do grande musico. Stanzi (Constancia) sua mulher, estó grávida e repousa por um tempo em Baden. Wolfzanz sente-se feliz; não apenas porque se encontra junto da querida companheira: há ali um mestre do coro da igreja, um tal António Stoll, que lhe dedica uma profunda amizade: conversam, trocam ideias e Mozart escreve para ele uma pequena peça religiosa.

Foi uma pausa de 7 dias. Volta a Viena e deixa um discípulo a velar pela mulher. Mas as faltas de dinheiro perseguem-no; tem de recorrer a um amigo para pagar a estadia da mulher em Baden. E' aliás para ela que vão todos os seus cuidados. A' noite, quando a solidão apenas lhe é quebrada pela presença duns ratos, fiéis amigos, Mozart escreve á companheira: é preciso que ela exija dos hospedeiros melhor alimentação; que beba vinho e não aquela água detestável; que veja se não apanha frio pela manhã ou á tardinha; que evite tomar banhos muito demorados; que durma muito, etc.

Eis o final da carta de 2 de Julho de 1791:

> «Adeus, tão querida e excelente mulherzinha. Cuida da tua saude, porque se ela te falta já para mim nada existe, e se estás bem tudo me corre bem. Segue o meu conselho, o que te dei no princípio desta carta.
>
> MOZART».

Dois dias depois segue este postalzinho:

> «4 de Julho de 1791... Sempre aqui vão três florins. Eu queria mandar mais, mas amanhã ao meio dia já o conseguirei e recebê-los-ás. Está alegre, de bom humor.. e tudo continuará bem.
>
> MOZART».

Como veremos no próximo artigo, o mais extraordinário é que em toda esta correspondência Mozart nunca alude ao facto de estar criando uma obra-prima — a «Flauta Encantada».

(Conclui no próximo numero)

Duas vezes caro

Este quadro de Renoir, «As Filhas de Durand-Ruel», foi comprado pelo sr. Chrysler, num leilão de Nova York, pela bonita quantia de 127 milhões e meio. As retratadas são as filhas do famoso vendedor de quadros George Durand-Ruel (Joana e Maria) e tias do actual dono da galeria, Charles Durand-Ruel. Este senhor, por o quadro lhe ser muito caro (valor de estimação), deslocou-se a Nova York para tentar comprá-lo. Mas teve de desistir, por ele ser.. muito caro (ultimo lanço: 127 milhões e meio).

NO TEATRO

O caso passa-se num teatro de Washington. A peça acabava com a morte da heroina e o pano devia baixar lentamente. Ora, uma noite, o pano não funcionou e, portanto, não desceu. A artista, inquieta, entreabre os olhos e vê que o publico, supondo que a acção continuaria, não mostrava vontade de sair.

Então, com um sangue frio admirável, ergueu-se a artista e, dirigindo-se aos bastidores, exclama:

—Impossível achar repouso, mesmo depois da morte.

Só então os espectadores perceberam a situação. Seguiu-se uma ovação á artista que revelara tanta presença de espírito.

PIRATAS

A paz de Utrecht, em 1713, encerrara definitivamente a actividade dos flibusteiros das Antilhas. A pirataria feita á sombra da bandeira de uma Nação deixara de ser possível na sociedade relativamente estabilizada dos começos do século XVIII e áqueles que recusaram o caminho da regeneração só restou o desesperado recurso de entrar em guerra aberta contra tudo e todos, embora com a consoladora compensação da equitativa pilhagem dos navios de todas as nacionalidades.

Tinhamos visto como alguns dos flibusteiros haviam tentado, por sinal com bem fraco êxito, a sua sorte no Pacífico. Outros, porém, lançaram mais avisadamente as suas vistas para o Atlantico, como sucedeu com o flibusteiro inglês Jennings que, privado da Jamaica, soube encontrar óptimo abrigo na ilha da Nova Providência, excelentemente situada á entrada das Antilhas e bastante próxima das colónias inglesas do continente, que então começavam a prosperar. A enseada era vasta, a entrada estreita e fácil de defender. Breve ali afluiram mais flibusteiros da Jamaica, aventureiros das ilhas britanicas, da Nova Inglaterra e a ilha tornou-se em pouco tempo um tão formidável ninho de piratas que o Governo inglês, ao tomar em 1718 a resolução de limpá-la, teve de agir com muita prudência e prometer o perdão a todos os que se submetessem. Jennings optou pela submissão, mas outros fizeram-se ao mar, dispostos a continuar a sua carreira no Atlantico e no Indico.

Um dos mais célebres foi Edward Teach, chamado o «Black Beard», que

E

frequentou durante muitos anos as costas das Carolinas, férteis em abrigos. O retrato deste pirata traçado por Johnson na sua «History of the Pyrates» é verdadeiramente terrificante. «A sua barba negra subia-lhe até aos olhos e cobria-lhe completamente o peito», diz Johnson, e conta também o estranho costume que tinha Teach de com ela fazer pequenas tranças atadas com fitas e de as enrolar em volta das orelhas. Nos dias de combate o pirata trazia ordinàriamente uma espécie de «écharpe» passada sobre as espáduas, com três pares de pistolões no forro em forma de bandoleira. E, para cumulo, ainda tinha o hábito de colocar no chapéu

PIRATARIAS

duas mechas acesas que lhe pendiam de cada lado do rosto. Tal era a impressão dada por este insólito conjunto, que o mesmo historiador não hesita em afirmar «não ser possível fazer ideia de uma furia dos infernos mais terrível que a sua figura».

Também o procedimento do «Blach Beard» não foi em nada menos horripilante que a sua aparência. As violações, os roubos, os assassinios perpetrados com a mais negra crueldade foram as práticas correntes do pirata e do seu bando, até que finalmente Teach foi perseguido e abordado pelo capitão Maynard. A luta foi terrível, o mar ficou tinto de sangue e o celebérrimo bandido recebeu vinte e cinco ferimentos antes de tombar morto. Maynard levou a sua cabeça como troféu, espetada na proa do navio, com a sua longa e sinistra barba empapada de sangue.

São tantos os piratas do Atlantico referidos no livro de Johnson, que terei de limitar-me a falar aqui sómente dos mais interessantes.

O major Stede Bronnet, que frequentou as Carolinas ao mesmo tempo que Teach, era um velho fidalgo rico e de boa reputação a quem os relatos das aventuras dos piratas subiram á cabeça, tal como sucedeu a D. Quixote com as aventuras dos cavaleiros andantes. Atribuiu-se a decisão de Bonnet a um desarranjo cerebral «devido aos desgostos sofridos no seu casamento» e é bem possível que, mesmo com a mente inteiramente sã, um homem possa preferir os riscos da vida dos piratas ás torturas de um mau matrimónio; mas seja como for, o certo é que ele comprou um navio e, embora nada conhecesse da arte de navegar, fez-se ao mar e pirateou como qualquer outro. Acabou, no entanto, por ser preso, julgado, condenado á morte e enforcado em Charleston. Ia já longe o tempo em que a corte inglesa conferia títulos nobiliários por feitos de pirataria e não há duvida de que Stede Bonnet, tal como D. Quixote, tinha chegado com evidente atraso...

Com o capitão Lewis, outro dos heróis de Johnson, deu-se a curiosa circunstancia de ter nascido pirata, pois foi encontrado ainda de muito tenra idade, num navio de piratas, sem que se tenha conseguido saber donde vinha. Falava indiferentemente inglês, francês, espanhol e caraíba, não podendo por isso conhecer-se a sua nacionalidade. Tendo assumido ainda muito novo o comando dum importante bando, logo manifestou uma maldade verdadeiramente diabólica e veio a ser vítima de uma conspiração dos seus próprios homens.

O capitão Low era um sádico que inventava os mais horríveis suplícios para os seus prisioneiros: a um deles cortou as orelhas, mandou cozinhá-las e obrigou-o a comê-las. Uma noite, porém, Low cometeu a imprudência de assassinar, durante o sono, o seu imediato, o que constituia grave crime aos olhos dos piratas, que sómente admitiam entre os companheiros o combate leal. O cruel capitão foi abandonado pelos tripulantes do seu navio numa chalupa sem provisões e sem remos. Recolhido por um navio, veio a ser enforcado em Martinica.

Os capitães Fly e Bellamy pertenceram ao mesmo género ignóbil do famigerado Low. O primeiro, que agiu com notável crueldade ao longo das costas da América e da Guiné, foi enforcado em Boston; o segundo, que operou de igual maneira nas Antilhas e na Nova Inglaterra tinha umas certas veleidades de filósofo e, segundo conta Johnson, teria dito, certa vez, a um capitão prisioneiro que se recusara a servi-lo: «Não passais dum cão servil, como todos os que aceitam ser governados pelas leis que os ricos fizeram para sua própria segurança... Quanto a mim, sou um príncipe livre; e tenho tanta autoridade para fazer a guerra ao mundo inteiro como se tivesse cem navios no mar e cem mil homens em terra!».

Encerrarei por hoje com a história um tanto sentimental de duas célebres mulheres piratas: Anne Bonny e Mary Read.

Nem todos os piratas da ilha da Nova Providência, como vimos, aceitaram submeter-se e um deles, Charles Vane, conseguiu romper caminho entre os navios de guerra ingleses, desfraldou o pavilhão negro e continuou a piratear no Atlantico. Breve, porém, Vane foi deposto, por ter recusado uma abordagem, e substituido no comando por Rackam.

John Rackam, também conhecido por «Calico Jack», era um capitão de piratas ainda bem novo e de género afectuoso. Tendo estabelecido, na ilha da Providência, ligação com uma mulher chamada Anne Bonny, filha de boa família e que tinha saído de casa para desposar um marinheiro, resolveu vestila de homem e levá-la para bordo. Anne adaptou-se bem á nova vida e batia-se tão bravamente nas abordagens como qualquer dos outros componentes do bando, mas como não primava pela constancia amorosa, depressa se apaixonou por um jovem e belo pirata muito expedito no manejo das armas. Tão prementes foram as solicitações amorosas de Anne que o jovem se viu forçado a confessar a sua impossibilidade de corresponder-lhe, porque «ele» era igualmente uma mulher disfarçada. Esta mulher, Mary Read, que usava desde muito jovem os trajes masculinos, havia combatido como soldado na Europa, tinha-se depois casado e, após ter enviuvado, voltara a vestir-se de homem para fazer-se pirata.

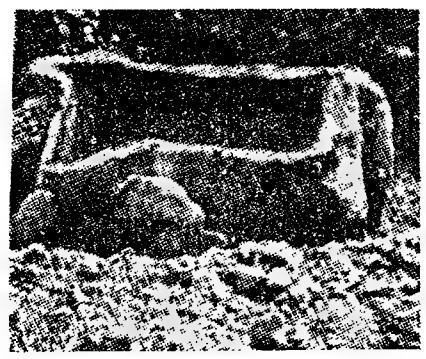
Mas as aventuras destas terríveis mulheres acabaram tragicamente. O navio que elas tripulavam foi atacado e os piratas, atemorizados pela evidente superioridade das forças inimigas, fugiram á luta. Sómente Anne e Mary se conservaram na ponte, obstinadas num combate desigual e injuriando os seus cobardes companheiros. Finalmente foram todos presos e condenados á morte por enforcamento. As duas mulheres declararam então o seu sexo e Mary, por se encontrar grávida, viu adiada a sua execução.

Antes de ser enforcado, John Rackam pediu para ver Anne; mas esta, como unica consolação, disse-lhe: «Estou desgostosa por te ver nesta situação. Se tivesses combatido como um homem, não serias agora enforcado como um cão». Mary, por sua vez, fez a apologia da pena de morte dizendo que «Se os piratas não fossem executados, os poltrões não seriam retidos pelo medo e o Oceano cobrir-se-ia de canalhas». Mary Read morreu na prisão. Não se sabe o que sucedeu a Anne Bonny.

Não há duvida que já no século XVIII o belo sexo não era assim tão fraco como parecia á primeira vista...

ALFREDO BRÁS

QUANDO OS HOMENS PINTAVAM RENAS



Tumulo pré-histórico

(Continuação da 1.ª página)

muito duradouras, o vento soprava com a força dos ciclones. Muitas das leis que aprendeu no seu compendio de física, que a inteligência aproveitou para criar as técnicas, transformaram este inferno no Eden em que vivemos, neste quase equilíbrio que o homem ajudou a modelar com as suas próprias mãos.

Voltemos atrás. Perseguido pelos rigores do tempo e pelos animais ferozes, o nosso semelhante do Poleolítico abrigou-se em cavernas e longos foram os períodos que nelas passou. A própria luta com as outras espécies, se não fosse a fome, não lhe teria aguçado o engenho. Desde que o Mundo é Mundo, o homem tem semeado heroismos, realizações e torpezas para encher um palmo de estômago.

Braçal de arqueiro, feito em chixto cinzento, também de Lousel

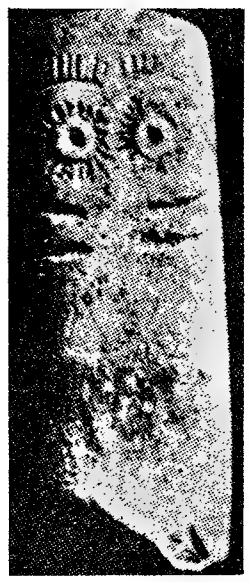
Em qualquer colecção da especialidade pode encontrar os primeiros instrumentos de que o homem se serviu. As suas facas, os seus machados, são tão toscos que não seria capaz de classificá-los se os encontrasse num montão de pedras.

Outra vez ás cavernas, onde se abrigava contra os horrores do tempo... Certamente já lhe falaram nas grutas de Altamira, dos espólios deixados em muitas estações, que existem espalhadas pelo nosso País. Voltemos ás grutas da vizinha Espanha. Nelas foram descobertas admiráveis pinturas naturalistas, como a dos bisões.

Nessas longas esperas nas cavernas o homem esboçou as suas preocupações, pretendeu traduzir estados de espírito. E o que desenhou? Quase sempre animais e cenas de caça. Os períodos de fome levaram-no á obcessão. Esboça renas feridas com pontas de setas, pinta mãos no dorso dos animais perseguidos. A fome de qualquer coisa, a insatisfação é metade da expressão artística. Nesses desenhos trespassados por setas estão expressos os primeiros problemas do homem, aqueles que se ligam ao instinto de conservação. Aguçado o desejo, o nosso semelhante do Paleolítico, tem muitas vezes de substituir a realidade palpável pelo sonho. Cria os primeiros fetiches. Se esboça animais feridos é porque pensa ser essa a condição para deles se apoderar. Assim, desde o princípio, a arte se tornou uma actividade interessada.

E não vá pensar que estes primeiros actos de magia desapareceram logo que novas técnicas viepessoas a quem as consulentes desejam prejudicar.

Dissémos que o homem das cavernas era ignorante de tudo. A ram substituir as antigas. As bru-

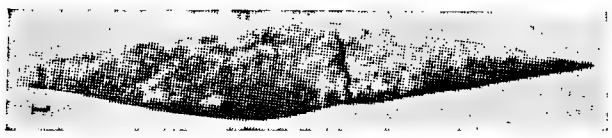


Idolo encontrado em Moncarapacho

Vasilha de barro — monumento pré-histórico de Lousel

xas deste século das luzes ainda espetam os olhos dos retratos das explicação dos fenómenos naturais como o vento, a chuva, a doença, a morte, estavam muito longe da sua capacidade de descernimento. Na caça imitou a voz dos animais para melhor se aproximar da presa. Mais tarde ensaia o ruido da chuva, apodera-se de um conjunto de sons que tanto pode utilizar em seu benefício como em prejuizo dos outros.

Vê o seu companheiro de vida nómada contorcer-se com dores, não percebe os esgares e assiste á morte como a um fenómeno que é incapaz de compreender. Está em frente de um mistério. Compara-o com um sono prolongado e, instintivo como é, considera o fenómeno cheio de suspeição. Acredita que um homem nesse estado sabe mais do que os outros. Por isso o rodeia de cuidados especiais, por isso lhe prepara alimentos e é bem possível que ao dar-lhe sepultura, o faça mais por medo da sua vigilancia, do que por respeito. Talvez prove esta afirmação a posição de algumas mumias e de alguns esqueletos encontrados. Grossas amarras lhe prendiam os membros, não fossem, levantar-se dali e exercer vinganças nos outros homens que não se sentiam isentos de culpas.



Ponta de seta de cobre, encontrada em Lousel

Se o mistério pôs o morto numa situação de privilégio, vão mais tarde os seus semelhantes vivos imitar as contursões dos moribundos, pintar a máscara horrível da dor, fingir o transe, o agonizar. Enquanto o nomadismo impera, enquanto a força e a destreza fizeram de lei quer pela posse das coisas, quer pela posse da mulher desejada, este primarismo pouco se adulterou.

Dá-se a retirada dos glaciares, a Terra entra numa nova fase. Aparecem as primeiras herbaceas, aparecem os primeiros animais domésticos, o clima adoça-se, o homem transforma-se, adere ao ambiente. Fixa-se, começa a explorar o solo, constroi as primeiras casas, cujo traçado é muito diferente do das da actualidade. Expande-se o ambiente da posse para as terras que semeou, para o abrigo que talhou. Agrupa-se. A horda cede lugar ao clan, á tribo. Estamos no princípio das sociedades organizadas e o homem que vivia a perseguir os alimentos e a ter como argumento a força começa a criar novas leis de conduta. Dos antepassados não pode assimilar mais do que lhe legaram e bem pouco foi. Continua a temer a morte, a ser perseguido pelas mesmas duvidas e os processos com que procura dissipá-las têm a mesma raiz dos dos seus ascendentes. A presença das leis implica com a dos chefes, e não há chefe de tribo ou de clan que nas suas grandes decisões não se faça acompanhar pelo feiticeiro, pelas artes da magia. Na Austrália, em muitas ilhas do Pacífico, no interior da África ainda hoje se pode avaliar, retrospectivamente, da importancia dos magos. E as suas práticas servem os mais variados fins, arrancar os males do corpo, adivinhar o ladrão de um punhado de farinha, atrair a chuva, apontar como cão danado um subdito que anda a fazer sombra ao chefe. Com o correr dos tempos a vida social ganha complexidade, organizam-se as classes, o homem alarga o ambito dos seus conhecimentos, o instinto vai cedendo lugar á inteligência, mas as interrogações permanecem. Entrega ao desconhecido, que deidifica, a explicação daquilo a que ainda não pode chegar. Cria símbolos, arranja deuses que lhe protegem as sementeiras, que o libertem dos temporais, que sejam bom augurio para as suas caçadas, que lhe dê a certeza da vitória nas batalhas.

Não nos adiantemos... nem mesmo poderiamos ir muito longe. Basta que pensemos nos rios de tinta gastos pela Humanidade para se descobrir. Começámos este artigo pensando nas interrogações do homem e apontámos os bisões das grutas de Altamira como uma das suas obras de ser insatisfeito. Quisemos falar da arte dos primitivos e falámos da vida, isto porque não conseguimos desligá-las uma da outra. A pintura, a musica, a escultura, a dança, acompanham o homem desde os tempos primitivos e não mais o largarão. Foram e continuarão a ser a expressão de um sonho que não se corporiza imediatamente. Podem vir das mãos ignoradas dos pintores murais de Altamira, do escopro de um Miguel Angelo, dos pinceis de um Portinari, de uma sonata de Beethoven, venham de onde vierem, têm atrás de si o pano de fundo da procura do homem e da luta que trava sobre a Terra para subsistir.

MANUEL DO NASCIMENTO

ORIGEM DE UMA PRAGA

Talvez muita gente não saiba de onde veio a praga portuguesa «que me melem se...».

Ora este dizer popular veio de um castigo terrível aplicado, em Espanha, aos criminosos. Eram postos nus, amarrados, ao Sol, untados com mel; as mãos eram-lhes presas, a fim de não poderem sacudir os incómodos insectos — moscas, vespas e outros. Muitos deles, ou quase todos, morriam desesperados.

Esta tortura vem da antiga Pérsia: encerravam os criminosos em caixas, deixando apenas de fora a cabeça e as mãos que untavam de leite e mel. E assim ficavam, 15 ou 20 dias, ao Sol, comendo e bebendo á força.

E' caso para se dizer, não serem mais amigos da onça... mas das moscas.

Nem só para comer...

Já falámos do valor dos legumes e suas virtudes nutritivas. Mas talvez não onheçam os mil serviços que podem prestar em casa:

AS ALCACHOFRAS — Aproveitam-se as folhas, enrolam-se, apertam-se e metem-se numa mistura de vinagre e cinza. Limpam na perfeição sobres antigos. Puxar o lustro com um pedaço de lã.

AS COUVES — Limpam os estanhos. Enrolam-se as folhas e esfregam-se com cinza os objectos. Pulir com pano de flanela.

OS ESPINAFRES — A prata brilhará depois de ser lavada com água da cozedura dos espinafres. Limpar com pano seco.

A ERVA FRESCA — Que não falta em nenhum jardim, cortada fina e estendida sobre os tapetes que queremos limpar, com a sua humidade faz juntar a sujidade. Sacudir.

AS CEBOLAS — Têm inumeras utilizações domésticas. Cortadas ao meio, tiram a ferrugem das facas; limpam o couro branco e os claros; as nódoas de gordura dos vidros e aclaram a superfície dos quadros antigos e escurecidos por muitas camadas de verniz.

AS AZEDAS — Limpam os estanhos, pratas e o alumínio. Lavá-los em água morna, enxugar, e esfregá-los com uma boa porção de azedas frescas do jardim.

A água de cozedura das azedas limpa perfeitamente as esponjas. Também os tecidos manchados de ferrugem ou nódoas de tinta.

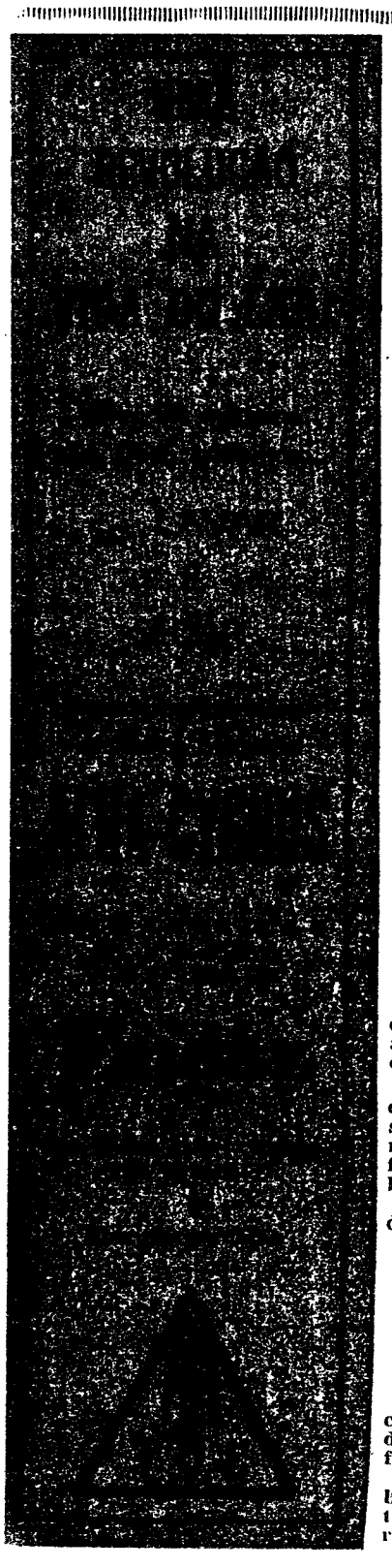
AS BATATAS — Para retirar as nódoas dos dedos, sobretudo das portas pintadas, passar, suavemente com uma batata cortada ao meio.

Para lavar as sedas e os cetins escuros e frágeis, embebê-los em água de batatas (esta água consegue-se da seguinte maneira: Deixar macerar, na água suficiente para a lavagem, as batatas descascadas, lavadas e cortadas. Esmagar, para extrair melhor o suco.

O RUIBARBO — E' uma planta medicinal, cuja água de cozedura em vazilhas de alumínio, as limpa perfeitamente.

OS TOMATES — Descobrem qualquer fuga de gás. Se aproximarmos perto do sítio que supomos deixar sair o gás, imediamente, o tomate perde a cor ao contacto com o gás.

A HERA — Não é uma planta comestível, mas não fica deslocada aqui. Para lavagem das roupas negras ou azul-marinho, preparar uma água: com dez gramas de folhas de hera, cozidas durante dois minutos, num litro de água; depois deixa-se macerar, junto ao lume, durante duas horas.



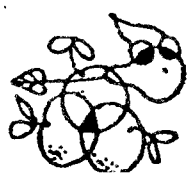
O TOMATE
é um bom laxativo

Recentes conclusões desmentem as velhas afirmações de que o tomate era pernicioso para as pessoas artríticas, que precipitavam os cálculos renais e bloqueavam as articulações dos dedos. Pelo

contrário, o tomate favorece a eliminação dos resíduos azotados e os cloretos. Posuem acção hidratante e diurética.

Consumido cru, é um bom e ligeiro laxativo.

Por esta razão, os colíticos e convalescentes de intervenções abdominais devem evitar o tomate, pois a celulose deste fruto é irritante para as paredes intestinais, frágeis. Também é desaconselhado o seu consumo, para os



doentes gástricos. A celulose e a acidez podem agravar as feridas ou espasmos gástricos.

Ma de qualquer modo, o tomate deve ser consumido bem maduro e sem pele. Também é preferível não se comerem com batatas ou farináceos, pois não combinam bem com os amiláceos.

Também se afirma que o tomate destrói o mau hálito; para isso pre-

coniza a ingestão de um bom copo de sumo deste fruto, antes das refeições.

Também há quem afirme ser um bom alimento para a pele, como tratamento de beleza. Bom e barato.

BELA FONTE DE SAÚDE
O TOMATE

Muito ricos em água, os tomates não contêm calorias. Mas pelo contrário são importantes fontes de vitaminas e sais minerais. A vitamina C encontra-se em quantidade no tomate cru. Mas a maturação tem, também, diferença. Amadurecido ao sol, contém mais 20 a 30% de vitaminas que amadurecido a sombra.

Também encontramos presentes as vitaminas do complexo B — B_1, B_2 — e as PP. Resistem á ebulição, mas muito mal aos calores secos.

Se a vitamina A se encontra ausente, o mesmo não acontece com a protavitamina A ou caroteno aparece abundantemente, como em quase todos os frutos e legumes. Ora o organismo aproveita, em certa medida, para resintetisar a vitamina completa, a partir das provitaminas.

Os sais de cálcio, de potássio e, sobretudo, de fósforo, tem um valor considerável nestes frutos preciosos.

Graças á vitamina C e B, os tomates concorrem para manter o nosso potencial de defesas anti-infecciosas e nervosas; e graças, finalmente, aos sais minerais de fácil assimilação, eles permitem-nos manter o equilíbrio dos tecidos das suas cargas eléctricas.

Na América e outros países o sumo de tomate tem um papel principal nas refeições ou mesmo fora delas. Tomado fresco ou gelado mesmo, servem de aperitivo e de refresco. Porque não seguiremos este exemplo — um tão bom exemplo?

SABA COMER

TOMATE: frescura e vitaminas

Diz-se que os Espanhois os trouxeram do Peru. Durante muitos anos se desconfiou destes maravilhosos frutos, julgando-os venenosos. Só no século XVIII, o seu uso se espalhou. E felizmente. Diz o povo que, no tempo do tomate, não há más cozinheiras. Isto diz tudo.

O tomate é um uso precioso, na culinária. Não terá talvez grandes méritos alimentares, mas é fonte de vitamina C. Além de que é fresco ao paladar.

Convém escolhe-los maduros, redondos, lisos, firmes á apalpação. Basta mergulhá-los por uns escassos minutos em água a ferver, para que se pelem fácilmente. Também assados nas brasas e pelados, são deliciosos.

Nestes dias calorentos de Verão, uma boa salada de tomate, oferece um belo aspecto e um acepipe fresco e saudável. Dão-nos vitaminas e sais minerais, auxiliam as curas de emagrecimento e purificam o organismo.

Geralmente, dá-se o nome de legumes aos tomates, por serem usados em saladas e nos cozinhados. Mas, na realidade, são frutos e como tal também podem ser consumidos.

O tomate tem inumeras aplicações, além das apontadas. Pode também ser utilizado na confecção de compotas ou sumos; pode ser conservado até ao Inverno, sob a forma de caldas e sumos.

Uma pergunta é constantemente feita, a este respeito: os aditivos de conservação são perigosos para a saude?

O suco do tomate é um meio óptimo para as culturas microbianas. Certos laboratórios usam-no para activar a proliferação dos micróbios.

Quando destinado ao consumo, o sumo do tomate, como se pode concluir por esta afirmação, deve ser preparado com extremo cuidado, a fim de evitar o desenvolvimento de germes nocivos á saude.

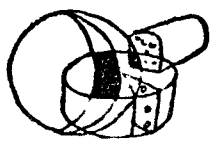
A esterilização a 120 graus, basta para destruir os germes presentes. Mas deverá ser efectuada longe do contacto com o ar, para evitar as perdas vitamínicas. A este aquecimento elevado, deve o tomate ser submetido a um arrefecimento brutal que favorece, ainda mais, a sua conservação.

Mas as vulgares preparações, infelizmente, são perigosas, pois se arriscam a fermentações perigosas. A utilização de produtos químicos de conservação é proibida em alguns países, por perigosa para a saude.

Nem sempre o TOMATE é vermelho

O que não quer dizer que não seja igualmente bom. O tom ou mesmo a cor do tomate mostra o seu grau e até forma de amadurecimento. Uma cor vermelha-viva traduz um amadurecimento a temperatura moderada de 20 a 30 graus. O vermelho alaranjado corresponde á abundancia de caroteno que se desenvolve até aos 35 graus, e portanto um amadurecimento ao sol ou num ambiente aquecido.

Mas um tomate maduro não tem



de ser, forçosamente, vermelho. Várias espécies caracterizam-se pelo desenvolver de pigmentos de tipo xantófilo (corante). Aparecem, então, de cor alaranjada e, por vezes, francamente amarela. No ponto de vista nutritivo, os tomates alaranjados contêm muita provitamina A. Estão, além disso, carregados de um oligo-elemento bastante raro — o boro.

O aperfeiçoamento das culturas deve tender, pois, á produção de espécies alaranjadas. E é para esse fim que se trabalha. E adeus, belos tomates vermelhos de hoje... passaram á história!

com TV
VOLL Automatic

* sintonia completamente automática
* comando à distância
* grande poder de captação

SABA

CONSULTE OS AGENTES DA
GENERAL ELECTRIC PORTUGUESA

MÁRIO HENRIQUES

SABE COMER
QUEM SABE ESCOLHER
nos restaurantes

BELO HORIZONTE
Rua do Arsenal, 48, 52—Tel. 30442

SOLAR BOEMIO
R. dos Correeiros, 125-129—T. 28277

A GAIVOTA
L. do Corpo Santo, 4 e 5—T. 21588

FLOR DE SÃO PAULO
Rua de São Paulo, 96, 98—Tel. 28017

TODAS AS VANTAGENS
DA COZINHA CASEIRA
e dum serviço rápido e económico

GANHE 100$00

com um sorriso nos lábios

A «GORJETA», segundo o vencedor desta semana, é um acontecimento em dois actos: o primeiro é de tragédia, o segundo é de comédia. Lembrando-se do primeiro (e talvez sob influência do calor) os concorrentes tiveram sorrisos muito amarelos...

Diz o vencedor desta semana, o sr. José dos Santos Leitão (Loureiro de Cima) que

Gorjeta é uma anedota que só faz rir aqueles a quem se destina. Os «outros» choram.

Parece uma máxima de Salomão e bem merece a «centenária». No entanto devo esclarecer que a anedota nem sempre faz rir aqueles a quem se destina. Uma vez, senhora minha conhecida foi levar ao hospital um miudito pobre. Havia dificuldades para o seu internamento, mas a senhora era (e é) bonita e um jovem vestido de branco esforçou-se por ajudá-la, e de forma encantadora. Mostrou-se tão serviçal que a senhora, julgando-o enfermeiro, deu-lhe á despedida, uma moedazinha de 5 escudos. O sujeito fez-se vermelho e a senhora, repetindo uma frase que já ouvira muitas vezes aplicar a propósito, tranquilizou-o dizendo-lhe que era para uma cerveja, que não tinha importancia nenhuma. O sujeito passou a rubro e quase chorava.

Daí a uns cinco minutos, quando tratava ainda do internamento do miúdo, veio-lhe uma criada, com ar muito cumplice, segredar que o «senhor doutor» sempre tinha conseguido que a criança ficasse.

— Qual senhor doutor?—admirou-se a senhora.

A criada tomou um ar ainda mais cumplice e deu a entender que para cá vinhas tu de carrinho:

—Ora qual havia de ser... Aquele que andou ainda agora com a senhora.

Esta desgraça parece mesmo que se passou com o sr. Fernando Gameiro Leitão (de Lisboa) que julgou a gorjeta desta severíssima maneira:

— E' um dinheiro que avilta duas mãos: a que dá e a que recebe.

Naturalmente por isso, é que há tanto maneta. O sr. Julio Meca mostra-se muito mais optimista.

— Gorjeta é uma coisa que resolve muitas dificuldades em certas repartições publicas.

E até nas repartições privadas. Aliás, nas primeiras, o verdadeiro nome seria «emolumentos de velocidade».

O sr. José Pereira da Guia (Santarém) quis tornar a gorjeta um fenómeno familiar, o que é uma agradável intenção:

Gorjeta — diz — é o parente pobre da rica família das gratificações.

A sr.ª D. Maria do Rosário Villa (Lisboa) referiu a reflexão filosófica. Depois de meditar confessa que

Gorjeta — é quase sempre um meio para mais depressa se alcançar um fim.

A's vezes não é «um» meio, é um «par» de meias.

O sr. Silvestre Gaudêncio, de Unhais da Serra, vai mesmo mais longe que o «par de meias». Para ele

Gorjeta é o salvo-conduto de um e o conduto para outros.

Lá diz o poeta Aleixo:

— Dez escudos em meios [tostões
Dão para duzentos pobres

O sr. E. Lass (de Coimbra, como é do conhecimento dos leitores habituais, pois nunca falha) afirma que

— Gorjeta é uma espécie de «taxa de velocidade».

Pode completar: e uma gazua para abrir portas enferrujadas.

O sr. Rollin de Macedo, hoje, distanciou-se mais da «centenária» que esteve quase ao seu alcance.

Sabe? Tristezas não pagam dívidas.

Diz este nosso leitor que

Gorjeta é o nome dado ao dinheiro que vai além daquele que diz respeito ao valor real duma despesa.

A coisa saiu um bocado complicada. Mas não se incomode: o que é preciso é que fiquem os dedos.

O sr. Luís Gabriel Barros Salazar (de Mirandela) é muito metafónico. Vejamos:

Gorjeta é uma praga que devia ser extinta pelo DDT da recusa.

O «DDT da recusa» faz-me (com a devida vénia) lembrar aquela senhora que ao falar em «pescadinha de rabo na boca», adoçava sempre a designação. Dizia:

Pescadinha de cauda nos lábios.

O sr. Amílcar Martins Theios (ou tem-nos?), de Lisboa, envia-nos uma máxima de bastante categoria:

Gorjeta é o preço do favor da amabilidade.

Ou, em linguagem cinematográfica:

— O salário da amabilidade.

O sr. António Augusto Pratas (Lisboa) transformou a gorjeta numa epidemia ao garantir que é

Um substantivo que se conjuga com o tempo do verbo «Todos nós damos».

Todos, não: Já vimos que o sr. Luís Salazar usa o «DDT da recusa» e que o sr. Fernando Leitão transformou em manetas todos os que a praticam.

O sr. Miguel de França Martins (Oliveira do Bairro) considera que

Gorjeta é a esperança no futuro.

Eu preferiria dizer que era a esperança no... condicional: eu compraria tal e tal se me dessem (etc.).

E fiquemos por aqui.

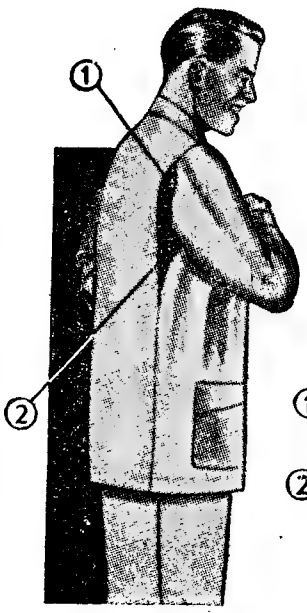
Para a semana apresenta-se a palavra

MANTEIGA

que, espero, não merecerá o «DDT da recusa».

As respostas devem estar em «Magazine», Rua Luz Soriano, 44 a 48, Lisboa, até ao próximo dia 24 de Julho.

Denovo à frente!



O NOVO* PIJAMA PRIMAZ

Concebido no interesse de quem o usa, oferece 2 vantagens principais:

① Permite que os braços se movimentem livremente.

② Evita os habituais rasgões nas costas.

Portanto:

MAIOR COMODIDADE
MAIOR DURAÇÃO

* Patente registada

CAMISARIA PRIMAZ
ROSSIO, 115

Também em pijamas, a PRIMAZ sabe o que faz!

bah! Lá estava ele, o grande cínico, parecia um lago sem fundo, brilhante como os olhos baços duma lebre morta, traiçoeiro, o vagabundo, que as suas águas pareciam lâminas de sangue cinzento coagulado, cheio de limos para prender a vida dos homens, o baboso.

A tarde morria e o sol, que aqui era menos vivo, abalava, naturalmente para se deitar lá longe, na folhagem mansa dalgum chaparro de grande copa. E quando o Sol tinha sono e fechava os olhos, a Natureza envergonhava-se e atirava para o ar o perfume das flores, o perfume quente da terra inteira e era mais que certo que os homens do Sul cantavam os seus soberbos versos de mágoa, em louvor da esperança. O som das canções aquietava o infortúnio das jornas e uma grande ideia, feita de desespero e de humildade, desenhava-se na alma quente dos camponeses...

Voltou-se. Olhou o relógio: quase sete horas e a casa não ficava perto... Correu para a «paragem» e meteu-se no primeiro «eléctrico». Mais vinte minutos e chegaria ao Páteo. Sentou-se num lugar vago, perto de uma janela, e semi-cerrou os olhos. Uma espécie de cansaço tomava-lhe o corpo. Fez por esquecer tudo o que até ali o tinha empolgado. No fim da zona, desceu. Tinha ainda de palmilhar mais de um quilómetro a pé. Encostou-se ao «passeio» e foi andando, com a lancheira a bater-lhe nas pernas e uma ideia a crescer-lhe, tumultuosa, na cabeça: «Se não tivesse seara, alugava a belga prás pastagens e consertava-se num «Monte». Era o pior que lhe poderia acontecer... Na cidade, até o pão sabia a sêmeas e a carne pouco sabor tinha...».

Mal chegara à estrada, um garoto gritou-lhe:

— Olhe! Pst! Meu senhor! A sua mulher está doente!...

— Mulher?... Não é minha mulher, é minha irmã, rapaz!

Estugou os passos, apreensivo, com o coração a bater, desordenado. Correu para o Páteo. A sua casa tinha as portas escancaradas, ouviam-se vozes, um choro miudinho. Ficou no limiar, anavalhado de miséria. Lá dentro encontravam-se duas vizinhas. Uma delas dirigiu-se-lhe e confessou:

— A sua irmã veio para a rua, a chorar. Não quis entrar em casa, enquanto o senhor não chegasse, tinha medo. Deu-lhe um ataque de nervos, calcule...

— Maria Jacinta! — chamou o irmão, alarmado.

Tóino!... — murmurou a moça, que estava muito pálida, sentada numa cadeira

— O que é isso, Bia?! — O que tens tu, Bia?!...

— Já estou boa, não é nada...

— Alguma coisa é, rapariga... Como te sentes, Bia?...

— Bem...

A vizinha aquecera um chá e dera-lho a beber. António Moreno aproximou-se, ainda entorpecido de espanto, embrulhado na sua angústia. As vizinhas desviaram-se. A que se lhe tinha dirigido há pouco, explicou o que se tinha passado:

— Sabe, a sua mana estava assustada. O vizinho hoje demorou-se e ela pensou que tivesse tido algum desastre. Já queria telefonar para a Polícia e para o hospital. Quis ir falar com o primo...

Os pobres ajudam-se sempre uns aos outros. Maria Jacinta soergueu-se da cadeira e agradeceu a hospitalidade das duas mulheres:

— Já estou boa...

De fora, um homem gritou:

— Beatriz!

lente rapaz, vivo e simpático. Agora, escrevera-lhe uma carta muito comprida, com as folhas todas cheias. A Sabina, coitada, logo ao fim de um ano de casada, já parira um filho... E o Zé Bento dizia que a Sabina gostava que a Maria Jacinta mais o seu irmão Tóino Moreno é que fossem os padrinhos...

Ora a gaita! A desafiarem-na... Uma nova onda de saudade a tomá-la, enchendo-a de nervos...

Quando o mano chegava, não podia mais e punha-se a desabafar a sua tristeza, pedindo-lhe para regressarem á vila.

—Eu ajudo-te, Tóino, eu não gosto da cidade! A gente daqui tem outros modos. O Zé Bento escreveu-me... — mostrou-lhe a carta.

E ele, para a entreter, trazia-lhe notícias frescas da cidade barulhenta. Punha-se-lhe a narrar o que via e ouvia no carro «eléctrico», rapazes espertos e ladinos, que falavam de trabalho e de futebol, um homem que batera numa mulher á vista de toda a gente, o cobrador que chamou um polícia porque um sujeito bêbado ia a provocar desacatos, metendo-se, com as senhoras, o pilha. Um automobilista atropelou uma criança e fugiu, não quis levá-lo ao hospital. Tiraram-lhe o numero e deram-no a um sargento que foi telefonar para uma esquadra.

Nas obras, pouca labuta tinha. Era só assentar o nome dos pedreiros e dos serventes e guardar a casa dos materiais, durante o dia. Os pedreiros e os serventes falavam mal, cuspiam no chão, bebiam muito vinho... Outros, quase não podiam com o tabuleiro da cal, doentes e tristes... O primo Augusto é que se fartava de dar ordens, ora a subir as escadinhas de madeira, a gritar para os mestres, «atão quando se acaba a conversa, Carlos?!», ora a ver desenhos, muito concentrado, na companhia de um engenheiro, que era seu sócio nas construções dos edifícios. Aborrecia-se, isso era verdade. Faltava-lhe qualquer coisa... Era um ofício muito maçador. Quando um homem tinha um acidente, mandavam-no para a companhia de seguros e depois o homem queixava-se que mal ganhava para comer... Não estava acostumado áqueles preparos. Havia muito fingimento, muita pressa. A vida na cidade tinha coisas deveras estranhas...

Uma vez, António veio contar que ao rés de um prédio existia a sede de uma Sociedade Filarmónica. No intervalo do almoço, pediu ao contínuo para ver a sala. Comparou-a com a da sua vila. A da cidade, nem instrumentos tinha, carago! A Sociedade estava para encerrar as portas por falta de sócios. Um maduro subia as escadas aí pelas dez da manhã, um homem redondo e atarracado, com cara de sacristão, e todo o santo dia se punha a ensaiar «solos» de flauta, esquecendo-se das pausas. Tinha vontade, mas faltava-lhe o jeito...

Rapazes quase na idade da tropa, passavam o tempo metidos nos «cafés», bem engravatados, como os filhos dos lavradores, quando iam de férias à vila — ou, então, punham-se às esquinas, à espera que saissem as raparigas das lojas. Encontravam-se tabernas por uma pá velha, porta sim, porta não, na grande cidade. O carro «eléctrico», numa zona do percurso, parava numa praça. Ao fundo da praça, para lá dum estendal de barracas de obras, estendia-se a vastidão cinzenta do mar. Na distância, deslisavam navios, fumegando, alguns apitavam, outros tinham velas e pareciam brinquedos a navegar nas águas inquietas. Ao princípio, aquilo era muito bonito, vinham as ondas, cuspiam na areia negra, beijavam o cais. Homenzinhos pescavam irozes ao rés dos muros, com toscas canas. Mulheres corriam, descalças, com canastras à cabeça. Mas havia qualquer coisa de horrível no meio daquela

AS PRIMEIRAS VOLTAS FORAM RE... VOLTAS

Naturalmente, o leitor já não considera novidade nenhuma esta notícia: que a Volta á França em bicicleta começou em Junho de 1903. Também para mim não é nenhuma novidade. Agora o que o leitor não sabe é que a «Volta» nasceu da rivalidade de dois jornais desportivos, caiu como a sopa no mel nas ambições dos fabricantes de bicicletas e... o resto já sabe: tornou-se uma doença das multidões.

À ESQUERDA OU À DIREITA?

Na primeira «Volta» deram-se saborosos erros de percurso. Perto de Nimes o pelotão estaca numa encruzilhada. Por onde devemos seguir? — pergunta Garin. À esquerda?

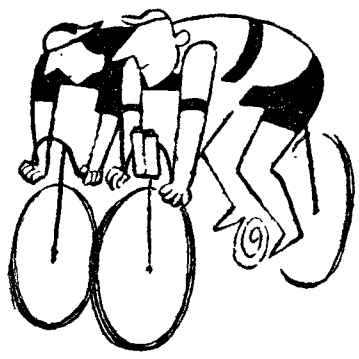
— À direita! — afirma um corredor local.

E o pelotão arremessa-se na direcção indicada e só basto tarde é que se apercebeu do erro.

EM ROMA, SÊ ROMANO...

Mas surgiram os conflitos piores. O facciosismo regional provoca hilariantes incidentes: se ao fim de cada etapa não vencia o corredor favorito lá da terra ou da região — havia sarrabulho. A cidade de Lens protestou porque Aucouturier triunfou em duas etapas seguidas; foi porém, «o fim do mundo» quando o ciclista não ganhou a etapa da sua região, com terminus em Commentry. Disse-se mesmo que eles foram... envenenado. As coisas não se faziam por menos...

Várias outras cidades se consideraram gravemente ofendidas na sua honestidade por o «seu» corredor não ter vencido uma etapa; os belgas e os suíços juram vingança pelo facto dos seus compatriotas ocuparem lugares secundários: e, para terminar, a chegada dos ciclistas ao Parc des Princes, foi uma autêntica batalha campal em que ficaram feridos vários ciclistas.



MATA!...

No ano seguinte, em 1904, o entusiasmo redobrou de furia. Para que o leitor se habitue ás emoções vamos dizer que a «Volta» deste ano se chamou a «Volta Sangrenta». Os partidários do ciclista f'aure decidiram liquidar pura e simplesmente os rivais do seu favorito.

E' preciso esclarecer que havia etapas nocturnas. Pois ás três da madrugada os «fauristas» organizaram, junto de Saint-Etienne, um «arraial» de pancadaria em honra dos adversários de Faure. O grito de saudação desportiva era:

— Mata! Mata!

E a multidão caiu em peso sobre os infelizes, produzindo graves ferimentos a alguns. Faure foi desclassificado. Quanto aos «benfeitores», só dispersaram a tiros de revólver.

Em Nimes, novo acto dramático. Payan, natural da região, ao ser desclassificado quando ia a reboque duns adeptos, alertou os membros do Velo-Clube de Alés (a sua terra) os quais acorreram em massa, provocando nova e desportiva manifestação de guerra de guerrilhas; dois ciclistas refugiam-se numa loja; o céu encheu-se de propecteis familiares — garrafas, pneus, pedras, etc.—e a paz só foi restabelecida com a presença da tropa.

Os processos de intervenção do o adepto dos semeadores estava no Em 1906 a «Volta» foi até Métis,

ÉTAPA FRANCESA E... PREGOS

Todos estes incidentes estiveram a pontos de acabar com a Volta; mas era um negócio chorudo e os organizadores e interessados resolveram apenas acabar com as etapas nocturnas.

Os processos de intervenção do respeitável publico também evoluiram. Fazia-se, por exemplo, a partir dum ponto assinalado, uma sementeira de pregos do lado direito da estrada; a seguir, a sementeira fazia-se do lado esquerdo. Como só o adepto dos semeadores estava no conhecimento da proeza, era ele o unico a livrar-se dos furos.

Outro *benemérito* processo: desaparafusar a roda da frente á bicicleta dum ciclista «inimigo»...

Em 1906 a «Volta» foi até Métis, cidade Lorena então na posse dos alemães. Os patriotas lorenos organizaram uma extaordinária manifestação francesa; cantou-se a *Marselhesa* e a *Sambre-et-Meuse*. Claro que não se voltou a Métis a não ser na triunfal etapa de 1919.

A MORTE POR CORRESPONDÊNCIA

Em 1930 surgiu a modalidade das equipas nacionais, o que não evita as gostosas bernardas do passado. Em Charleville o italiano Guerra,

excitado por um partidário, assenta um sopapo no francês Charles Pélissier, que responde com um nutritivo soco. Ante um aperitivo deste género, a refeição generalizou-se.

O vencedor do ano foi precisamente o Pelissier que recebeu de Itália uma astronómica remessa de cartas com ameaças de morte. A paz, todavia, voltou a reinar com um enternecedor abraço entre os dois antagonistas. E, assim, se rasgaram melhores tempos desportivos para a «Volta». Estavam acabadas as grandes re...voltas.

Há 183 anos nasceu a navegação a vapor

(Continuação da 2.ª página)

não teve melhor acolhimento: uma explosão vitimou os ministros dos Estrangeiros e da Marinha, convidados a assistir.

Acerca da construção de navios em ferro — um dos grandes saltos técnicos na construção naval — Thiers, o progressivo Thiers, afirmava peremptóriamente que «isso era impossível», e o nosso conhecido Lamartine procurava demonstrar ao Parlamento da França que «o fogo é mil vezes mais caro que o vento que Deus oferece grátis a todas as velas».

Agua e fogo não devem unir-se. Deus as separou e será terrível pecado alguém juntá-las contra a vontade divina». — Eram estas a vozes fanáticas que se levantavam na época contra a navegação a vapor — segundo nos conta Vítor Hugo em «Homens do Mar».

JOAQUIM CAMPINO

ÚLTIMAS NOVIDADES DE LIVROS DO BRASIL, LDA.

Agua-Mãe
Mais um grande romance

leia
(não pode deixar de ler)

Agua-Mãe
de JOSÉ LINS DO REGO

paisagem. O coração batia-lhe mais forte, quando passavam as gaivotas. Os pássaros pareciam pombos bravos, aos bandos, grasnindo, e iam poisar no telhado da estação marítima, ou mergulhavam nas águas à procura de peixes. É que, na sua fértil imaginação, descobria, agora melhor do que nunca, que as terras da sua terra podiam pisar-se sem perigo, um homem respirava o bom ar, olhava para a frente, olhava para trás, entretinha-se a ver as aves na Primavera, encasaladas. Mas as searas estiolavam-se ao sol, ou perdiam-se, com as enxurradas... Era quase a mesma coisa que acontecia com o mar... Contara-lhe um compadre que andara nos barcos e conhecia muito mundo, que os pescadores, quando vinha o Inverno, mal se aventuravam na largueza dos oceanos. Os mais afoitos iam e não voltavam. Morriam afogados, para não morrerem de fome... Por isso ele pensava, lá nas suas, que os pescadores e os camponeses, eram irmãos na mesma incerteza e desventura... Em todo o lado era mundo, mas no peito dos pobres, nascia todos os dias uma força que lhes traçava um destino na vida: a vocação duma perpétua lealdade. Não se esquecia da sua vila, como também não se esquecia da memória dos seus pais, gente de bem, nem dos amigos, que uma pessoa consola-se em ter amigos, conho!, nem do Largo, nem da Sociedade Musical. Por qualquer coisa, essa verdade existia. O alentejano só larga a terra quando lhe atiram tiros de desgraça, quando a fome lhe roe a paciência, quando o perseguem loucas aventuras... As cegonhas, todos os anos, vinham fazer o ninho à mesma árvore. Os perús morriam de esmorecimento, quando os mudavam dos montes para uma capoeira sem luz. As oliveiras murchavam, quando as transplantavam dum sítio perdido, para um quintal sem vento. A caminhada dos homens crescia de tamanho, quando os retiravam da charneca para lhes oferecer o luxo escusado da vida airada duma cidade barulhenta.

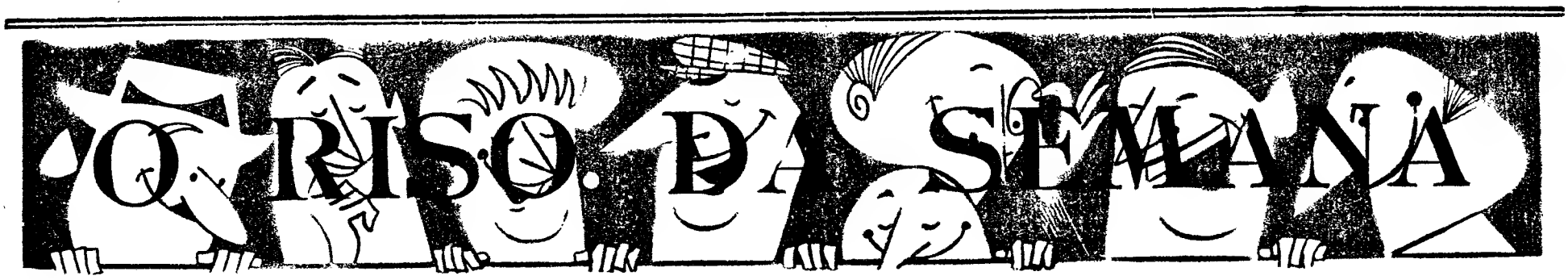
António Moreno punha as mãos na cabeça, no meio da sua desorientação. Que fazer? Mais uma vez se deitava na cama, sem dormir. Nada confessava à irmã, para a poupar, mas o limite da sua resistência quebrava-se. Seria isto falta de valentia? O primo Augusto tratava-o como a um filho, estava satisfeito com ele, animava-o, punha-se-lhe a contar histórias duma cidade bonita: «Aqui há médicos com fartura, dizia, para nos valer numa doença, há lojas com muita variedade de objectos para enfeitar uma casa, cinema para entreter uma alma, ruas para espairecer a vista e encantar a mocidade, que mais queres? Pensa bem, rapaz, estou a adivinhar que te queres ir embora »

A resposta que dera ao primo, fora um sorriso demorado, um sorriso só de lábios fechados, perfeitamente confesso.

Mas nada disso o deslumbrava. Os antigos possuiam outros dons, aqueciam-se a outras fantasias, tinham palavra, era gente sã, feita de um outro barro. O sangue, os feitios e a coragem eram outros. Prevalecia a honradez, mais que o desleixo e a tradição. Nas alegrias e nas desditas quem era capaz, noutros tempos, de ficar parado, quando a dor e a desgraça batiam á porta de um amigo?

Não, a sua vida, e a da irmã, não se adaptavam a estas novas leis e só estariam salvas, no meio da gente da sua igualha, que os estimava e conhecia. Tudo na cidade cheirava a pó e a óleos queimados, só se ouviam os motores dos carros, tudo era apressado, como se os homens pensassem sòmente em comer, beber, passear e gozar todos os minutos da existência, para se convencer que viviam...

O mar! Tanto que falavam no mar nas vilas e aldeias do Sul e, afinal,



IR PARA FORA

Ah! ir para fora! Ah! Veranear! Ir para férias?

Vai-se para fora para descansar ao fim de um ano de trabalho, mas ainda mais para que a vizinhança e as pessoas amigas — e muito mais as inimigas — que não podem fazer o mesmo, se mordam de inveja ao ver as janelas fechadas e resmunguem despeitadas:

— Estão p'ra fora!... foram p'ra a quinta!... Estão p'ra o estrangeiro

Ai a bílis que se distila!

E ás vezes ir para fora é um sacrifício bem duro. É trocar uma boa casa com todas as comodidades modernas por uma barraca sem ar e sem luz, sem casa de banho, muitas vezes sem W. C. só para dizer que se foi dar á pluma e pasto ás moscas criadas nas fossas.

Ir para fora nestas condições é realmente ir para fora... de todas as comodidades!

Ir para fora é um luxo, é um lugar comum da vida moderna, balofa e toda feita de aparências.

Vai-se para fora como certas pessoas vão aos concertos: porque os outros também vão. Maria vai com as outras.

Há chefes de família para quem o descanso de umas férias é o período de mais intenso trabalho de todo o ano. A família está nas berças e ele no escritório como todos os dias do ano, para, ao fim da tarde, ir a correr para o comboio ou para a camioneta, carregado de embrulhos, com o casaco da Milocas no braço, com a caixa dos sapatos novos da D. Perpétua a tiracolo, com o gelo comprado na leitaria a escorrer pelos buracos do saco de plástico que se rompeu e o cartucho de papel pardo a semear cerejas pelo caminho, porque lá fora, claro, há bom ar e boas sombras mas não há fruta, que, essa, vem toda para Lisboa, que a paga por bom preço. E tudo isto com a única consolação de algumas horas transquilas e mais á-vontade com a sua mais-que-tudo

Quanto a nós a melhor forma de ir para fora ainda é ficar cá dentro, no remanso da nossa casa, com 50 % de vizinhos a menos, com a telefonia a dar uns faduchos, com o frigorífico a dar gelo a toda a hora, sem pedir licença ao boletim meteorológico, o merceeiro a fornecer comezainas só porque se lhe bate palmas á janela e um bom cinema com ar refrigerado nos dias de canícula, que não há Suiças, nem Bóreas, nem Éolos que lhes cheguem.

Não ouvimos é certo o marulhar das ondas na praia, nem o doce sussurro da brisa nos pinhais, mas temos aquele delicioso zumbido do esquentador de gás enquanto a água tépida corre para a banheira. E se não temos o balsamico odor das flores do campo, não nos faltará o suave perfume de um bom sabonete inglês. E tudo sem poeiras e sem moscas!

Proclamemos, pois, Lisboa a verdadeira, a maravilhosa, a unica terra onde se pode passar o Verão. Isto, sim, isto é que é província.

E tudo o mais são boatos.

ALFREDO FRANÇA

Um falso médico

— Eu sou apenas um enfermeiro mas gosto tanto da cirurgia...

O olho negro

O miudo apareceu em casa com um olho negro e, quando o pai lhe perguntou se ele não tinha reagido, respondeu todo vaidoso:

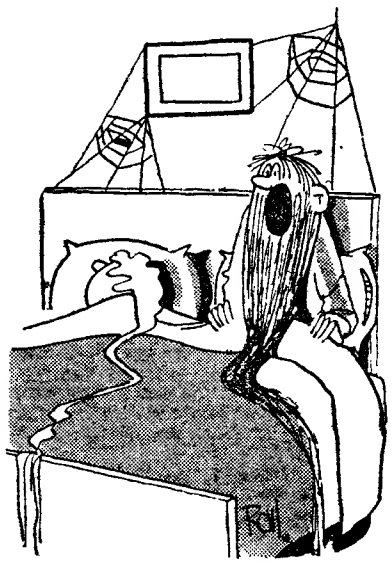
— Sim, senhor, até reagi antes dele!

Entre namorados

— Um beijo meu faz com que tu desejes outro?

— Sim, querido, mas o outro infelizmente está muito longe, em Africa.

Grande sono



— Hoje acordámos muito tarde!

O chapéu da amiga

— Ai, filha, que horroroso chapéu que tu tens. Que tinhas tu na cabeça quando compraste isso?

— Nada.

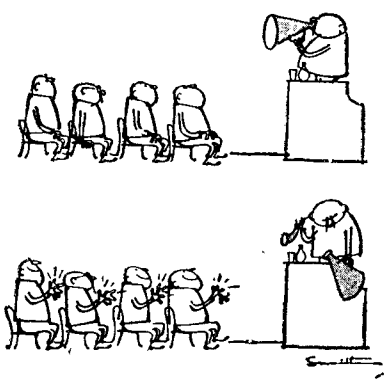
Que amor de mulher

O marido era muito distraído e um dia meteu na boca o lado aceso do charuto.

Gritou, berrou, vociferou até que acudiu a mulher:

— Ai! filho, que grande sorte que tu tiveste! Que sorte não teres engolido o charuto...

SEM PALAVRAS



VINTE MIL CONTOS PARA A O. N. U.

FAYETTEVILLE (Arkansas), 9 — Uma celibataria, de 47 anos, Beulah Edge, falecida no dia 3, deixou em testamento uma herança avaliada no equivalente a cerca de 20 mil contos ás Nações Unidas, para promoverem «a paz universal na Terra e a boa vontade entre os homens»

Uma dama solteirona
Deixou ás Nações Unidas
Uns milhões de que era dona
E a que a O. N. U. tenciona
Dar as melhores saídas ..

Que a O. N. U. não precisava
Que lhe dessem um vintém
Porque bem se governava
Co'aquilo que traz na algava
Sem pedir nada a ninguém.

Madurezas de uma dama
Sem jeito p'ra o casamento
Que disfarçou o seu drama
Co'a doutrina que proclama
No singular testamento.

Quer a Paz entre as nações
E quer a boa vontade
De todos os marmanjões
Que não teve a habilidade
De atrair co'os seus milhões

Ora, com tanto dinheiro,
E sem nenhum alarido
Não arranjava um parceiro
Para ser o seu herdeiro,
Chamado embora marido?!...

A. F.

Critério agrícola

O alentejano foi ao Estoril e vendo passar aquela senhora toda pintada — unhas pintadas, cabelo oxigenado, cara com rouge e uns lábios acrescentados a batom — teve este comentário:

— Deve ser terra muito ordinária para precisar de tanto adubo.

A verdade dos provérbios

Ao menino e ao borracho põe-lhe Deus a mão por baixo, mas só Deus, porque ninguém mais tem poder para evitar um desacato.

*

Quem mais jura mais mente e está sempre garantido.

*

Grande nau, grande tormenta, mas as pequenas vão mais para o fundo.

*

Quem se matá morre cedo, excepto se se matar depois dos oitenta.

*

A mulher como a sardinha da mais pequenina porque gasta menos fazenda.

*

Mulher doente, mulher para sempre gastar dinheiro.

Bandas de mulheres

No Canadá são muito vulgares as bandas de mulheres e aqui também as podia haver. A tocar são como na vida prática. Gostam de tocar todas ao mesmo tempo.

FANTASMAS

— Andamos a «reinar» — eu sou o Rei do Petróleo!

A nossa língua

— É de o ou de u o som de o?

— É de o ou de u.

Pressentimento certo

— Tenho a impressão que estamos a ser seguidas.

Perguntar por perguntar

Podem tirar-se coisas a limpo numa casa muito suja?

No ultimo quartel da vida há soldados?

Quando a chuva cai a potes os potes não se quebram?

Quando alguém dá o braço a torcer doi-lhe?

Se a mais curta distancia entre dois pontos é a linha recta, porque é que as Escadinhas de Santa Justa — cujos degraus não são em linha recta — são a mais curta distancia entre a Rua do Carmo e a Rua do Ouro?

Com que vassoura é que as coisas se varrem da memória?

As pessoas muito finas podem engordar?

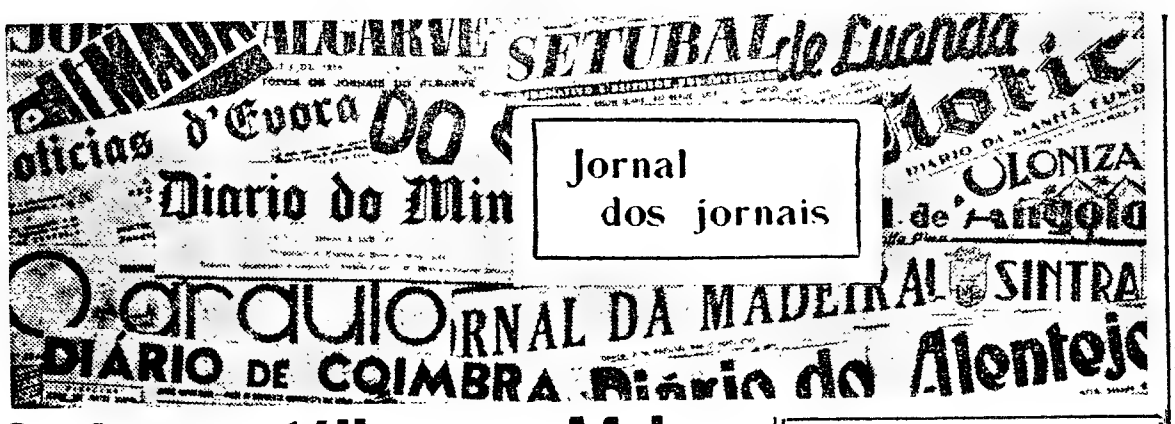
Um cordoeiro também pode dizer que mais vale quebrar que torcer?

Pode apanhar-se um espirro que foge?

Se a palavra é de prata e o silêncio é de oiro para que diabo é que são as emissoras?

ECONOMIA

— E olha que para poupar não vim de taxi!



O clero católico em Africa

A Agência Missionária «Fides» indica que na data de 30 de Junho de 1957, o numero dos padres que trabalham nos territórios africanos e dependentes da Congregação da Propaganda da Fé atingiam a cifra de 11.199, assim distribuidos conforme a sua nacionalidade. 2.197 franceses; 2.159 belgas; 1.811 africanos; 1.149 irlandeses e 1.136 holandeses. Vêm depois os subditos de 27 outras nações.

Quanto á distribuição destes padres pelas várias regiões da Africa, é a parte central deste Continente que possui maior numero: 3.887. Vem em seguida a Africa Oriental com 2.170, seguida de perto pela Africa Ocidental com 2.031. Por ultimo as ilhas da Africa aparecem-nos com algumas centenas e a Africa do Norte com 701.

Os bispos de raça africana são em numero de 22 e os de raça branca nascidos em território africano em numero de 7. A falange do clero regular é superior á do clero secular. Este ultimo conta 1.879 membros na Africa. Os 9.320 religiosos distribuem-se da seguinte forma: Padres brancos, 1.643; espiritanos, 1.357; Sociedade das Missões Africanas, 657; jesuítas, 575, oblatos de Maria, 545; scheutistas, 529. Os outros pertencem a 63 famílias religiosas diferentes.

(O Apostolado, *de Luanda*)

O avô pretende
achar a bota

Esta Lourenço Marques realmente, apresenta-nos, por vezes, detalhes curiosos, que, regra geral, trazemos a publico.

Ora imagine o leitor que um neto, de 3 anos, saíu á rua, ostentando umas botas de cabedal, com as quais o avô se mascarara há nada menos do que 51 anos.

Alheio a reminiscências do passado, o pequeno lembrou-se de perder uma das botas na cidade alta.

Para que o antepassado, que é pessoa nossa amiga, não se veja despojado da recordação do Entrudo de 1908, quem tiver encontrado a bota... pode avisar a redacção do «Notícias», que nós transmitiremos a boa nova ao interessado.

(«Notícias», de Lourenço Marques).

Atenção
à febre aftosa

Grassa com alguma intensidade, nos efectivos pecuários do nosso distrito, esta moléstia contagiosa designada vulgarmente por «pezunho».

As entidades sanitárias competentes, com o objectivo de impedir o alastramento da epizootia, determinaram a suspensão de feiras e mercados de gado bovino, ovino, caprino e suíno nos concelhos de Arronches, Castelo de Vide, Elvas, Fronteira, Monforte e Portalegre.

Idêntica medida sanitária foi agora adoptada para os concelhos de Alter do Chão, Crato, Gavião, Marvão, Nisa e Ponte de Sor, pelo que já não terá realização a feira de gados de Alpalhão, fixada para o próximo dia 15 do corrente mês.

Todos os casos suspeitos de febre aftosa deverão ser imediatamente comunicados quer ás autoridades veterinárias concelhias, quer ás Intendências de Pecuária de Elvas e Portalegre. Entretanto, deverá assegurar-se o rigoroso isolamento dos efectivos infectados ou suspeitos.

(*A Rabeca*, de Portalegre)

Um banho
que durou três meses não inutilizou as notas do Banco

Conta-nos o nosso estimado correspondente em Penacova, que há cerca de três meses, na ocasião em que andava á pesca de enguias, na margem direita do Rio Mondego, em frente da povoação de Vila Nova, um conhecido solicitador desta cidade, deu pela falta da carteira, em que guardava importancia superior a 3.000$00.

De princípio, chegou a supor-se que a carteira referida tinha sido roubada, mas as investigações levadas a cabo para aclarar o caso, não deram qualquer resultado.

Ora na semana finda, quando tomavam banho, próximo daquele local, Mário Carvalheira Marques, de 15 anos, e António da Cruz, de 16, moradores no lugar da Ponte, mesmo sem o auxílio de escafandro, «pescaram» no fundo do rio, a importancia de 3.000$00, distribuida em notas de 500$00 e 100$00.

E' certo que estavam bastante deterioradas por efeito da acção da água. Mas parece que, a despeito disso, serão ou já foram aproveitadas na sua totalidade.

Os referidos rapazes, fizeram imediatamente chegar ás mãos do secretário da Junta de Freguesia, sr. Augusto Pedro Amaral, as notas recolhidas do fundo do rio, e este, por sua vez, comunicou o caso ao presidente da citada Junta, que logo entrou em contacto com o solicitador acima referido, dando-lhe conta do que acontecera, pois se recordava ainda do desaparecimento da carteira.

Se é digna de registo a atitude dos dois rapazes, pela forma honesta como agiram, não o deixa de ser também a sorte do solicitador a quem o dinheiro pertencia, pois julgando-o já perdido, viu que lhe chegava ás mãos, ainda em condições de ser aproveitado, depois de um banho que durou três meses — tempo mais que suficiente para reduzir as notas do Banco á expressão mais simples.

Frise-se também, porque é justo fazê-lo, a boa qualidade do papel utilizado pela Casa da Moeda para a estampagem desses valores...

(«Diário de Coimbra», de Coimbra)

A Ermida de Nossa Senhora dos Mártires
vai ser considerada Monumento Naciona

Na sua ultima visita a Silves, o arquitecto sr. Rui Couto, da Direcção-Geral dos Monumentos Nacionais, confirmou a decisão há muito esperada daquele Departamento do Estado, considerar como Monumento Nacional a velha Ermida de Nossa Senhora dos Mártires, em Silves.

Foi reconhecido valor arquitectónico e antiguidade á pequena Ermida, com características da época medieval.

Segundo fomos informados, o arquitecto sr. Rui Couto, que muito apreciou a Ermida vai estudar a sua restauração na traça primitiva.

(*Voz do Sul*, de Silves)

Indústria Corticeira

Toda a gente sabe que a industria corticeira atravessa grave crise, porque os mercados estrangeiros compradores continuam a retrair-se nas compras e mantêm preços baixos que não animam os industriais portugueses.

Todavia, apesar da manifesta crise, e sem qualquer razão que o justifique, há quem se apresse a oferecer elevados preços por cortiça que ainda está na árvore provocando uma alta que não poderá deixar de ser ruinosa e de graves consequências.

O mais estranho é que se verifica este disparate num ano em que não deveria haver pressas, visto que a produção é abundante.

Há vários caminhos para se chegar ao Hospital Julio de Matos...

(*Voz do Sul*, de Silves)

Transportes colectivos em Evora

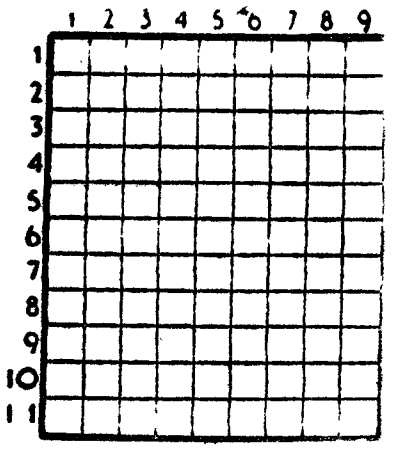
A Camara Municipal de Evora continua a aguardar que sejam aprovados pela Direcção-Geral dos Serviços Terrestres, os horários e as tarifas dos serviços de transportes colectivos urbanos na nossa cidade.

Os dois autocarros para estes serviços também ainda não foram entregues pela firma fornecedora o que se espera que seja dentro da segunda quinzena do corrente mês.

Saber esperar é uma virtude!...

(*Notícias*, de Evora)

Palavras cruzadas
NOVA MODALIDADE
Problema n.º 3707



HORIZONTAIS: 1 — O imperador da China na Idade Média. Respeita. 2 — Poesias. Brenha. 3 — Outra vez. Preposição. 4 — Batráquio. Voltara. 5 — Preposição e artigo. Impio. 6 — Pronome pessoal. Chefe abissínio. 7 — Nome de um rei da dinastia de Bragança. Artigo definido. 8—Arrimo uma embarcação a outra. Nota musical. 9 — Amofino. Mágoa. 10— Praia de Itália. Cabo da costa de Portugal. 11 — Minuta.

VERTICAIS: 1 — Metal ductil de cor avermelhada. Nota musical. 2— Protela. Engordar. 3 — Pertences. Peixe pércida. 4 — Campeão. Subditos. 5 — Letra grega. Símbolo químico do cobalto. 6 — Atarão. Estrépito de desmoronamento. 7 — Soldados recrutas. Rio da Russia. 8 — Amarrares. General francês vencedor da primeira Grande Guerra. 9 — Símbolo químico do ouro. Título nobiliárquico.

Solução do problema n.º 3706

HORIZONTAIS: 1 — Durer. 2 — Ui! Mas. Ad. 3 — Pré. Avô. 4—Restaurar. 5 — Assa. Nela. 6 — Aires. 7 — Sós. 8 — Ara. Sam. 9 — Élia. Alvo. 11 — Na. Ler. Ás.

VERTICAIS: 1 — Supras. Aden. 2 — Ires Grela. 3 — Essa. Asi. 4 — Um. Tais. Tal. 5 — Rapa. Roma. 6 — És. Unes. Par. 7 — Ares. Sal. 8 — Aval. Larva. 9 — Adoras. Mãos.

HOMENS E BICHOS
O Sol... Os animais... E os homens

Rebenta uma revolução, uma guerra termina, desaparece um regime, uma arte nova desperta: esperanças, decepções, risos e lágrimas!... A Natureza importa-se pouco com essas mudanças de expressão:

«Enquanto, entregues ás suas obras perversas,
os homens se precipitam ofegantes...»

Apesar das civilizações e dos progressos, os Animais e os Homens continuam submetidos ás mesmas leis comuns. A mesma haste vegetal, o mesmo raio de sol e o mesmo canto de céu azul que extasiavam, na época da renovação, os homens primitivos, nos atrae hoje para a luz do oceano e da montanha.

Trata-se duma lei de Equilíbrio, duma estabilidade inegável a que só a loucura se poderia opôr. «Não é possível, escreve Jean Rostand, sem restricções, falar, nos nossos dias, do humano, passando em silêncio as suas origens animais».

Fora de qualquer declaração ou ordem social, isto basta sem duvida para explicar o incontestável movimento que se vê desenhar por todo o lado — mesmo em França — a favor do mundo dos animais e do regresso á natureza.

Paralelamente á acção que nos esforçamos por prosseguir no sentido do conhecimento dos animais devemos felicitar os grandes sábios que, com a autoridade do seu nome, se debruçam sobre o mesmo assunto e nos chamam a atenção para os perigos.

O prof. Roger Heim, director do museu de História Natural, e presidente da União Internacional de Protecção á Natureza, está entre aqueles... «O homem, diz ele, encontra-se hoje em dia num cume, diante do abismo que cavou. Tem-se lutado muito contra o «analfabetismo», concede o prof. Heim, «mas os objectivos desta luta não põem em causa o grande perigo da humanidade ...este não é a guerra, as epidemias, que se relacionam com mais acuidade a problemas da vida do mundo, mas a defesa da Natureza.

Não se poderá ser mais sincero e mais lucido, ao mesmo tempo.

A Natureza é um todo

Efectivamente, a Natureza é um todo, donde os homens não se podem evadir, sem grandes riscos. Talvez nenhuma outra época tenha sentido tanto como a nossa esta verdade biológica. Mil perguntas acodem, então, ao espírito do pesquizador, do homem sensato e do sensível:

— Um pássaro livre será mais feliz do que um outro, prisioneiro na sua gaiola? Não devemos ter cães senão no campo? O cavalo estará condenado a desaparecer? Devemos deixar estender-se o reino dos maquinismos? Devemos continuar a abandonar os prados e as florestas?

Em muitos casos, é tarde demais para voltar atrás e não se pode senão corrigir...

Exemplos? Que faria, no meio dos campos, esse liliputiano «pekinois» que apenas sobrevive em ambientes de conforto e descanso? Que cavalo poderia substituir um «bull-dozer»? Que novas actividades se poderiam assegurar a milhares e milhares de pessoas, quase transformadas em autómatos, servidas pelos autocarros, metropolitanos, elevadores, automóveis, usinas e cadeiras?

Corrigir... E' lançarmo-nos na luta pela defesa da fauna e da conservação do que nos resta de animais livres, encontrando soluções como a caça artística em que o objecto substitui o animal.

Corrigir... é admitir e prégar uma concepção mais perfeita da piedade pelos animais que aceitaram tornar-se escravos das nossas necessidades e dos nossos gostos...

Sim, é necessário decidirmo-nos um dia a compreender que existe um problema animal demasiado complexo para que apenas o consideremos sob o ponto de vista afectivo ou apaixonado. Actualmente, a Imprensa faz eco das inquietações oficiais: por diversas razões, o consumo de carne de açougue aumentou de tal forma, no Mundo, depois da guerra, que nos perguntamos se ainda haverá durante muito tempo carne para todos. Não é uma questão de preço, mas um problema numérico e cronológico de criação de animais, reprodução que a inseminação artificial não resolve.

E, eis aqui, um S. O. S. duma outra ordem: as andorinhas desaparecem, as andorinhas diminuem e os serviços especializados chamam a atenção do Instituto Faunístico. Na verdade, as andorinhas não são apenas preciosos pontos de referência de avisos climatológicos: quando elas sobem ao céu em canrelabros fulgurantes, indicam uma promessa de bom tempo; quando elas passam rente ao solo em pequenos gritos, assinalam a proximidade da tempestade... Elas são, também, auxiliares muito uteis da agricultura: uma andorinha absorve, por dia, duas vezes o seu próprio peso em insectos nocivos. Uma só andorinha destrói em cada ano centenas de milhares de larvas que comprometem as melhores colheitas.

Qual é a razão desta deserção das andorinhas? A ciência evoca as perturbações atmosféricas de ordem nuclear e, também, a acção nefasta de certos insecticidas químicos, vertidos ás toneladas sobre os nossos campos.

Os animais procuram o homem

Exemplos simples que deveriam suscitar reflexão.

A nossa época, de que a curiosidade é uma das características, pareceu até agora fechar os olhos obstinada e voluntáriamente acerca de tantos pontos e de tantos segredos deste mundo animal que ela desdenha por princípio ou que, ao contrário, ama com a nostalgia dum paraíso perdido.

Onde começa e onde acaba a fronteira que separa o animal domesticado do selvagem? Não se sabe Os animais talvez estremeçam diante do homem, mas todos eles não pedem senão que os deixem amá-los.

Isto, qualquer indiferente descobre, feliz, conquistado, maravilhado, através das imagens mais simples dum documentário (quer se trate de pequenos leões em liberdade ou do instinto maternal dos elefantes e gorilas).

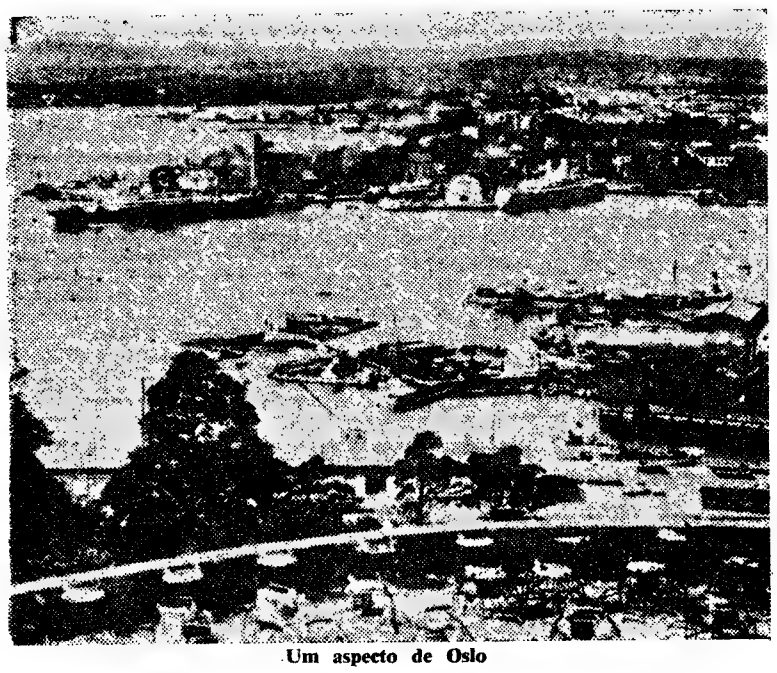
Do mesmo modo, a criança constata com surpresa que pôde, sem perigo algum, acariciar um grande e terrível cão, ou ganhar a confiança dum carneiro. Não há outra escola melhor de bondade do que este conhecimento dos animais: porque razão tantos cães e gatos abandonados não voltam a essa liberdade que se proclama o primeiro dos bens? Porque se obstinariam eles a andar pelas ruas, á volta das casas, em vez de voltarem a ser os animais livres que eram na origem, se qualquer elo mais secreto os não ligasse a nós? Porquê, mesmo, nos pássaros, esta espécie de gratidão, estes mil braços cotidianos duma obscura fraternidade?

O inverno passado, deixando alguns grãos na varanda, salvei da fome um casal de pardais. A partir daí, voltaram todas as manhãs até aos primeiros dias da Primavera, altura em que desapareceram subitamente. O mês de Abril e o de Maio passaram sem que eu tivesse quaisquer notícias dos meus hóspedes habituais. E, um belo dia, um pipilar insistente e repetidas pancadas na janela chamaram-me a atenção. O casal de pardais voltava, exigente, feliz, indiscreto... Voltara, muito orgulhoso, tendo ao seu lado três pequenos pássaros, os seus filhos, esperando sem maneiras o fim da visita! Distribuí-lhes algum pão que eles debicaram uma ou duas vezes, sem convicção, por pura delicadeza... Depois, todos eles, pipilando, em grandes «até á vista», levantaram voo.

Nunca mais os tornei a ver. Eles tinham três rebentos e haviam-me apresentado os filhos para me agradecer, á sua maneira.

Para quê procurar outras frases? Esta visita inexplicável, encarada pelo entendimento humano, não será a mais simples homenagem de amizade?

«Se os homens quisessem...» Diz um filme de André Mercier, sobre a vida idílica dos animais nas reservas de caça... Na verdade, se os homens quisessem!



Um aspecto de Oslo

A volta ao Mundo (10)

NORUEGA

SUPERFICIE — 323.917 quilómetros quadrados.

POPULAÇAO — 3.496.000 habitantes.

CIDADES PRINCIPAIS — Oslo (451.000 habitantes, capital); Bergen (116.000); Trondhein (62.000); Stavanger (51.000).

GOVERNO — A Noruega é uma monarquia constitucional e hereditária. O rei exerce o poder executivo através do seu governo que é responsável perante o Parlamento, eleito directamente pelo povo. O Parlamento é eleito por 4 anos. Tem duas camaras, uma de 38 membros e outra de 112.

O rei actual é Olavo V. O primeiro-ministro é Einas Gerhardsen.

CLIMA — O clima norueguês é essencialmente marítimo. A longa extensão do território, atingindo o círculo polar árctico, recortado de saliências marítimas, torna difíceis e longas certas comunicações e também diferenças de clima consideráveis. Há nevoeiros densos.

ESCRITORES — Peter Asbjorson (1812-1885); Ioor Assen (1813-1896); B. Björson (1832-1910); Camilla Collett (1813-1895); Olav Duun (1879-1939); Arne Garborg (1851-1924); Knut Hamsun (1859-1952); Henrik Ibsen (1828-1906); Alex Kielland (1878-1918); Hans Kinck (1865-1926); Jonas Lie (1833-1908); Jorgen Moe (1813-1882); Peter Munch (1810-1863); Johan Sars (1835-1917); Sigrid Undset (1882-1949); Johan Welhaven (1807-1877); H. Wergeland (1808-1845).

ARTISTAS — Entre os escultores noruegueses destacam-se Hans Michelsen (falecido em 1859), Stefan Sinding, Skeibrock, G. Vigeland. Entre os pintores J. C. Dahl (falecido em 1857), L. Munthe e Collett Isachsen, F. Thaulow, C. Kroghs, E. Petersen, K. Kiellands e Diriks.

MONTANHA MAIS ALTA — Os cumes mais elevados da Noruega de relevo singularmente acentuado, são Galleprig (2.469 metros) e Glitteshind (2.463 metros). O maciço escandinavo que corre ao longo do território abrange uma extensão de 1.400 quilómetros de comprimento.

RIOS — O rio Glomma tem 603 quilómetros de comprimento. Serve, com o seu afluente Gudbandsdal, de comunicação entre Oslo e a costa Ocidental.

AGRICULTURA E INDUSTRIA — A agricultura não tem grande desenvolvimento na Noruega porque o solo se não presta ao cultivo. 24 por cento do território está com florestas. Entre as cabeças de pecuária destacam-se 1.171.000 bovinos e 1.922.000 ovinos. Na industria, a Noruega tem madeiras, polpa de madeira, papel, pesca, óleo de baleia, carnes, leite, manteiga, queijo e cimentos. Dispõe da maior frota baleeira do Mundo (130 barcos) e a frota comercial norueguesa é também das maiores do Mundo. A produção de electricidade é a maior do Mundo em relação ao numero de habitantes.

CAMINHOS DE FERRO — 4.492 quilómetros.

ESTRADAS — 46.270 quilómetros.

RELIGIAO — A maior parte dos habitantes são luteranos, que é a religião do estado, mas há liberdade de cultos. Há 5.481 católicos. Só a Companhia de Jesus não é admitida.

EDUCAÇAO — A educação primária é obrigatória dos 7 aos 14 anos. O ensino superior é ministrado pelas universidades de Oslo, Bergen, Instituto Politécnico de Troudheim e Escola de Agricultura de Aas.

LINGUA — A língua oficial é o norueguês, do grupo escandinavo.

MOEDA — A unidade monetária é a coroa.

De uma semana para a outra

DIA 11

EM PORTUGAL—Em Vila Franca de Xira principiaram as festas do Colete Encarnado. ✻ Chuvas torrenciais em Goa, causaram grandes prejuizos ás culturas. ✻ Em Viana do Castelo rebentou um cais do porto exterior, com 2.000 contos de prejuizos. ✻ Um incêndio na Mabor, em Lousado, causou grandes prejuizos. ✻ No cinema do S. N. I., houve uma sessão da Obra Legionária de Cooperação Social. ✻ Foi entregue a José Rodrigues Migueis o prémio Camilo Castelo Branco.

NO ESTRANGEIRO — A Itália, a França e os Estados Unidos rejeitaram o protesto russo contra a instalação de teleguiados em Itália. ✻ Sobre o Sul da Inglaterra desencadeou-se violenta tempestade. ✻ Soldados americanos em França vão ser enviados para a Inglaterra e Alemanha Ocidental. ✻ Chegou a Madrid o novo embaixador de Portugal. ✻ Anuncia-se que Eisenhower irá em Setembro a Paris conferenciar com de Gaulle.

DIA 12

EM PORTUGAL — O Presidente da Republica foi recebido festivamente em Vila Franca de Xira. ✻ Na Feira das Industrias Portuguesas, houve um jantar de 4.000 pessoas, em homenagem ao dr. Oliveira Salazar. ✻ Em Lisboa, houve uma parada da Legião Portuguesa. ✻ No Hospital de Viseu foi inaugurado um novo pavilhão. ✻ O ministro da Saude inaugurou o novo hospital de Pinhel. ✻ Regressou a Lisboa, o embaixador da França, em Lisboa. ✻ O ministro do Ultramar concluiu a sua viagem a Moçambique.

NO ESTRANGEIRO—A Genebra chegaram os ministros dos Negócios Estrangeiros para o recomeço das conferências. ✻ Guy Mollet foi reeleito secretário-geral do Partido Socialista francês. ✻ Em Itália, a vaga de calor é intensa. ✻ Os primeiros-ministros da Suécia, Noruega, Finlandia e Dinamarca, resolveram instituir um conselho nórdico para tratar da cooperação económica dos quatro países.

DIA 13

EM PORTUGAL — A linha do Estoril inaugurou o novo material circulante. ✻ O ministro da Presidência visitou a exposição do projecto de valorização de Peniche. ✻ Começou o curso de férias da Faculdade de Letras, de Lisboa. ✻ O Benfica ganhou ao Sporting por 3-1.

NO ESTRANGEIRO — A conferência de Genebra reabriu; Hertes exigiu que a Russia retire a ameaça sobre Berlim para a conferência em alto nível. ✻ Em Madrid, o embaixador de Portugal apresentou as suas credenciais ao general Franco. ✻ Anuncia-se ter falhado uma revolta nas Honduras. ✻ Os metalurgicos americanos ameaçaram declarar-se em greve. ✻ Realizou-se a corrida entre Paris e Londres. ✻ Em choque de comboios perto de Bilbau ficaram feridas 30 pessoas.

DIA 14

EM PORTUGAL — Foi assinada a escritura para construção do Instituto Gulbenkian, o mais importante centro mundial de investigação na engenharia civil. ✻ O embaixador de França recebeu os seus compatriotas da colónia francesa, a propósito do 14 de Julho. ✻ A Legação de Portugal no México foi elevada a Embaixada. ✻ Entregou as credenciais o ministro da Republica Arabe Unida. ✻ Os dirigentes das ordens dos advogados e dos médicos almoçaram com o Presidente da Republica.

NO ESTRANGEIRO — Chegou á Pretória o ministro do Ultramar de Portugal. ✻ Em Paris, o 14 de Julho foi celebrado com grandes solenidades, como Dia da Comunidade Francesa. ✻ Foi criado no Rio de Janeiro, o Centro de Turismo de Portugal. ✻ Faleceu, na Riviera italiana, o palhaço Grock, o mais célebre do Mundo. Tinha 79 anos. ✻ Nikita Kruchtchev iniciou a sua visita á Polónia.

DIA 15

EM PORTUGAL — O Presidente da Republica visitou a Casa Pia. ✻ O secretário de Comércio, antes de partir para Estocolmo, disse que Portugal precisa de exportar cada vez mais. ✻ A Associação Industrial Portuguesa estuda a realização de uma Feira Internacional, em Lisboa, em 1960. ✻ Terminou o primeiro Curso de Preparação de Estenógrafos para o Ultramar.

NO ESTRANGEIRO — Em Pretória o ministro do Ultramar de Portugal, disse que as nações ocidentais devem investir maiores capitais em Africa. ✻ Em Paris foi aberta a sessão inaugural do Senado da Comunidade da Nação Francesa. ✻ Von Brentano desmentiu em Genebra que o Governo de Bonn tenha apresentado ás potências ocidentais novas propostas sobre a conferência de Genebra. ✻ Morreu em Milão, o padre Gemelli, fundador da Universidade Católica.

DIA 16

EM PORTUGAL — Morreu em Aveiro o construtor naval mestre Mónica. ✻ Dois ministros visitaram a sede da P. J. e o Arquivo de Identificação. ✻ A Academia das Ciências comemorou o centenário de Virgilio Machado. ✻ O brigadeiro Buceta Martins foi nomeado comandante militar da Madeira.

NO ESTRANGEIRO — Doze almirantes argentinos apresentaram a demissão ao presidente Frondizi. ✻ As inundações cortaram as comunicações ferroviárias entre a Austria e a Alemanha e a Suiça. ✻ Anuncia-se que o Governo americano vai ser reorganizado.

DIA 17

EM PORTUGAL — O Chefe do Estado visitou a base aérea de Tancos. ✻ Para o Brasil partiu a missão que vai convidar o presidente Kubistchek a assistir ás comemorações Henriquinas.

NO ESTRANGEIRO — Em Genebra principiaram as conversações dos ministros, á margem da conferência. ✻ Em França, o calor provocou incêndios devastadores.

A FIGURA DA SEMANA

Hugh Gaitskell

HUGH GAITSKELL

Tem sido atribulada a vida de Gaitskell como chefe do Partido Trabalhista britanico. Ameaçado por uma cisão, várias vezes adiada, esse risco volta agora a fazer-se sentir. Quando assumiu aquelas funções, o seu principal rival era Aneurin Bevan que, entretanto, se tornou o seu mais leal colaborador. A ala esquerdista do partido, abandonada por este ultimo, não desistiu do seu intento o qual consiste em tomar conta das alanvancas de comando assumindo as responsabilidades deste que têm estado confiadas a elementos moderados desde a criação do partido. Ao contrário do que geralmente se supunha, a deserção de Bevan não constituiu para os seus antigos amigos uma perda irreparável, pois, aqueles prosseguiram na sua acção a qual voltou a revestir-se recentemente de notória gravidade para a unidade partidária.

Para os actuais dirigentes do trabalhismo britanico — com destaque para Gaitskell e Bevan — trata-se de ganhar as próximas eleições, devendo sacrificar-se a esse objectivo todas as outras considerações. Para os inspiradores da ala esquerdista do partido, o problema consiste em estabelecer um novo programa para corresponder ás exigências da nossa época, convencidos de que o actual está desactualizado. Os primeiros são oportunistas, os segundos desejam renovar a doutrina e os métodos que consideram ultrapassados e inadequados.

O principal motivo de discórdia entre uns e outros é, neste momento, a questão das armas atómicas. Os dirigentes moderados entendem que a Grã-Bretanha não pode, sem grave risco, renunciar a elas unilateralmente enquanto os elementos da ala esquerda preconizam esse caminho como a melhor maneira de dar aos outros povos um exemplo que — estão disso convencidos — seria rápidamente seguido ou que, pelo menos, tiraria autoridade aos países que reivindicam a sua entrada no clube atómico para fazerem valer, de qualquer forma, essa pretensão perturbadora.

Apontamentos de linguistica e pitorescos da linguagem

A lei de Lynch, linchar e linchamento

Amiude empregamos as expressões linchar, linchamento e aplicação da lei de Lynch. A maioria das pessoas que se servem destes termos não conhece, entretanto, provàvelmente, a sua origem. Que significa afinal *lei de Lynch?*

Segundo o *Block* (Dicionário geral da política, pag. 546), Lynch seria um lavrador da Virginia, impressionantemente duro e cruel, que prescindia do recurso aos tribunais e fazia simultaneamente de juiz e carrasco, nos casos que lhe tocavam pela porta. A imaginação popular, fascinada pelos excessos desse homem terrível, consagrou-lhe o patronímico, rodeando-o de um sinistro prestígio, e assim esse nome próprio passou a traduzir a ideia do julgamento sumário em que aquele ou aqueles que se arrogam o direito de castigar se apossam por suas mãos do réu e imediatamente o executam.

Topónimos

De entre os topónimos portugueses — nomes de locais geográficos — só podem ser precedidos de artigo definido aqueles que originàriamente tenham sido substantivos comuns, tais *o Porto, o Torrão, a Figueira da Foz, a Guarda,* etc. Tal não sucede, entretanto, com todos os nomes nas mesmas circunstancias.

— O topónimo Estugarda, em alemão Stuttgart, capital da provincia de Vurtemberga, compõe-se de dois elementos: *Stute* (égua) e *Garten* (jardim), com a influência provável de um terceiro elemento *Gestüt* (coudelaria). As armas da cidade representam, de resto, um cavalo.

Ladroeira e ladroice

A palavra *ladroeira,* empregada frequentemente, e impròpriamente, como sinónimo de ladroice, significa em português vernáculo esconderijo de ladrões, valhacouto, só por extensão de sentido havendo tomado o de acto de roubar. O termo que exprime a qualidade de ser ladrão é, em rigor, *ladroice,* cujo étimo se encontra na forma latina *latroniciu,* a qual provém, por metátese, de *latrocia* (que subsiste no cultismo *latrocinio).*

TIRA-TEIMAS

Sociedade «ESTORIL»

Venda de bilhetes para os comboios dos domingos

Esta venda começar-se-á a fazer aos sábados na estação do Cais do Sodré, a partir das 12 horas, até aviso em contrário.

Juventude e violência

O blusão de couro tornou-se hoje um símbolo que incita a mocidade á violência, segundo as conclusões dos psiquiatras que, em Viena de Áustria, recentemente organizaram a esse respeito um debate publico, com o concurso dos educadores. Um juiz do tribunal de menores forneceu a seguinte estatística, inegàvelmente curiosa: em cada grupo de cinquenta delinquentes de menos de vinte anos, duas boas dezenas vestem os tradicionais blusões de couro dos rebeldes sem causa, usam lenço de seda ao pescoço e calçam sapatos de camurça, em bico. Verifica-se que os mesmos turbulentos jovens, quando envergam um simples casaco de malha ou uma gravata e um jaquetão, iguais aos de toda a gente, perdem muito da sua insolência e agressividade, tornando-se quase pacíficos e cordiais, não raro melancólicos e tristes...

LEITURA DE SABADO * LEITURA DE SÁBADO * LEITURA DE SÁBADO * LEITURA DE SÁBADO * LEITURA DE SÁBADO

ANTOLOGIA DO CONTO POLICIAL

LEITURA DE SÁBADO * LEITURA DE SÁBADO * LEITURA DE SÁBADO * LEITURA DE SÁBADO * LEITURA DE SÁBADO

2 365 dólares no bolso de uma gabardina

Texto integral do conto de

MARC BRANDEL

DECLARO, desde já — e tomem a devida nota — que não me envolvi de propósito neste caso. Não sou daqueles tipos de feitio misterioso e espírito aventureiro, talhados para heróis de romances policiais. Verdadeiramente, sou um tímido — e não me envergonho de o dizer. Até este momento, a coisa mais extraordinária na minha vida foi o serviço militar; e ainda não há uma hora aquilo que mais me assustava era a ideia de ficar desempregado. Pois aqui estou agora, sentado, a suar em bica, embora faça muito frio em minha casa, pois o maldito do porteiro bebe-lhe e não se lembra de pôr o aquecimento a funcionar! O que me faz suar é apenas o nervoso: sinto-me atordoado, confuso e não atino com o que devo fazer. Parece-me inutil qualquer tentativa — o quê e para quê? — restando-me esperar que toque o telefone ou batam á porta... esperar por alguém quem quer que seja...

Faz-me espécie e não consigo compreender o motivo que determinou que eu merecesse ser envolvido numa coisa destas. Não vejo, por mais voltas que dê ao miolo, o que pudesse ter contribuido para isso. Em todo o caso, podia ter acontecido a qualquer pessoa.

* * *

Tudo começou de manhã, ou melhor quase á hora do almoço — e por estar a chover. Se não chovesse, teria ido almoçar comó de costume, ao *Chester's*, onde fazem umas deliciosas *andes* de *roast beef*. Infelizmente, o *Chester's* fica a razoável distancia do meu emprego uma agência de publicidade: de modo que vesti a gabardina e fui almoçar ao *Pierr's*, no outro lado da rua. E' um desses restaurantezinhos, vistosamente decorados, onde preparam um certo ambiente, com comida muito bem feita e as contas escaldantes. Não posso, está bem de ver, lá ir com frequência, mas já que me resolvi a essa extravagancia, faria tudo em grande estilo e comecei por tomar um *cocktail*.

Deixei a gabardina no pequeno bengaleiro, segui o *maitre* até uma mesa perto da cozinha e pedi um *Martini*. Acabei por tomar dois — o que me parece ter sido a grande asneira, pois atribuo aos *Martinis* uma certa influência naquilo que se seguiu —, talvez por não me terem despertado convenientemente, o apetite. De facto, o meu almoço foi muito leve, e já depois do café sentia-me como que elevando-me em liberdade, verdadeiramente livre, satisfeito e nada tímido.

Foi quando estava a terminar o café que a vi. Ela devia ter almoçado na outra sala, pois, de contrário, tornar-se-me-ia notada. Era uma rapariga admirável, maravilhosa, perturbadora! Pareceu-me que seria editora de uma revista de modas, talvez pelo ousado modelo do seu chapéu, pelo talhe do vestido ou pela maneira airosa do andar, como valorizando o seu trajo. Surpreendeu-me, vendo-a encaminhar-se directamente para a minha mesa, exibindo aquele sorriso insinuante que o meu patrão tem apenas ao cumprimentar um novo cliente:

—Olá!... Olá!... Olá!... — exclamou ela, ai apenas a um metro da minha mesa —. Então onde se tem escondido?

Olhei para trás, por cima do ombro, e os meus olhos esbarraram na parede. Era evidente que a encantadora rapariga falava para mim! Só tinha que me levantar e assim fiz.

—Olá!... — disse eu.

Vendo-a de perto, era de fazer parar a respiração! Ofereci-lhe, desajeitadamente, a cadeira a meu lado e ela sentou-se.

—Só posso demorar-me um momento... — acrescentou —... Mas é formidável tê-lo encontrado!...

E dizendo isto com exultante surpresa, pegou-me da mão, apertando-a entre as suas, enluvadas de branco.

Ora, eu nunca tinha visto semelhante criatura na minha vida! E devia ter-lho dito imediatamente. Mas, sabem como estas coisas são: vamos encontrando, pela vida fora, uma porção de raparigas que parecem ter sido feitas para nós, e lá chega o dia em que tomamos dois *Martinis* antes do almoço... Depois, acontece-nos qualquer coisa como esta...

Apertei-lhe a mão.

—O Peter veio comigo! —indicou, movendo os olhos.

Levantei a cabeça. Era verdade: atrás dela estava um rapaz novo e forte.

—Peter! — disse ao companheiro —: Lembras-te do Jim?

Fiquei admirado, ainda mais do que pela subita aparição do jovem. Na verdade, embora o meu nome seja Charles, a certa altura, na escola, muitos dos condiscípulos tratavam-me por Jim!

—Se me lembro! — disse o rapaz —. Se me lembro!... Então como vai isso?

Estendeu-me a mão, num gesto cordial, e eu apertei-a. Confesso, porém, que não gostei nada dele. Era atlético, apresentava-se bem vestido e tinha o ar daqueles universitários profissionais do futebol. Havia nela, contudo, não sei quê de estranho, qualquer coisa que não estava bem. O seu aspecto era de quem vive de expedientes ou o quer que seja no género...

—Olá! — repeti eu.

Ele inclinou-se um pouco sobre a mesa, dirigindo-se á rapariga:

—Parece-me que temos de nos ir embora Alice!...

Depois, voltando-se para mim:

—Temos de voltar para o *Gosling*. Precisamos de fazer as malas, pois vamos esta noite para a costa!

Aquilo era outra coisa que me desagradava naquele individuo! Que necessidade teria ele, o *snob*, de dizer que estava no *Gosling* quando podia muito bem ter dito apenas *o hotel*, e mais nada?!

Levantei-me tambem.

—Bem!... Tive imenso prazer em vê-los! — comecei tentando afastar-me, mas mesmo já distante da mesa eles continuavam ao meu lado.

Peter, pondo a mão no meu ombro, quando nos aproximávamos da porta:

—Então, que se faz, Jim?

—Ora trabalha-se!

* * *

Começava a desvanecer-se o efeito dos *Martinis*, e só queria ir-me embora antes de eles descobrirem que eu não era o Jim — pelo menos o Jim que eles pensavam! Tirei do bolso a chapa para levantar a gabardina no bengaleiro.

—Eu vou buscá-la! — interveio Peter tirando-ma da mão, antes que eu pudesse impedi-lo.

Fiquei no átrio com Alice, enquanto a empregada lha entregava.

—Gostava imenso de poder ficar por cá mais uma temporada! — disse ela, sorrindo.

—Também eu! — respondi, sorrindo igualmente, mas pouco á vontade, até que Peter voltou com a minha gabardina, barata e velhinha, comparada á dele, cara e nova.

Ele ia ajudar-me a vesti-la, mas tirei-lha e pu-la no braço. Quando cheguei á rua, a chuva tinha parado, pelo que a levei assim no braço até o escritório, ali a colocando no sítio habitual, pendurada no cabide atrás da porta. Só á saida do escritório, ás seis horas, tornei a pegar nela, mas foi quando já ia no elevador a meio da descida, que dei por um embrulho no bolso. Era um sobrescrito de tela, comprido, cheio de papéis. Peguei nele, intrigado sem saber como me aparecia ali. Não tinha qualquer nome ou endereço; e reparei, então, que estava fechado apenas com um grampo. Tirei-o e examinei o conteudo.

Ia quase desmaiando, ali mesmo no ascensor: aquilo não eram papéis, mas dinheiro — vários maços de notas! Tornei a fechá-lo com o grampo e, voltando a subir no elevador, entrei no escritório, cerrando a porta atrás de mim. Pus-me a contar o dinheiro. Contei-o por duas vezes: eram dois mil trezentos e sessenta e cinco dólares!

Pouco tempo levei a decidir o que tinha a fazer. Lembrava-me de ter sido Peter quem levantara a minha gabardina do bengaleiro. Não sabia a que espécie de negócios escuros ele se entregava, nem a razão de ter metido o dinheiro no meu bolso; tão-pouco o que esperavam que eu fizesse com ele. Nada disso, porém, me interessava. E decidira, resolutamente, que não tocaria num cêntimo sequer daquele dinheiro!

* * *

Ainda levei algum tempo a encontrar o numero do quarto deles. Não sabia os seus apelidos, apenas os nomes próprios; mas podia descrevê-los a ambos, com os sinais peculiares, muito exactamente: Temia apenas que já se tivessem retirado. Mas não tinham: estavam ainda no quarto quando entrei. Havia malas por todos os cantos, e Peter metia camisas numa delas, colocada sobre a cama. Olhou para mim e, sorrindo-se, exclamou:

—Olha quem vem dizer-nos adeus!... Olá, Jim!

Sem nenhuma vontade de sorrir, respondi:

—Não sei quais são os vossos negócios, nem quero saber. Mas vocês enganaram-se a meu respeito. Nunca os vi na minha vida!... Tomem lá!...

E atirei, bruscamente, o sobrescrito para cima da cama.

Peter pareceu nem reparar nisso. Ficou a olhar-me, sempre a sorrir com as mãos enormes pendentes ao longo das pernas. Era muito mais alto do que eu!

Rodei e saí do quarto, quase a correr para o elevador. Sentia-me bem e satisfeito, na certeza de ter agido da melhor maneira possível para me livrar do que poderia ter-me acarretado grandes dissabores.

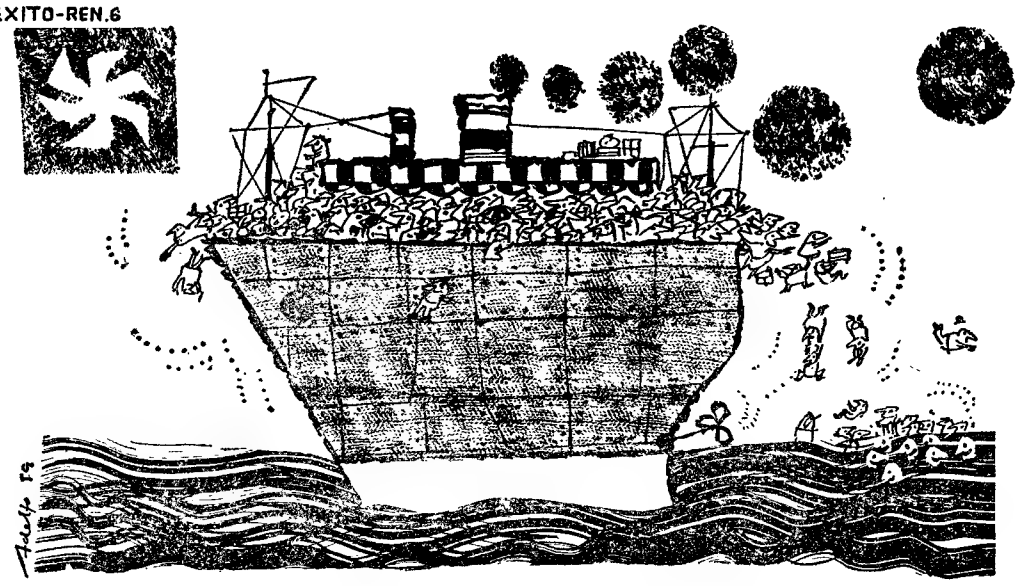
Contente, comigo próprio, jantei admiravelmente na Terceira Avenida e, depois, fui devagar para casa.

Estava muito satisfeito e desanuviado, mas essa boa disposição abandonou-me há coisa de uma hora. Acabara os cigarros e lembrei-me de que tinha um maço, já encetado, na gabardina. Procurei-o nos bolsos e não o encontrei, sem, aliás, me ralar muito. Até quase já não pensava neles, quando, enfiei, por acaso, a mão na algibeira interior e encontrei a chapa do bengaleiro. Não era a minha gabardina!

Telefonei logo para o hotel, mas eles já se tinham ido embora, duas horas antes. Abalaram assim que viram o dinheiro no sobrescrito. Evidentemente que não deixaram direcção alguma, nem qualquer mala nem um recado.

E agora que faço eu? Que posso eu fazer, além de me deixar estar sentado, aguardando, receoso, o que me possa acontecer? Cá estou á espera do que se vai passar — e calculo mais ou menos, o que seja!

Levanto-me constantemente e vou examinar a gabardina, pensando que talvez seja, de facto, a minha; que não tenha visto bem — mas sei que estou a enganar-me a mim próprio! Bem sei que não é a minha, a qual deve estar na mão de outra pessoa. Essa pessoa já deu, a esta hora, pela troca. E' impossível que a não tivesse notado já!... E a minha gabardina tem o meu nome marcado no forro!

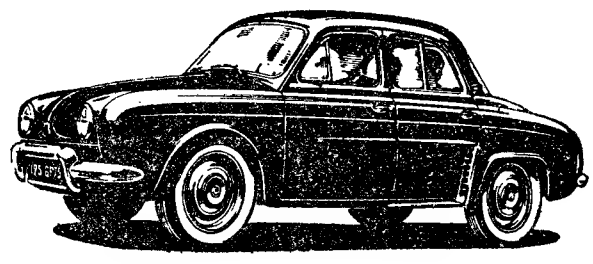


antigamente...

...um passeio à outra banda fazia as delícias do mais fogoso filho de família... ou então (o que também tinha o seu carácter) um trote até às portas de Benfica...

agora...

é muito mais sedutor ir no fim de semana a Madrid ou dar um golpe de vista ao festival de Veneza. E para dar nas vistas não há como a elegância do



RENAULT Dauphine

SOCIEDADE PORTUGUESA DE AUTOMOVEIS, LDA. — RUA DA ESCOLA POLITECNICA, 261 • AVENIDA DA LIBERDADE,

VAI PARA FÉRIAS?

Não se esqueça do seu amigo e fiel companheiro de todas as tardes, o

Diário de Lisboa

assegurando o seu envio diário para as praias, termas ou campo, pelo regime especial de

Assinaturas de Verão

que podem ser pedidas, desde já, nos nossos escritórios, Rua da Rosa, 57, 2.º.

10 dias	10$00
20 dias	20$00
30 dias	30$00

Sacrifício

Desenho de LOURO ARTUR (17 anos) — Aluno da Escola de «Arte Aplicada» António Arroio

DESCRENÇA E DESCONFIANÇA

Consoante uma época histórica é brilhante ou catastrófica, consoante ela nos pode deixar antever um céu aberto ou um horizonte brumoso, assim o pensamento dominante é de um exagerado dogmatismo ou de um pirronismo improdutivo. O primeiro, fundado numa confiança cega nas possibilidades humanas, tem o inconveniente de desenhar esperanças, que, uma vez goradas, podem levar a uma perigosa descrença; o segundo é, antes de mais, uma atitude completamente estéril, que não conduz a qualquer realização, visto que só se consegue aquilo em que realmente se crê. Estas posições antagónicas e até inimigas, de confiança e de descrença, perigosas quando isoladas, são no entanto excelentes quando em luta se equilibram e constroem uma atitude conciliadora, desapaixonada e de exame crítico. Assim como o homem na sua marcha dá os passos ora com um ora com o outro membro, colocando numa posição mais estável o seu centro de gravidade, também a Humanidade, bipartindo-se em atitudes opostas, provoca uma acção equilibrada e contínua a que se chama Progresso. A luta sempre igual e sem vencedor entre a incauta confiança e o pessimismo mórbido só pode tornar-se um bem e um auxílio nesta constante tentativa de domínio da Natureza que o homem como ser racional empreendeu. O mal está, porém, em uma qualquer dessas atitudes se superiorizar demasiado. Torna-se então imprescindível um movimento contrário que venha restabelecer o equilíbrio.

Actualmente tem-se desenvolvido

ENTREVISTA
POR
JOSÉ CARLOS SOUSA DE MORAIS (15 anos)

a propósito da juventude um certo clima de cepticismo. Isto faz com que parte dela própria, para sua infelicidade, se considere quase uma geração perdida e se afaste, apática e indiferente, de uma sociedade que a aponta acusadoramente. Sem querer adoptar um excessivo dogmatismo, devo no entanto declarar que não participo de tal opinião. Esta nova geração não degenerou nem é melhor ou pior que as outras. Tem os seus elementos bons e os seus elementos maus. E se ela não satisfaz os adultos de hoje, a eles o devemos por deficiências de educação.

Tive oportunidade nesta ultima semana de tomar conhecimento directo com um caso que me demonstrou a vitalidade da juventude, a despeito dos limites sufocantes que lhe impõem. Por amável convite fui, no passado dia 7 assistir a uma audição dos alunos de Antónia Collaço na Academia dos Amadores de Musica. Trata-se de pequenos pianistas que me deixaram verdadeiramente surpreendido por um nível artístico que não esperava. Mas, mais que a qualidade musical do programa, impressionou-me mais, bem mais, aquela prova de que a arte ainda vive e que é precisamente esta nova geração que, voltamos a afirmar, não obstante todas as contrariedades, se encarrega da sua manutenção e do seu revigoramento.

Pude, nessa noite, apreciar duas jovens promessas que excederam toda a expectativa. Foram elas João Cardigo dos Reis, que interpretou muitíssimo bem Granados (Dança) e Schumann (Folha d'Album e Dança Fantástica) e Maria do Rosário Themudo Barata que impressionou de uma maneira muito especial com a Exaltação de Schumann e com um esplêndido Estudo (para a mão esquerda) de Saint-Saens. Depois destes distinguiram-se também Maria Margarida Salema (Arraiana de Rey Colaço e algumas interpretações de Schumann), as irmãs Maria João (Haydn e Mozart) e Maria José Palla (Schumann), e ainda Maria da Conceição Gaspar (Mazurca opus 24-n.º 3 de Chopin). Mas de resto todos aqueles pequenos artistas, sem excepção, se revelaram autenticas promessas. Falei rápidamente num dos intervalos com algumas das pianistas e fiquei com uma impressão muito favorável. São jovens com grande interesse pelas artes e pela cultura, o que

(Continua na ultima página)

NADA E ETERNO

por DORA CAMPINA (19 anos)

Eterno? Nada é eterno
A não ser este inferno!
Este meu querer constante!
A morte? é um instante...
A vida continuará
E com ela o meu mal!
O Mundo findará,
Ruirá num dia Fatal,
Mas não se acabará meu sofrimento!
Este meu querer constante
Por algo de vago e distante,
Esta sede d'infinito, este tormento
Que toda me devora!
Amanhã rio, choro agora,
Tudo quero e tudo aborreço!
Adoro a tristeza, a solidão.
E, às noites de luar silenciosas
Eu prefiro as negras noites tormentosas...
Há no meu peito uma tal confusão,
Um querer e não q'rer tão desencontrado
Que, às vezes, a sós, ponho-me a cismar
Se isto a que eu chamo desventura,
Não será antes a asa da loucura
Que me há-de um dia arrebatar,
Se acaso não me há já arrebatado!...

AMIGO N.º 1461

SIDNEY BECHET

Com seu bom sorriso, seus olhos vivos, sua cara negra aureolada por uma espuma de cabelos brancos, seus dedos prestigiosos, seu lendário saxofone — eis Sidney Bechet, grande musico, extraordinário inovador, o rei do jazz.

Nasceu em Nova Orleães. Desde os seis anos que se manifestou a sua irreprimível tendência para a musica; aos onze, enfileira já entre os melhores jazz-concertistas; no entanto só a partir de 1938 é que a crítica reconheceu em Sidney Bechet um grande revolucionário da musica. Tinha então quarenta anos: e é desde então que se inicia a sua verdadeira e brilhante carreira, assinalada por estrondosos êxitos. Os discos que gravava, vendiam-se aos milhões.

A sua morte, em Maio (contava 63 anos) foi, por isso, profundamente sentida.

Os jovens que desejarem ouvi-lo poderão encontrar novas gravações em 33 rotações, visto as antigas, de 78, se encontrarem esgotadas.

O QUE PENSAM OS JOVENS DOS OUTROS PAISES

SENTIMO-NOS muito satisfeitos ao verificar que os depoimentos dos jovens Franceses que estamos a publicar têm suscitado um especial interesse nos nossos leitores. Pertencem aos artigos mais votados semanalmente.

Hoje vamos apresentar o moço André Gramain, aluno laureado em Física e primeiro prémio de Filosofia. Pensa seguir ou a Escola Politécnica, ou a Normal Superior. O «jazz» é uma das suas distracções e é dele que nos vai falar.

O «JAZZ» E UMA MÚSICA COM O RITMO DA VIDA — diz André Gramain

«OS físicos distinguem duas categorias de sons: os musicais, constituídos por uma vibração sinusoidal, e os ruídos constituídos por vibrações diversas. A musica clássica utilizava principalmente os primeiros; quanto ao «jazz», partilhei muito tempo a opinião popular, crendo que era composto por estes ultimos.

Mudei repentinamente de opinião ao ouvir o meu primeiro disco de «jazz». Foi neste momento que senti o primeiro «choque» que uma obra de arte pode provocar na alma humana. Na capa do disco, um rapaz gordalhudo e bochechudo soprava num instrumento bárbaro que se chamava (soube-o mais tarde) um saxo-soprano. Este musico era justamente aquele que acabava de morrer, deixando a todos os amadores de «jazz», e mesmo aos outros, a recordação maravilhosa do seu dinamismo e da sua sensibilidade: Sidney Bechet. Foi ele que me iniciou nesta musica; graças a ele, aprendi a amar o «jazz».

Se possuem uma boa gravação de «jazz» na sua discoteca, ponham-na no gira-discos e escutem-na com atenção. Estou em crer que ninguém denegará que esta musica possui duas qualidades essenciais que nitidamente se distinguem na audição: a simplicidade e a sinceridade. Muitos anos se passaram desde o tempo em que os negros do Congo Square davam ao «jazz» a sua forma embrionária, percutindo tambores ou queixadas animais. Se o «jazz» evoluiu musicalmente, julgo poder afirmar que o seu espírito se mantém verdadeiramente o mesmo. O «jazz»-concertista conservou-se um «puro» e é sempre com

(Continua na página seguinte)

Os Cavaleiros da Távola Redonda

AI, A PAZ, A PAZ, SENHOR!

POR

TROTE

DEPOIS do enterro de Svein e Bede, Lançarote do Lago ainda ficou uns dias no castelo. Embora os houvesse conhecido durante curto prazo de tempo, a amizade que passara a dedicar aos dois jovens desaparecidos, sobretudo a Svein, era profunda. Se tivesse um irmão ou um filho não os estimaria mais.

Lembrando-se de Svein, da repugnancia que o jovem sentia pela guerra, das palavras tão belas que ele dissera á hora da morte — Lançarote sentia pela primeira vez o espinho da duvida cravar-se dentro de si. Sempre acreditara firmente na justiça da cavalaria; sempre julgara a sua espada abençoada por Deus; sempre se convencera de que deveria matar em duelos, torneios ou em batalhas a fim de que a bondade e a beleza reinassem sobre a terra. E vinham as palavras dum moço moribundo dizer-lhe que para se chegar a fins justos devem seguir-se os caminhos justos.

Lançarote passava tempos esquecidos a caminhar duma ponta a outra do seu quarto, perseguido por todos estes pensamentos. Olhando a espada, fiel e constante companheira da sua vida, feriu-o uma profunda amargura: não estava aí a maior condenação do cavaleiro? A espada era não um instrumento de amor, não um archote de paz, mas a foice da morte, o fogo com que se as batalhas incendeiam.

Só agora Lançarote pensa que «grandes cavaleiros» são aqueles que melhor e em mais quantidade sabem matar e que todos os fidalgos aspiram a ser grandes cavaleiros.

Como poderá, assim, haver um mundo de paz, um mundo de alegria e de beleza?

Lançarote pára de subito no meio do quarto, com os olhos caídos no soalho. A ideia que acaba de lhe vir ao cérebro enche-o de angustia. Tal como se o mundo começasse a ruir á sua volta. Ainda procura opor-se aos seus pensamentos, mas sente que não pode; a verdade, verdade é que os cavaleiros (não fala nas excepções, fala na maioria) se servem da espada em defesa dos seus exclusivos interesses, para conquistar mais terras, para saquear os bens dos camponeses, para obter resgates daqueles a quem fazem prisioneiros.

Afinal a todos estes tristes desígnios se reduz o papel do cavaleiro.

*

Assim passava Lançarote o melhor dos seus dias, quando uma noite, á hora do jantar, sentados ao redor da mesa senhorial, a jovem castelã lhe perguntou:

— Senhor Lançarote do Lago, quando partiremos a castigar Turquino Mão de Ferro?

O cavaleiro estremeceu.

— Quando?... — disse, como uma pessoa que estivesse numa encruzilhada e não soubesse que caminho a seguir. — Quando?...

Logo, porém, veio ao de cima a sua profunda honestidade:

— Parece-lhe que me terei esquecido da minha promessa, não é?

— Oh! de... de forma nenhuma... — gaguejou a jovem.

— Não julgue que me ofendo.

— Mas...

— Está a dizer a verdade. A morte de Svein deixou-me uma enorme angustia. Sempre cuidei que o papel do cavaleiro era o mais belo, o mais util que se podia imaginar; e agora vejo que isso não é verdade.

— Não é verdade? — admirou-se a jovem.

— Sim, minha senhora. O cavaleiro é como uma ave de mau agoiro que só traz consigo mortes, guerras, destruições.

— Mas não os Cavaleiros da Távola Redonda! — exclamou a jovem, com entusiasmo. Esses combatem para se opor precisamente aos cavaleiros que fazem da espada um instrumento dos seus interesses pessoais.

A velha castelã que, até aí, se mantivera calada, bateu imperiosamente com a faca no tampo da mesa para mandar a filha calar-se. Em silêncio, varou durante segundos o cavaleiro com o seu olhar dorido; depois disse, quase silabando as palavras:

— Achais que Turquino Mão de Ferro não deve deparar com um nobre cavaleiro que para sempre lhe arrefeça a espada? E' mais justo deixá-lo á solta, a tecer emboscadas aos cavaleiros honestos e a perseguir as gentes indefesas?

A respiração da velha senhora tornou-se sibilante. Por alguns minutos (minutos ou séculos) caiu entre eles o silêncio. Lançarote não suportava o olhar da castelã e pousou os olhos na mesa. Os musculos da face contraiam-se nervosamente. Por fim murmurou como se falasse para si, apenas:

— Para amar a humanidade será forçoso odiar os homens?

Novo silêncio. Depois:

— Deve ser isso... deve ser isso... Terei de odiar Turquino, que matou Svein e continuará a matar enquanto...

— ...Enquanto não lhe tolherem o braço — conclui a fidalga, abrindo muito os olhos.

*

Ao outro dia de manhã Lançarote mandou aprontar o cavalo, correger a espada e inquiriu sobre os caminhos que levavam ao castelo de Turquino Mão de Ferro.

— Eu irei convosco — disse a jovem castelã.

— Não penseis nisso...

— Vou cavaleiro. Prometi que iria. Quero trazer comigo meu pai, se ainda for vivo.

A velha senhora ergueu a mão e abençoou a filha. Desta forma Lançarote não pode objectar mais nada e uma hora depois partia acompanhado da moça para a mais terrível missão que lhe fora dado enfrentar.

Pelo caminho iam-se, informando junto dos camponeses qual o melhor trajecto a seguir; e nos olhos da gente simples acendia-se sempre um fogacho de pavor: procuravam Turquino, o cavaleiro maldito?

E diziam, com o coração nas mãos:

— Ah! meus senhores, que tal não fareis. Todas as estradas e atalhos que vão dar ao castelo do Cavaleiro Maldito estão guardadas por dragões e todos os bichos ferozes.

Então Lançarote, sorrindo, exclamava:

— Temos de acabar com tudo isso, meus amigos! O mundo precisa de paz.

Ora não se deve esconder que ouvindo tais palavras os camponeses ajoelhavam e, de mãos postas, exclamavam:

— Ai, a paz, a paz, Senhor! Trazei-nos a paz, senhor...

E Lançarote sentia mais força no seu coração.

(Continua)

Concurso da semana

CONCURSO DAS ADIVINHAS PORTUGUESAS

Eis mais uma velha e bonita adivinha portuguesa, tirada do livro «Qual é a coisa, qual é ela?»:

Verde foi meu nascimento
E de roxo me vesti;
Na cabeça me puzeram
Uma coroa de rainha
De dentro de mim tiraram
Cento e uma pérola fina

As respostas com o nome, data de nascimento, morada e menção dos 3 artigos que mais lhe agradaram esta semana, devem estar no «Juvenil» até ao próximo dia 24 de Julho.

SOLUÇÕES DOS CONCURSOS DO N.º 113: GIGANTES DA HUMANIDADE: VERDI; GENTE NOSSA: BEIRA-ALTA.

PRÉMIOS

1. — Amigo 1495 — Jorge da Silva Santana (Loulé).

2. — Amigo 1133 — António Manuel Bandeira (Faro).

3. — Amigo 1435 — M.ª José Brito e Cunha (Sintra).

4. — Amigo 1584 — Goetan Martins de Oliveira (Lisboa).

5. — Amigo 182 — António Maurício Esteves (Figueira da Foz).

6. — 1373 — M.ª Fernanda Canede de Araujo (Lisboa).

7. — Amigo 1652 — Eurico Queiroz (Lisboa).

8. — Amigo 1653 — M.ª da Graça de Almeida Amaro Pinto (Coimbra).

9. — Amigo 939 — Ana M.ª Canhão (Lisboa).

10. — Amigo 1629 — João Crucho (Lisboa).

11. — Amigo 1237 — João Fernando Santos Mendes (Estoril).

12. — Amigo 1162 — M.ª Margarida Leote Cavaco.

13. — Amigo 1135 — José António Cipriano (Paderne).

14. — Amigo 1650 — António Dias Ferreira (Lisboa).

VENCEDORES

1. — «ATENÇÃO AOS ROBOTS», da colecç. Os Grandes Romances de Ficção Cientifica, de Livros do Brasil, Ld.ª.

2 a 5 — «O NOVO DIA», da colecç. MINIATURA, Livros do Brasil, Ld.ª.

6 a 9 — «AS NEVES DO KILIMANJARO», da col. Miniatura, Livros do Brasil, Ld.ª.

10.—«O VELHO E O MAR», coleç. Miniatura.

11. — «UMA NEGRINHA À PROCURA DE DEUS», colec. Miniatura, Livros do Brasil, Ld.ª.

12 a 14 — «RATOS E HOMENS», coleç. Miniatura, Livros do Brasil, Ld.ª

PRÉMIO ESPECIAL PARA O MELHOR TRABALHO SOBRE VERDI:

15. — Amigo 1651 — Vitor Manuel Dias Ramalho Alves (Lisboa).

15.—«CONTRAPONTO», de Aldous Huxley e «AS NEVES DO KILIMANJARO», da coleç. Miniatura. São ambos dois belos livros de Livros do Brasil, Ld.ª.

Muita atenção!

Os nossos Amigos de Lisboa e arredores a quem saiam prémios nos concursos semanais devem ir buscá-los, cinco dias depois da publicação dos resultados á Avenida de Roma, 78, 2.º Esq.ª.

Os Amigos da província continuarão a receber os seus prémios pelo correio.

Amigos de menos de 15 anos!

precisamos da vossa colaboração

Vamos dentro de pouco tempo proceder a uma remodelação no «Juvenil», a fim de que ele corresponda por completo aos interesses dos nossos leitores. Vamos dividir o Suplemento, de forma mais clara do que estava sendo feito, em dois: as páginas de fora, para os jovens maiores de 15 anos; as páginas de dentro, para os mais novos que essa essa idade.

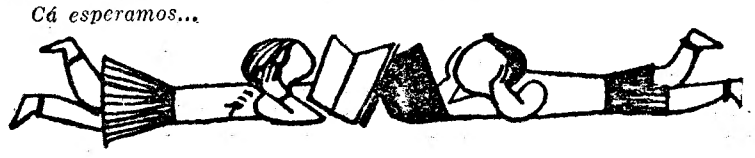
A lista dos vencedores dos concursos passarão a vir em separado — os dos mais velhos, nas páginas dos mais velhos; os dos mais novos, nas páginas dos mais novos. A correspondência (Diário de Bordo, A Conversa da Semana, etc.), terá também secções separadas.

Estamos certos de que, desta forma, todos os nossos amigos encontrarão o que desejam — leituras, concursos, artigos de divulgação a seu gosto. Claro que tudo isto não significa que os nossos Amigos não possam ler todo o Suplemento; se encontrarem prazer nisso, porque não hão-de fazê-lo? Por um lado há muitos jovens que têm uma idade mental superior á do cartão de identidade; por outro, não há ninguém que não saiba que os adultos gostam imenso de ler a literatura para jovens (nesse caso, porque não hão-de os maiores de 15 anos ler com prazer o que se escreve para mais novos do que eles?)

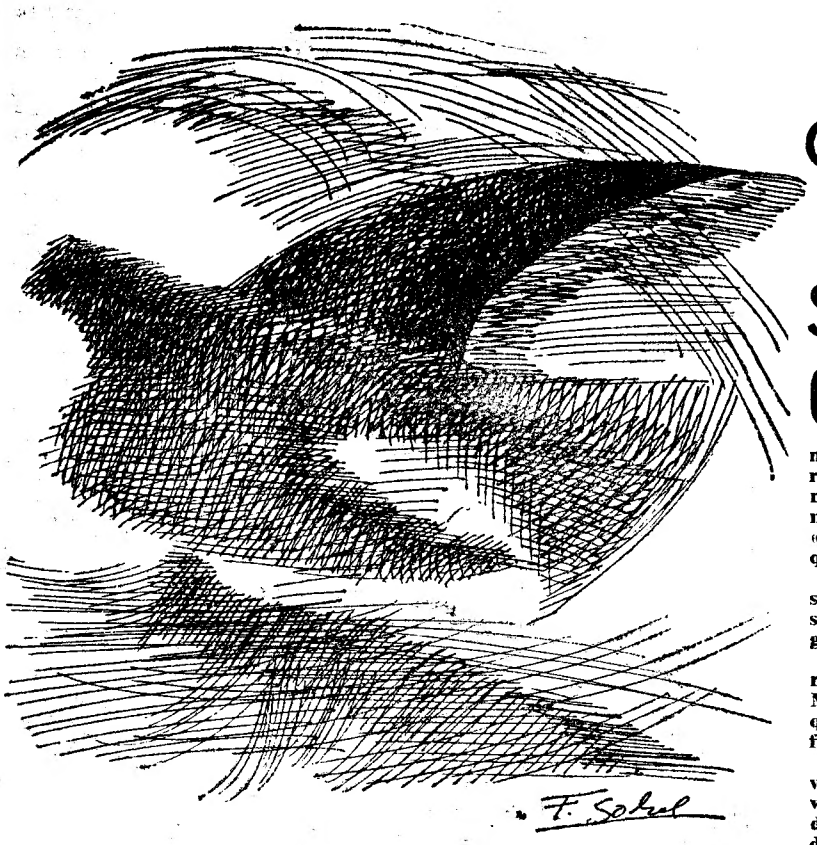
Mas esta alteração, há muito indicada, necessita da colaboração de vós, amigos menores de 15 anos! Mandem-nos trabalhos, — histórias, poesias, aventuras, pedidos de divulgação cultural. O «Juvenil» será «vivo» se os nossos leitores forem «vivos» também...

Mandem-nos sugestões, críticas para a vossa secção «A Conversa da Semana». Façam o que estão fazendo os mais velhos.

Cá esperamos...



O «Diário de Lisboa Juvenil» publica-se para ti, aos sábados



POEMA

Por ANTÓNIO DEGOIS PEREIRA (16 anos)

VI-TE UMA VEZ
APENAS UMA
MAS ESSA VEZ
BASTOU PARA MIM
AGORA NÃO TE VEJO
MAS MEU PENSAMENTO
ESTÁ EM TI
E TU
LÁ TÃO DISTANTE
NÃO HOUVES
NÃO VÊS NEM SENTES
O QUE TE DIGO

AMIGO N.º 1494

A CONVERSA DA SEMANA

CONTINUAMOS a registar com interesse sempre crescente as opiniões, as críticas, as ideias dos nossos leitores, quer estejamos ou não de acordo com elas. Queremos assim que os jovens encontrem nesta secção uma tribuna onde livremente manifestem o que pensam do seu «Juvenil» e sugiram o que desejariam que ele fosse.

A «Conversa da Semana» é um Conselho de Redacção do Juvenil — e, por seu intermédio, poderão os nossos Amigos ajudar a dirigir o seu jornal.

Publicamos hoje o depoimento do nosso velho Amigo n.º 122, António Maurício Esteves. Não fazemos qualquer comentário esta semana, por nos faltar o espaço.

Por desejar ardentemente que o Juvenil ocupe posição de relevo na Juventude Portuguesa, vou fazer, usando da máxima franqueza, algumas considerações sobre este suplemento do «Diário de Lisboa».

Não se poderia acrescentar mais uma folha ao Juvenil? Estou convencido que, se o «Diário de Lisboa» fizesse mais esse sacrifício, grande certamente, o Juvenil ocuparia uma posição de mais realce na vida dos jovens. Na verdade, o actual suplemento tem um numero insuficiente de páginas, para poder publicar maior numero de artigos sobre os problemas que tanto interessam os jovens, como por exemplo a biografia pormenorizada dos Gigantes da Humanidade dignos desse nome, focando detalhadamente as suas ideias sociais, políticas, religiosas, etc. Não seria também interessante se houvesse semanalmente um noticiário que desse não só novidades literárias, como também artísticas e científicas?

Quanto ao inquérito, concordo com a ideia do Juvenil publicada no n.º 1 da «Conversa de hoje» do ultimo numero. Acrescento no entanto que seria interessante se houvesse, por parte do Juvenil, um comentário geral e final sobre as respostas desse inquérito.

Sobre os concursos, concordo igualmente com as medidas que o Juvenil vai tomar.

DIÁRIO DE BORDO

são já bastantes, torna-se morosa a consulta do ficheiro para verificar o n.º de cada um. Será para nós muito mais simples, se todos indicarem, na sua correspondência, o numero de ficheiro. Claro está que, quando o esqueceram, isso não é razão para que não respondam. Mas os esquecidos são, certamente, muito poucos.

Amigo 1153 — António Manuel Bandeira (Faro): Manda dizer qual foi o livro que não recebeste. Os livros estão em dia, com excepção daqueles que não foram, até agora, levantados. Mas é possível que se tenha extraviado. Se indicares o nome, poderemos solucionar o assunto.

Amigo 1378 — Maria Manuel Cambom (Lisboa): Mas claro que temos o máximo prazer em publicar desenhos vossos. Mas devem ser feitos a lápis preto ou tinta da China. Quanto aos teus contos, foram mais fracos que os anteriores e, por isso, têm ficado um pouco para trás. Mas o crítico se referirá a isso, muito em breve.

Amigo 1542 — Bela Silva Santana (Loulé): Vê se fixas o numero. E para a outra vez, não te esqueças de concorrer; aproveitarás o postal.

Amigo 1638 — Maria Martinho (Lisboa): Aqui tens o teu numero.

Amigo 1494 — António Degois Pereira (Lisboa): Gostaria que mandasses os trabalhos num papel um pouco mais cuidado. Será possível? Sabes que os trabalhos ficam arquivados e com o decorrer do tempo, ficam com muito pior aspecto. Quanto aos prémios, podes levantá-los até ás oito horas, se indicares o dia em que apareces. Não é problema o horário de emprego, portanto.

Amigo 1654 — Mário Marques (Lisboa): Os dados são insuficientes. Manda a morada completa.

Amigo 1655 — M.ª da Luz Vieira (Coimbra): Manda a direcção completa. Sobre os versos, espera a opinião do crítico.

Amigo Luís Gabriel Barros Salazar (Mirandela): Manda a idade, nome completo, morada, e o que fazes (se estudas ou estás empregado e em quê).

Amigos entrados esta semana

1650 — António da Silva Dias Ferreira (Lisboa); 1651 — Vitor Manuel Ramalho Alves; 1652 — José Garcia Abreu (Mangualde); 1653 — M.ª da Graça Almeida Pinto (Coimbra); 1654 — Mário Marques; 1655 — M.ª da Luz Videira (?).

O génio precursor

Goya é um génio profundamente inovador, não apenas do ponto de vista formal, mas também no que respeita ao conteudo e ao assunto da obra de arte.

No ponto de vista formal — Goya é o precursor de muitos aspectos da arte moderna, um revolucionário para o qual nenhuma via nova era interdita.

No ponto de vista do conteudo — seu espírito infinitamente renovador trouxe para a Arte inumeras matérias novas e tratou as antigas de forma profundamente diferente (veja-se o quadro da família real espanhola, em que o pintor teve a audácia de apresentar na tela um monte de imbecis e tarados).

Muito da vida do seu tempo revive na sua monumental obra: festas, touradas, fuzilamentos, as tragédias e brutalidades da guerra — as grandes coisas e os nadas da vida.

Tudo isto e ainda a existência do Mestre espanhol nos é revelado com toda a seriedade documental, arte e poder sugestivo por Antonina Vallentim, que os nossos leitores já conheciam através da sua excelente biografia de Picasso.

«GOYA» é o volume n.º 12 da Colecção «VIDA E CULTURA», editada por Livros do Brasil, Ld.ª

A amiga Foca, do Zoo de Paris, abriu a boquinha para lhe darem uma boa dose de água

O que pensam os jovens

(Continuação da página anterior)

a mesma sinceridade que nos transmite a sua mensagem. Da sua parte não há qualquer procura de artifício. Não tenta, por meios «detournés», persuadir-nos daquilo que ele não pensa. O ouvinte não se deixa, aliás, iludir: Hemingway mostra bem a diferença que o publico faz entre o toureiro que verdadeiramente se arrisca e aquele que se inclina, á passagem do touro, para levar a que acreditem na sua bravura. Ele sabe distinguir o verdadeiro do falso, mesmo quando o primeiro é brutal e o segundo refinado. A diferença que existe entre uma peça de «jazz» e uma destas numerosas obras musicais tão delicodoces é a mesma que opõe um livro como «Ratos e Homens», de Steinbeck, á «Princesa de Clèves».

Eis agora o comentário do professor Jean-Louis Bory, que atribui ao

(Continua na página seguinte)

A lição da abelha

Peça Infantil de

MÁRIO CASTRIM

CENA I

(MANUELA)

Manuela — Vou buscar a Nonó para brincar comigo. Preciso de penteá-la e de passar a ferro o vestidinho dela. Depois de brincar com a boneca vou ao jardim apanhar umas flores. A seguir vou estampar as figuras que o padrinho me deu. Depois... (Com um ar de reprovação) Depois? O' Manuela!, e o estudo para quando fica? E' so brincar? Só brincar? E a lição? (Desconsolada)—Pois é, a lição. Falta-me a coragem. O livro é tão grande, tão grande que nunca o acabo. Mal dou uma página por semana...

CENA II

(MANUELA E MÃE)

Mãe—Bons dias, Manuela.
Manuela—Bons dias, mãezinha. **(Beija-a)**
Mãe—Que estavas tu a fazer?
Manuela—Bem, eu estava a...
Mãe—Já sei. Estavas a estudar...
Manuela—Mãe, eu não quero mentir.
Mãe—Mas agora vais estudar, não é assim?
Manuela—Eu... Eu...
Mãe—Vamos lá a ver, Manuela, tens sete anos, já és uma senhora, e com a tua idade, se brincar é bom...
Manuela—Lá isso é, mãe.
Mãe—...estudar também tem a sua graça. Por exemplo: já sabes escrever a palavra pai?
Manuela—Começa por um p...
Mãe—E a seguir?
Manuela—Começa por um p... Começa por um p... E agora?
Mãe—Agora é um a. E depois um i. Assim, queres ver? **(Escreve com o lápis no caderno)**—Ora lê: Pai.
Manuela—Pai.
Mãe—Agora escreve tu, anda. Isso tal qual. Vês que ficou bonito?
Manuela—Ficou, não, já era. O pai é o homem mais bonito que conheço.
Mãe—Isso é verdade. Mas ainda será mais bonito quando estudares a lição.
Manuela—Com certeza?
Mãe—Com certeza. A alegria faz as pessoas bonitas.
Manuela—Então, vou estudar.
Mãe—Ainda bem. Até já, sim? Vou á cozinha, senão o comer estraga-se.
Manuela—Até já, mãe. **(A mãe sai)**

CENA III

(MANUELA)

Manuela—Bem, vamos lá, estudar. Mas que livro tão grande! Poderei eu, alguma vez, chegar ao fim dele? Não acredito. A ler letra por letra nunca mais lá chego. O melhor, mesmo, é não começar. chegar a minha casa bato-as mais vezes do que as letrinhas todas desse livro.

Manuela—Acredito. Mas não gostavas de voar mais depressa e bater as asas menos vezes?

Borboleta—Não. Para quê? A gente, voando devagarinho, vê melhor as coisas. Repara como eu faço. Vou adiante, volto atrás, ando á roda... Quero admirar tudo.

Manuela—Deves ter muita paciência.

Borboleta—Isto não é nada. A abelha, por exemplo, bate as asas muito mais depressa do que eu. Ora escuta... Parece que estou a ouvi-la...

CENA V

(MANUELA, BORBOLETA E ABELHA)

Abelha—Zzzz..... zum.....
que vida gostosa
que doce travo
pousar no cravo
descer na rosa
as asas bolem
cá vai o pólen
não fica nenhum
no cravo e na rosa.
Que vida gostosa...
Zzzz..... zum...

Manuela—Que linda voz tem a abelhinha! Onde estás, abelhinha?

Abelha—Estou aqui na jarra das flores.

Abelha—Já trabalhei. E' por isso que canto. Hoje fiz um bom trabalho. Levo o saco cheio de pólen.

Manuela— Para onde?

Abelha—Para a colmeia.

Manuela—Deves trabalhar muito...

Abelha—Oh, muito, não imaginas. O pólen é feito de milhões de sementezinhas quase invisiveis.

Manuela—Como é que o apanhas, abelhinha?

Abelha—Apanho uma sementezinha de cada vez.

Borboleta—Vê tu bem, Manuela. E' como se quisesses encher esta jarra de areia apanhando de cada vez um grãozinho.

Manuela—E... consegues apanhar tudo, abelhinha?

Abelha—Claro que consigo. Mas não faço tudo de repente. Amanhã volto cá, e depois de amanhã também. E depois de depois de amanhã. E depois de depois de depois de...

Manuela—Basta, basta. E não te aborreces?

Abelha—Aborrecer-me, eu? Estás enganada. Gosto tanto de juntar o pozinho como tu gostas de juntar as letrinhas desse livro. As letrinhas, depois de juntas, dão lindas histórias; este pozinho vai dar... sabes o quê?

Manuela—Não, não sei.

Abelha—O mel! Dá o mel...

Manuela—O mel? Que interessante! Quem diria... O mel que a vocês custa tanto a fazer e que a nós não custa nada a comer...

Abelha—Pois é, Manuela. Mas agora abre a janela, que preciso de me ir embora.

Borboleta—E eu também. Adeus Manuela.

Manuela—Adeus.

(Manuela abriu a janela. A abelhinha saiu, mas de repente lembrou-se de qualquer coisa e voltou atrás).

Abelha—Queres fazer uma combinação comigo, queres?

Manuela—Pois sim.

Abelha—Olha, daqui a três meses venho visitar-te. Eu trago-te um favo de mel e tu, em troca, lês-me uma história do teu livro. Está bem?

Manuela—Está bem. Combinado.

Abelha—Então, adeus.

Manuela—Adeus.

CENA IV

(MANUELA E A BORBOLETA)

Manuela
abre a janela
abre a janela
quero-me ir embora
quero-me ir embora
e bater a asa
quero ir embora
para a minha casa.

Manuela—Quem está a cantar tão bem?

Borboleta—Sou eu.

Manuela—Eu quem?

Borboleta—A borboleta Mil Cores. Ando aqui á tua volta.

Manuela—Olá, Mil Cores. Que bonita estás! Sempre queres que te abra a janela?

Borboleta—Pois quero. Não gosto de estar sem fazer nada. Como vês, nunca paro.

Manuela—Sim, bem vejo. E moras muito longe?

Borboleta—Moro no campo.

Manuela—Ah, mas é muito afastado, não é?

Borboleta—Isso é. Mas não me importo. Até gosto de ir por aí, batendo as asas.

Manuela—E tens de bater as asas muitas vezes?

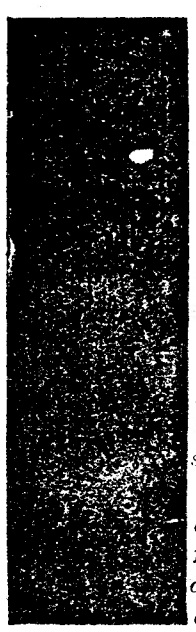
Borboleta—Oh, muitas. Só para

CENA VI

(MANUELA)

Manuela—Agora tenho mesmo de estudar, para não faltar á combinação. Afinal, o livro não é muito grande. Comparado com o trabalho da abelha é mesmo uma brincadeira. Vamos a isto. (Soletra):—A Ma ri a é u ma me ni na m ui to pobre. Ponto final. E la... Uma linha já está. Foi depressa, não foi? Pudera não! Um favo de mel não se pode perder...

CONCURSO
GIGANTES DA HUMANIDADE



O grande pintor flamengo, de que hoje publicamos o auto-retrato e o quadro seu em que pintou os filhos, nasceu em 1577 e morreu no ano em que Portugal recobrava a sua independência — 1640. Dele disse Taine: «Entre os pintores flamengos um parece apagar todos os restantes; na verdade, nenhum nome é maior na História da Arte e, apenas, nela existem três ou quatro nomes assim grandes».

Pintor da alegria, da vida, opulento e pagão — é bem o representante duma Holanda burguesa, forte pelo comércio marítimo, e por um conceito de existência totalmente diferente do que vigorava nos países da Contra-Reforma.

Respostas até ao dia 24 de Julho, acompanhadas do nome, morada, data de nascimento e numero de ficheiro dos concorrentes (caso já o tenham) e indicação dos três artigos que mais lhes agradaram no «Juvenil» desta semana.

O que pensam os jovens

DESCRENÇA E DESCONFIANÇA

(Continuação da página anterior)

trabalho do jovem Gramain a classificação de 16 valores:

«MUITAS LEITURAS»

«Interessante: procura tranquilizar-se do seu amor pelo «jazz» — que poderia passar, parece temê-lo, por um amor da desordem. E invoca razões lógicas — que se resumem numa explicação tenebrosa. O que me agrada. Você fala com fogo duma coisa que ama; tem boas leituras. Apenas uma observação de pormenor: a «Princesa de Clèves» será para si uma obra «delicodoce»?

*

Como de costume, os nossos amigos deverão fazer um comentário ao trabalho do vosso colega francês e á crítica do professor.

A melhor crítica será premiada com dois bons livros.

Qual o objectivo deste concurso?

Estimular os nossos jovens leitores a pensar, a fazer críticas, a expor as suas ideias; premiar, apenas pelo seu valor e não por sorteio, os mais cultos e mais capazes; levá-los a vencer complexos e receios; e, finalmente, proporcionar-lhes, da nossa parte, uma crítica compreensiva ao seu esforço.

E' preciso que os nossos jovens amigos correspondam.

*

O vencedor desta semana (numa crítica ao depoimento de Nicoles Polin sobre a «Seriedade na vida») foi o Amigo n.º 1436 — Armando Pereira da Silva, de 18 anos (de Aveiro).

(Continuação da 1.ª página)

é bastante consolador e vem de certo modo contrariar a opinião de descrédito lançada sobre a juventude.

No fim da audição tive então o prazer de recolher algumas opiniões da mestra, da artífice de tais promessas, Antónia Collaço. Foi muito amávelmente que me recebeu, prontificando-se a responder a algumas perguntas. Assim, disse-me trabalhar há já muito tempo com a juventude, despertando nela o gosto pela musica. «Desde muito nova», segundo me afirmou, «e porque então a melhor maneira de me aperfeiçoar, era precisamente ensinar aqueles que estavam mais atrasados». Perguntando eu qual a idade em que se deveria principiar a educação musical da criança, respondeu-me tornar-se isso apenas possível a partir dos cinco anos. «Só então a sua sensibilidade adquire o desenvolvimento indispensável ao ensino da musica».

— E pensa que esta nova geração tenha uma predisposição especial para a musica ou pelo contrário é mais difícil a educação da sua sensibilidade artística?

Antónia Collaço respondeu-me prontamente:

— Todos estes jovens têm bastante talento. Se realmente, hoje em dia, se nota uma certa quebra da arte musical é porque o ambiente não favorece e as condições de vida não o permitem. E' raro o rapaz ou a rapariga que deseje ser apenas musico durante toda a sua vida. E os estudos e a vida apressada dos tempos modernos são obstáculos que temos de enfrentar.

E na verdade assim é. Esta falta de ambiente apropriado e a apatia deliberada daqueles que se intitulam educadores, estão a reflectir-se num crescente abandono não só da musica mas de todas as outras artes. Seria agora insensatez inculpar as novas gerações desse facto, que mais não é que o resultado de um conjunto de causas anteriores.

Perguntei seguidamente a Antónia Collaço se antevia em alguns daqueles jovens grandes nomes do futuro. A resposta foi bastante clara: «Tudo está ao alcance deles, se realmente quiserem continuar a estudar e se se dedicarem com amor á musica».

Continuámos a conversa, inquiri das suas aspirações e soube ser o ensino do cravo um dos seus maiores desejos, ainda mais que o piano, que já ensina há muito tempo. Falando de projectos, teve um sorriso de professora abnegada e devotada inteiramente á música: «Continuar... continuar sempre a ensinar».

A entrevista estava terminada. Despedi-me desta amável e verdadeira educadora e já nas ruas de Lisboa, aspirando o ar morno dessa noite de Verão, pensei como se enganam os que menosprezam e qualificam esta juventude de «geração perdida». «Auch'io sono pittore», não pôde deixar de exclamar o jovem Corrégio quando se viu diante da Santa Cecília de Rafael. E não são poucos os rapazes e raparigas que ruminam essa frase no seu íntimo. E eu também sou pintor. E eu também sou musico. E eu também sou poeta. E eu também sou Homem; «...e nada do que é humano me pode ser estranho».

Com tais valores não há razão para tanto descrédito. Duas guerras mundiais quase seguidas puseram a civilização ocidental em ruínas e lançaram a angustia e a indiferença em todos nós. Mas as nova gerações hão-de trabalhar, hão-de construir um mundo melhor, hão-de lutar com afinco pelo Progresso da Humanidade.

Confiemos...

JOSÉ CARLOS J. DE MORAIS
(AMIGO N.º 338)

APESAR DE MACERADA CONTINUAMENTE PELO MAIOR CANCRO DA HUMANIDADE, O MEDO — A JUVENTUDE É MAIS VIRTUOSA DO QUE NUNCA,

— diz-nos o vencedor desta semana.

Comecemos pela crítica do professor. E procuremos analisar aquela sua frase «E move-se um processo de imoralidade á nossa juventude! Jamais ela foi tão virtuosa» — que é, na realidade, a afirmação mais contundente e aquela que pode dar lugar, com mais razão, a questões libelárias.

Terá razão, o professor Curtis? Não há duvida que, face ao texto, a sua classificação «très moral» foi justa. E a composição da Nicole Polin (Polin ou Pilon?) não é só moral, mas é verdadeira e precisa. Os seus conceitos sobre a Vida e a maneira como deve ser vivida são tão adequados que me surpreenderam, vindos duma rapariga de 16 anos. E surpreenderam-me porque, sobretudo, são conceitos que eu próprio tinha — todos nós tínhamos — e nunca soubemos aclará-los.

Aquela afirmação «jamais foi tão virtuosa» e mesmo a antecedente, podem, com certeza, dar lugar a desaprovações daquela juventude de há 50 anos, que viveu sem as preocupações, os problemas, os anseios, e sobretudo sem o «medo» dos jovens de hoje. Podem alegar que é um contra-senso desvirtuar uma mocidade de punhos de renda e pés de alcatifa, que namorava da altura dum 2.º ou 3.º andar, que escondia o mais pudicamente possível os contornos carnais numa estufa de roupa e na igreja, e que partia para uma guerra longínqua de que os jovens tomavam conhecimento através de narrações romanticas e, na maior parte das vezes, mentirosas...

...Quando, em contrapartida, a rapaziada de hoje é constituída por uma quantidade de extraviados, com os malfadados «teddy-boys» e os jogos selvagens tipo «Sementes de violência». Os «hurras» infernais dos campos de futebol e a forma incrível como as raparigas se vestem. A aproximação, cada vez mais irresistível, entre os jovens dos dois sexos, e até a maneira descarada (descarada — eis a questão!) como as raparigas fumam e todos os jovens procuram debruçar-se sobre os seus próprios problemas, procurando-se «a si mesmos» e pedindo aos pais para os tomarem a sério...

Ora, analisando estes dois contrastes, temos que dar razão ao professor Curtis: a juventude dos nossos dias é mais virtuosa que nunca, pois apesar de macerada contínuamente pelo maior cancro da Humanidade, que é o medo, e pela inconstancia duma vida intensa e arrasante, ainda consegue ter «virtude», ainda luta pelo BEM e por uma VIDA que se lhe quer negar a todo o momento.

A juventude da nossa hora tem, sobre as suas antecessoras, a grande vantagem, ou... desvantagem, tanto no campo espiritual como no material, de viver agarrada á tragédia humana que preenche os nossos dias. Sofre a par dos adultos — os adultos que provocam esse sofrimento — e mais do que eles, porque a mocidade é a maior vítima dos erros da Humanidade. E se a juventude actual não fosse boa e virtuosa, se não tivesse a moral, a capacidade de sofrer, a força que a Nicole Polin nos mostra, pobre do mundo de amanhã!...

A nossa colega francesa — criança de 16 anos — mostra áqueles que, já adultos, se deixaram cair no seu próprio «jogo» ilegal, na «batota» que empregaram quando podiam ter feito «jogo limpo» com a vida, a asneira que fizeram.

O arrependimento dentro do «impossível», é uma vida, que podia ter sido preciosa, reduzida a frangalhos, inutil, vazia como Job. E quando esse arrependimento surge, uns choram, outros atrofiam-se dentro dum mutismo impotente, e outros... outros... metem uma bala na cabeça.

E tudo porque, quando se podia ter tomado o caminho sonhado mas difícil, se enveredou por um atalho fácil mas insípido. Felizmente, todos os dias vemos exemplos de sacrifícios reconfortantes, em busca da meta sonhada, como o estudante pobre que palmilha quilómetros sob as intempéries, diáriamente, para assistir ás aulas, e «Natálias Rosas» que atravessam oceanos sonhados em busca dum Ideal. E muitos mais!...

O contrário, o contrário é o alpinista que subiu a montanha em teleférico, e lá esperou por aqueles que subiram pelos seus próprios meios...

Segue o comentário de Augusto da Costa Dias.

AVANÇAR NÃO É SÓ OLHAR PARA A FRENTE...

«A crítica — melhor diria, o veemente desabafo — do Armando da Silva tem fundas raízes de verdade e alguma incompreensão á mistura. Parece-me exacto resumir assim a minha ideia: «avançar não é só olhar para frente».

Que significa isto?

Que o verdadeiro inovador (não o cabotino) é aquele que não destroi o passado, mas que aproveita as grandes conquistas deste para assentar bem os pés na terra, no seu caminho para o futuro.

Numa querela de gerações, como a que o Armando atiça, os jovens da geração de Oliveira Martins reprovaram a Herculano o este, e os camaradas do seu tempo, não terem chegado «mais longe». O grande batalhador e grande caracter respondeu-lhes que sim, que não tinham ido mais longe, que só tinham ido mesmo onde era possível; no entanto (lembrou), convinha não esquecer um facto fundamentalíssimo na vida do tempo, e em toda a História portuguesa: se os jovens da geração de Oliveira Martins podiam propagandear ideias republicanas no tempo da monarquia, se possuiam liberdade de pensamento e de expressão — tal facto deviam-no á circunstancia de os jovens do tempo de Herculano terem combatido de armas em punho, terem sofrido o pavor da morte, da luta fratricida, dos piolhos nas trincheiras, da fome e da miséria no exílio.

Somos, normalmente, um pouco imodestos connosco próprios: os que dobraram o limite da juventude, enquistam-se num conservantismo que os cega para a compreensão das novas gerações; estas, ante a animosidade e os obstáculos com que deparam, esquecem a herança que receberam.

E' verdadeira (pelo menos em parte) a crítica que o Armando Pereira faz aos «já adultos», que, das certezas em que assentam, procuram fazer o ultimo marco da perfeição; é verdade que as reacções dos jovens (boas ou más) são «também» o reflexo do ambiente que lhes proporcionaram: mas é preciso ultrapassar este estádio de reacção magoada; ultrapassá-lo pelo estudo, pela cultura, pela acção, pela independência crítica e pelo amor da grei.

O Armando pode estar certo de que muitos «já adultos» serão verdadeiros camaradas para ele. Deveremos lembrar o exemplo deste «Juvenil»?

Classificação: 16 valores.

*

Vamos enviar ao nosso Amigo Armando Pereira os livros seguintes:

«Prosa Doutrinal de Autores portugueses» (Antologias Universais da Portugália Editora).

«Que é o Ballet», por Tomás Ribas (Editorial Arcádia — Colecção Arcádia).